A Prosperidade à luz da Bíblia



José Gonçalves

A Prosperidade à luz da Bíblia





A Vida Cristã Abundante

José Gonçalves

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2011

Todos os direitos reservados. Copyright © 2011 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação cios originais: Daniele Pereira

Capa: Wagner de Almeida
Projeto gráfico: Fagner Machado

CDD: 248 - Vida Cristã
ISBN: 978-85-263-1104-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2011 - Tiragem 5.000

Apresentação

A Bíblia mostra claramente que Deus quer que seu povo prospere. Portanto, escrever sobre a prosperidade bíblica deveria ser uma atividade extremamente prazerosa e relativamente simples. E prazerosa, mas não é nem um pouco simples, por conta das muitas interpretações, comentários e interpolações que, ao longo dos anos, se somaram ao texto bíblico. Esse fato fez com que o entendimento sobre o que é prosperar ficasse totalmente mutilado e quase que irreconhecível.

A missão de demolir o falso conceito acerca da prosperidade e reconstruí-lo na perspectiva das Escrituras Sagradas passou a ser uma ser uma importante missão do estudioso da Bíblia. A velha estrutura, construída com os conceitos equivocados sobre riqueza e pobreza, doença e saúde, precisa ser desfeita para que, em seu lugar, se descubra os reais alicerces que sustentam o edifício da verdadeira prosperidade bíblica.

A missão é, pois, de natureza apologética e exegética, todavia, mais exegética do que devocional; mais arqueológica do que teológica! Sim, isso porque são necessárias escavações profundas na teologia, na filosofia, na psicologia e sociologia para que se possa restaurar o conceito bíblico sobre a vida abundante. E nesse processo não tem como não mexer com entulhos. Entulhos teológicos que se somaram à genuína doutrina bíblica, resultando dessa estrutura uma excrescência que tem adoecido a fé de milhões de cristãos em todo o mundo.

Foi pensando nisso que me propus a escrever este livro sobre a prosperidade bíblica. Minha intenção inicial era fazer um trabalho de caráter devocional, tomando como ponto de partida o texto bíblico, que de uma forma tão clara aborda o assunto. Todavia, não há como escapar das centenas de promessas de prosperidade que dezenas de igrejas e pregadores da fé fazem diariamente na mídia. São apelos que vão desde uma simples promessa de cura até mesmo à transformação de um simples mendigo em um milionário!

Para que pudesse ter êxito nessa missão, além de me ater ao texto bíblico, fiz um amplo trabalho de pesquisa tanto no campo da teologia,

da antropologia, bem como também da sociologia. Sou devedor às obras de Roland de Yaux, Instituições de Israel no Antigo Testamento; de Hans Walter Wolff, Antropologia do Antigo Testamento, e também às obras Dicionário de Paulo e suas Cartas e o Novo Dicionário de Teologia Bíblica. Além dessas obras, destacam-se os comentários bíblicos, as enciclopédias e os diversos tratados sobre a teologia da prosperidade, que serviram de apoio a este livro.

Devo dizer, no entanto, que o texto não é perfeito, o que o torna aberto também às críticas. Todavia, procurei escrevê-lo sob a perspectiva da ortodoxia bíblica, o que resultou num contraste inevitável com conceitos heterodoxos da teologia da prosperidade. Mas estou certo de que a sua leitura ajudará o leitor a ter uma visão mais ampla da prosperidade bíblica, como também das distorções sofridas ao longo da história.

Que Deus o abençoe.

Pr. José Gonçalves
Teresina, Piauí, outubro de 2010

Prefácio

Recordo-me da primeira vez que li o nome "José Gonçalves da Costa Gomes". Foi em um artigo publicado na revista Ensinador Cristão[1] que versava sobre a necessidade de as escolas dominicais valorizarem o professor suplente que, como o autor afirmava no título, é "tão importante quanto o titular". Nessa época, o articulista exercia a vice-liderança da Assembleia de Deus em Altos, Piauí. Ainda em 2004, deparei-me com outros artigos do autor no Mensageiro da Paz, e passei a lê-lo também na extinta revista Resposta Fiel e na Manual do Obreiro. A boa produção de José Gonçalves, aliada aos temas abordados, bastaram para cientificar-me de que se tratava de um dos novos talentos literários que estava surgindo. Sua formação em filosofia e teologia proporciona as condições ideais para tratar de pontos que, entre nós, raramente são tocados.

No início de 2005, mais precisamente no mês de fevereiro, a seção de apologia do órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil apresentava um artigo de José Gonçalves, e então foi possível verificar que o autor não mais exercia a vice-liderança da igreja em Altos, mas tornara-se líder da Assembleia de Deus em Nossa Senhora dos Remédios, também em seu estado, o Piauí. A história que soube (vale dizer que não foi de sua boca), por intermédio de pessoas que o conhecem, é que José Gonçalves era funcionário público federal, com uma carreira promissora prematuramente abandonada para dedicar-se ao pastorado titular da referida igreja, situada no norte piauiense, em uma das cidades mais carentes de seu Estado natal. (A época, Nossa Senhora dos Remédios possuía uma população estimada em 7.797 habitantes.)

Nesse período, residia no Paraná e ainda não conhecia pessoalmente o pastor José Gonçalves, mas a partir de 2006 iniciariam as "coincidências" em nossas vidas. Nesse ano, tanto ele quanto eu

---

[1] *GOMES, José Gonçalves da Costa. Artigo:* **Tão importante quanto o titular.** Professor suplente deve receber oportunidades para se desenvolver no ensino, deixando de ser tratado como mero substituto. **Revista Ensinador Cristão.** *Ano 5, nº19. Rio de Janeiro: CPAD, Julho/Agosto/Setembro de 2004, p. 44,45.*

estreamos como autores de livros da Casa. Apesar de articulista há mais tempo (iniciei em 1999), a revista Lições Bíblicas, edição de mestre, do segundo trimestre de 2006, cujo tema foi "Heresias e Modismos — Combatendo os Erros Doutrinários", trouxe em seu encarte de lançamentos o anúncio de minha primeira obra — Marketing para a Escola Dominical — e, ao lado, a primeira de José Gonçalves: Por que Caem os Valentes?. Três anos depois, em 2009, a CPAD editou um trimestre de escola dominical sobre o inédito tema "Davi — As Vitórias e as Derrotas de um Homem de Deus', e o autor, José Gonçalves, também estreava como comentarista. Em virtude da abrupta decisão de publicar o comentário, o chamado "livro do trimestre", que acompanha as lições com a proposta de expandir os assuntos da revista e subsidiar os professores, não pôde ser produzido exclusivamente pelo comentarista, e então foi apresentada a ideia de este ser escrito a "oito mãos". A sugestão do chefe do Setor de Livros, pastor Alexandre Coelho, foi acatada pela direção executiva, e então o próprio Alexandre, juntamente com o pastor José Gonçalves, Esdras Bentho e eu produzimos a obra homônima da revista que, de tão bem aceita, acabou ganhando o Prêmio Areté, da Asec (Associação de Editores Cristãos), como o melhor livro de estudo bíblico do ano de 2009.

Desde então, apesar da distância, temos desfrutado de uma boa e saudável amizade que agora é novamente selada com o honroso convite do autor para que estivesse escrevendo algumas linhas, à guisa de prefácio, para esta sua nova obra que, à semelhança do livro Davi, tem a função de auxiliar os professores na tarefa de lecionar o tema da revista Lições Bíblicas do primeiro trimestre de 2012 — "A Verdadeira Prosperidade". O assunto é, equivocadamente, mais conhecido pelo viés da chamada "teologia da prosperidade", que no Brasil, ao longo de um pouco mais de duas décadas, tem tornado os evangélicos — e principalmente seus líderes — particularmente "conhecidos", é bom que se diga, de forma pejorativa.

O livro não se propõe a ser um libelo contra a malfadada teologia da prosperidade ou do "evangelho da saúde e da riqueza", como também é conhecida, mas uma defesa da "vida abundante" prometida por Jesus (Jo 10.10). O objetivo principal da obra é abordar a verdadeira prosperidade, fundamentada na Bíblia e sem os desatinos pregados

pelos anunciadores da prosperidade nos termos que aí estão. Uma exposição dessa natureza justifica-se, pois é impossível fechar os olhos e deixar de ver a transformação que a igreja evangélica brasileira sofreu. Tal mudança só conseguiu se concretizar por causa de um fenômeno, mencionado pelo doutor em sociologia e também pastor Alexandre Carneiro de Souza. Referindo-se a uma pesquisadora do estudo das religiões latino-americanas — Paula Eleta —, Alexandre Carneiro diz que "diante do desafio pluralista [ela] retom[ou] o termo bricolagem, [...], atribuindo-lhe sentido correspondente ao processo de reestruturação das crenças em vista da busca de compatibilidade cultural" Em termos diretos, isso significa que no mundo pragmático, do imediatismo e do *fastfood* espiritual, a mensagem cristã de vida eterna não tinha praticamente nenhum sentido no mercado das ideias; todavia, ao enfatizar uma vida nababesca para o presente, a mensagem torna- se rapidamente digerível, sendo agora desejada e acolhida, não pela salvação, mas pelas "vantagens imediatas" que ela promete proporcionar:

> E necessário perceber a amplitude da mudança a que foi submetida à fé pentecostal. A incorporação de valores de mercado no ambiente religioso requeria uma mediação que fosse capaz de justificar religiosamente as aspirações seculares, de maneira que o interesse religioso não fosse anulado. Assim, a estreita identificação entre a ética da crença e a lógica do mercado é realizada por uma nova teologia que atribui à fé o caráter instrumental, reajustando-a ao papel de agente instaurador de prosperidade.

Equivocadamente, Alexandre Carneiro diz que o "pentecostalismo contemporâneo fez a junção do campo religioso e do econômico por meio da teologia da prosperidade", e assim, "ambos passaram a ser vividos simultaneamente com paixão". Ninguém está hipocritamente propondo um estilo de vida franciscano, porém, é preciso reconhecer que a questão mais perversa dessa teologia da prosperidade talvez seja a ideia de que a quantidade de bens que alguém possui demonstra o quanto à pessoa desfruta da presença de Deus em sua vida. Desfazer o equívoco que acusa o pentecostalismo de ser o principal proponente das ideias de prosperidade nos moldes que ouvimos é também uma das tarefas desta obra. O pentecostalismo

clássico sempre foi composto por pessoas que estáo na base da pirâmide social e, evidentemente, que existe por parte de todos o saudável desejo de melhorar sua condição econômica, de forma honesta, sem apelações esdrúxulas envolvendo barganhas religiosas. E fato que há igrejas pentecostais clássicas que entraram na onda da teologia da prosperidade. Entretanto, não justifica a acusação equivocada do movimento todo; tal generalização é preconceituosa, tanto estatística quanto ideologicamente falando, além de ser uma conclusão epistêmica desonesta.

Em artigo sob o título "Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes", o bispo anglicano e cientista político Robinson Cavalcanti dissertou sobre este assunto. Falando acerca de pentecostalismo clássico e neopentecostalismo, Robinson Cavalcanti, disse que um "grande equívoco cometido pelos sociólogos da religião é o de pôr sob a mesma rubrica de 'pentecostalismo' [estes] dois fenômenos distintos".[5] E na sequência, afirmou:

> De um lado, o pentecostalismo propriamente dito, tipificado, no Brasil, pelas Assembleias de Deus; e do outro, o impropriamente denominado "neopentecostalismo", melhor tipificado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Um estudioso propôs denominar essas últimas de pós-pentecostais: um fenômeno que se seguiu a outro, mas que com ele não se conecta, pois "neo" se refere a uma manifestação nova de algo já existente. Correntes de sociologia argentina já os denominaram de "iso-pentecostalismo": algo que parece, mas não é. Lucidez e coragem teve Washington Franco, em sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Alagoas, quando classificou o fenômeno representado pela ÍLJRD de "pseudo-pentecostalismo": algo que não é. Um estudo acurado dos tipos ideais, Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, sob uma ótica sociológica, ou uma ótica teológica, nos levará à conclusão que se trata de duas manifestações religiosas diversas, que não podem — nem devem — ser colocadas sob uma mesma classificação. Ao se somar, a partir do Censo Religioso, esses dois agrupamentos, tem-se um alto índice de "pentecostais", constituídos, contudo, pelos que o são e pelos que não o são. Equiparar ambos os fenômenos não faz justiça à Igreja Universal e ofende a Assembleia de Deus.

Talvez este fato seja novidade para alguns, entretanto, o cientista político chama atenção para um "segundo equívoco dos analistas:

considerar a IURD e suas congêneres como 'evangélicas'". Segundo ele, essas próprias igrejas, "relutaram em se ver como tal, pretendendo ser tidas como um fenômeno religioso distinto, e terminaram por aceitar a classificação 'evangélica' por uma estratégia política de hegemonizar um segmento religioso mais amplo no cenário do Estado e da sociedade civil". Mas não podem continuar sendo tidas como evangélicas, pois "o evangelicalismo é marcado pela credalida- de histórica e pela ênfase doutrinária reformada na doutrina da expiação dos pecados na cruz e na necessidade de conversão, ou novo nascimento". Assim, a conclusão de Robinson Cavalcanti, é que se o "pseudo-pentecostalismo não é pentecostalismo, nem, tampouco, evangelicalismo, também não é protestantismo", pois o "discurso e a prática dessa expressão religiosa indicam a inexistência de vínculos ou pontos de contatos com a Reforma Protestante do século 16: as Escrituras, Cristo, a graça, a fé".

E preciso entender que muitas denominações são fundadas por dissidentes que saem dessas igrejas ou mesmo grupos independentes que surgem como que do nada. Estes acabam imitando as práticas da denominação a que pertenciam, mas não observam o conteúdo doutrinário que fundamenta o cristianismo. Assim, surge um segmento esotérico e sincrético que nada tem com o verdadeiro cristianismo (o qual é definido pela Bíblia e não pela minha igreja ou qualquer outra denominação), modificando completamente a forma de pregar e de viver o evangelho. Finalmente, em um país de tanta desigualdade social, ostentar opulência com a justificativa de que "Deus me fez prosperar", além de um acinte, é contribuir para o ateísmo e não apenas para o descrédito do evangelho. Sim, a teologia da prosperidade produz ateísmo, pois como amar e crer em um deus que dá tanto a alguns, enquanto outros vivem em condições subumanas? E o que você concluirá ao final da leitura deste livro. A teologia da prosperidade produz um deus que não é o Todo-Poderoso apresentado nas Escrituras. Este não recebe ordens de ninguém, e abençoa-nos não pelos supostos direitos que temos ou adquirimos, mas pela sua graça e bondade (At 17.24,25). Acima de tudo, a verdadeira prosperidade não se confunde com a ganância e a ambição do ter (Lc 12.15-21; 1 Tm 6.7-10,17-19), ela transcende a tudo isso e, aos olhos capitalistas é paradoxal, pois como retoricamente questiona Tiago: "não foi Deus quem escolheu os que são pobres aos olhos do mundo, para torná-los

ricos na fé e herdeiros do Reino que ele prometeu àqueles que o amam? E, no entanto, vocês desprezaram o pobre!"[11] (2.5,6).

César Moisés Carvalho
Rio, 4 de outubro de 2011

Sumário

Apresentação..... 5

Prefácio..... 7

Capítulo 1
Os bons prosperam; os maus também — A prosperidade no Antigo Testamento..... 15

Capítulo 2
A teologia do monte Gerezim — A obediência como fonte de prosperidade..... 29

Capítulo 3
A teologia do monte Ebal — A desobediência como fonte de maldição 43

Capítulo 4
Duas etnias, um só povo — Igreja: O Israel do Novo Testamento..... 55

Capítulo 5
"Ser" é melhor do que "ter" — A prosperidade no Novo Testamento 69

Capítulo 6
Jesus e a identidade dos verdadeiramente ricos — A prosperidade dos bem-aventurados..... 81

Capítulo 7
Paulo pode não ter dito o que você pensa que ele disse — O real sentido do "tudo posso naquele que me fortalece"..... 93

Capítulo 8
Muito mais do que possuir jumentos, prata e ouro — As bênçãos de Israel e o que cabe à igreja..... 105

Capítulo 9

Os deserdados e os herdeiros de tudo — A herança da tribo de Levi e o Sacerdócio Real 115

Capítulo 10
O mapeamento genético de um monstro — O surgimento da teologia da prosperidade 127

Capítulo 11
Quando "dar" é melhor do que "receber" — O dízimo e as ofertas como fontes de prosperidade material 139

Capítulo 12
O troco na troca — O perigo de querer barganhar com Deus 151

Capítulo 13
O viver em plenitude — Muito além das teologias da prosperidade e da miséria 165

1
Capítulo

OS BONS PROSPERAM; OS MAUS TAMBÉM —A PROSPERIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Um problema hermenêutico

Leonildo Campos (1997, p. 368) observa que os ensinos atuais sobre a prosperidade se baseiam quase que exclusivamente em passagens do Antigo Testamento. Ele fez a importante constatação que um famoso pregador da teologia da prosperidade citou: "38 trechos das escrituras judaicas contra apenas dois das escrituras cristãs, o que equivale a um índice de apenas 5% de citações de um, contra 95% do outro".

Não podemos negar que o Antigo Testamento põe em relevo a prosperidade do povo de Deus. De fato, o hebraico possui mais de duas dúzias de vocábulos que são traduzidos respectivamente como *prosperidade*, *riquezas ou bens*. O mais frequente desses termos é *tsalach*, que mantém o sentido de *viver em prosperidade* (Gn 39.2; Js 1.8; SI 1.3). Todavia, essa verdade tem sido usada de uma forma desvirtuada pelos pregadores da prosperidade hodiernos. Esses fatos nos revelam a necessidade de fazermos uma reflexão mais aprofundada sobre esse assunto. Primeiramente devemos nos conscientizar de que um estudo sério sobre a prosperidade bíblica não pode ignorar a teologia veterotestamentária sobre esse assunto. Em segundo lugar, e a meu ver muito mais importante, é que isso serve para nos alertar que alguma coisa está errada quando se verifica que somente o Antigo Testamento, com poucas exceções, serve de fundamentação para esse importante ensino.

Isso nos leva à constatação de que o problema com a doutrina da prosperidade pregada hoje em dia, e que em muito tem se afastado

daquilo que o cristianismo ortodoxo tem ensinado, é de natureza hermenêutica. O velho princípio alegórico de interpretação, usado pela escola de Alexandria em tempos passados, foi ressuscitado modernamente por muitos mestres da fé.[2] Essa antiga escola de interpretação tinha como princípio espiritualizar ou alegorizar as Escrituras. Convém dizer que essa forma de interpretar a Bíblia, isto é, atribuindo-lhe um sentido alegórico ou espiritualizado e não o seu real sentido literal, está muito em voga hoje em dia entre as igrejas neopentecostais. Todavia, convém destacar que esse princípio de interpretação foi rejeitado ainda nos dias dos reformadores protestantes do século XVI. Mas no que consiste esse princípio? Aldair Dutra de Assis (1997, p. 30,31) descreve esse método de interpretação como sendo

> a atualização ou transposição das experiências religiosas de personagens bíblicos para os dias atuais. A Bíblia é vista como um livro de experiências religiosas, que começa com Israel, no Antigo Testamento, e termina com a humanidade, em Apocalipse, experiências essas que podem ser repetidas nos mesmo moldes, nos dias atuais. Assim, a repetição ou reencenação de episódios e eventos bíblicos é utilizada como ferramenta hermenêutica, que lhes permite usar a Bíblia como base de sua prática. Nesta tentativa de repetir os episódios bíblicos, existe uma grande dose de alegorização dos textos bíblicos e total desrespeito pelo contexto histórico dos mesmos, bem como a falta de distinção entre o que é descritivo na Bíblia e o que é normativo para as experiências dos cristãos.

Não é possível ter uma radiografia correta da prosperidade bíblica tomando por base apenas textos do Antigo Testamento e ignorando

---

[2] Paulo Anglada observa que "Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) e Orígenes (185-254 d.C.) são dois representantes máximos desta escola de Alexandria no Egito. Eles foram influenciados tanto pelo platonismo como pelo alegorismo judaico para explicarem textos das Escrituras. O alegorismo judaico é uma herança de Filo de Alexandria (20 a.C.-50 d.C.). Filo tencionava tornar o judaísmo compreensível para os gregos, argumentava que a Escritura possuía dois níveis de significados: um literal e outro subjacente, discernido somente por meio da interpretação alegórica. Ele interpretava a figura de Adão como sendo o símbolo da inteligência, aos animais, das paixões, a Eva, como símbolo da sensibilidade. A união de Abraão e Sara como o símbolo da união da inteligência com a virtude [...] Para clemente de Alexandria a Escritura deveria ser tomada em seu sentido literal apenas em seu ponto de partida, daí partir para seu sentido mais profundo ao qual o Espírito o guia através de parábolas e metáforas. Para Clemente o templo judaico era um símbolo do universo e os dez mandamentos simbolizavam os dez elementos da natureza: sol, a lua, as estrelas, as nuvens, luz, vento, água, ar, trevas e fogo. Abrão era o símbolo da fé, Sara o da virtude e Hagar o símbolo da cultura pagã" (ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada*. Belém: Editora Knox, 2006).

aquilo que o Novo Testamento diz sobre esse assunto. Somente interpretando o Antigo Testamento à luz do Novo é possível termos um estudo equilibrado sobre a prosperidade bíblica. Quando se faz uma exegese apenas de uma via, isto é, tomando-se por base apenas o Antigo Testamento e negligenciando-se o Novo, atribui-se um sentido totalmente estranho àquilo que as Escrituras definem como sendo um viver próspero. Em outras palavras, prosperar tem mantido o sentido em nossa cultura apenas como sendo o acúmulo de posse, bens ou de alguém que possui saúde perfeita. Mas uma exegese de mão dupla, isto é, aquela que leva em conta o que dizem os dois Testamentos, nos revelará que a prosperidade na Antiga Aliança se baseia fundamentalmente sobre um correto relacionamento com o Senhor, e não apenas com a possessão de riquezas.

Ricos e pobres no Antigo Testamento

O contraste entre ricos e pobres no Antigo Testamento é de fácil percepção. De um lado temos, por exemplo, um Boaz, homem de Deus, "senhor de muitos bens" (Rt 2.1) e por outro temos uma Rute, a moabita, também mulher de Deus, que ia atrás de Boaz para "apanhar espigas" para seu sustento (Rt 2.2). De acordo com a Lei de Moisés, somente aos pobres, muito pobres, era dado o direito de colher as espigas que iam caindo atrás dos segadores (Lv 19.9,10; 23.22; Dt 24.19). Nessa época Rute era uma jovem moabita, pobre e viúva de um israelita, filho de Noemi, que havia morrido. Após a morte dos filhos de Noemi, inclusive o marido de Rute, esta resolve juntamente com a sogra regressar para a terra de Israel em busca da sobrevivência. É em Belém que Rute conhece Boaz, um parente de seu marido já falecido, e pelas leis da época ele preenchia os requisitos de casar com Rute e dessa forma ser o seu *goel*, isto é, o seu resgatador. Merril C. Tenney (1982, p. 17) observa que "muitas vezes o clã designava um homem, chamado *goel*, para oferecer ajuda aos membros necessitados. Em português, esta pessoa é mencionada como *resgatador*. Sua ajuda cobria muitas áreas de necessidade".[3]

Essa observação sobre a vida de Rute, a moabita, é emblemática primeiramente porque nos revela que no mundo antigo, ao contrário

[3] TENNEY, Merril C. *Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos.* São Paulo: Editora Vida, 1982.

do ensino dos mestres da fé que nos passam a ideia de que no Antigo Testamento o povo estava pisando em ouro, já havia um contraste enorme entre pobreza e riqueza. Em segundo lugar, ela nos ajuda a construir uma compreensão correta daquilo que o Antigo Testamento considera como vida próspera e, dessa forma, corrigir as ideias equivocadas que os pregadores da prosperidade conseguiram inserir na cultura evangélica contemporânea.

Outros fatos narrados nas Escrituras veterotestamentárias permitem-nos construir um conceito correto sobre o significado do que seja a prosperidade material. Em outras palavras, eles nos ajudam a formar um correto juízo de valor sobre os conceitos de riqueza e pobreza e, dessa forma, corrigir as ideias mais comuns, porém equivocadas, sobre a natureza de ambas. A primeira dessas ideias associava a riqueza como uma dádiva de Deus a alguém merecedor, e a pobreza como uma marca do julgamento divino. Uma segunda associava a riqueza à maldade e a pobreza com piedade. Essa forma de pensar está presente também no mundo do Novo Testamento. Todavia, as causas para a pobreza não podem ser vistas de forma tão simples assim. De fato, o historiador William L. Coleman (1991, p. 165) mostra que um estudo criterioso sobre a pobreza no mundo bíblico deve levar em conta alguns fatores determinantes. Com acerto, ele diz:

> Eram vários os principais fatores que contribuíam para a existência de um grande número de pobres em Israel. E claro que havia muitas variáveis. Mas para entendermos bem o quadro geral, precisamos considerar alguns dos obstáculos com que eles se defrontavam.
>
> 1. Impostos. O sistema de impostos constituía um grande peso para muitas famílias, para os pequenos agricultores e negociantes. Durante toda a história da nação, os governos impuseram pesadas taxas ao povo em geral, com o objetivo de realizar seus projetos de construção ou cobrir os custos de suas operações militares. E foi justamente o excesso de impostos baixados pelo rei Salomão que ocasionou a divisão do reino.
>
> 2. Desemprego. Nas áreas rurais, a presença de escravos não afetava muito a economia, mas nas cidades sim, pois gerava forte desequilíbrio no mercado de empregos. Como o preço dos escravos era muito baixo, os ricos chegavam a ter um servo simplesmente para conduzir o seu cavalo. Por isso, o homem livre tinha que aprender um ofício, se quisesse conseguir um bom salário.
>
> 3. A morte do chefe da família. A perda do chefe da casa, que podia ser causada por enfermidade, acidente ou guerra, quase sempre deixava a família na pobreza, principalmente se os filhos fossem pequenos.

4. Seca e fome. Às vezes a própria natureza destruía rapidamente toda a colheita de uma temporada. A seca, o excesso de pragas, ou chuva em demasia fora de época, bem como outras calamidades naturais, acabavam com todo o sustendo de uma família de uma hora para outra (SI 32.4).

5. Agiotagem. Pela lei, era proibido cobrar juros de empréstimos feitos a pobres (Ex 22.25). Mas apesar dessa recomendação divina, muitos credores tinham atitudes impiedosas, cobrando juros exorbitantes e empregando métodos cruéis para receber o pagamento da dívida. Isso sempre foi um problema grave para os israelitas, durante toda a sua história, e vários escritores bíblicos denunciaram esses excessos.

Fica, portanto, bastante evidente que a pobreza não era um sinal de maldição ou pecado pessoal assim como a riqueza não o era de bênção. No Antigo Testamento, ninguém era amaldiçoado por ser pobre ou estar em pecado nem tampouco abençoado somente por ser rico. O que fica claro nas Escrituras da Antiga Aliança é que tanto o pobre como o rico dependem do favor do Senhor. Na verdade a Escritura afirma que o Senhor tanto enriquece como faz empobrecer (1 Sm 2.7). A Escritura que diz: "para que entre ti não haja pobre" (Dt 15.4) é a mesma que afirma: "Pois nunca cessará o pobre do meio da terra" (Dt 15.11). Essas Escrituras e dezenas de outras, com seus aparentes paradoxos, mostram primeiramente que os mais abastados dentre o povo de Deus devem se importar com os menos favorecidos dentre seus irmãos. A prosperidade é legitimada através da solidariedade. Steven K. Scott (2008, p. 88, 89) destaca que

os psicólogos dizem que as duas maiores motivações da vida são o desejo de ganhar e o medo de perder. Salomão (Pv 11.24,25) nos garante que a generosidade age diretamente sobre os dois. Se você pudesse ter uma varinha de condão que garantisse suas necessidades materiais para toda a vida e uma prosperidade cada vez maior, quanto ela valeria? Salomão coloca essa varinha nas suas mãos: tudo o que você precisa fazer é se tornar uma pessoa generosa. O que Salomao quer dizer quando fala de generosidade? Ele diz que generoso é aquele que dá uma parte do que tem para suprir as necessidades do próximo, e que o faz sem esperar receber nada em troca. Embora ele fale do aspecto financeiro e material, a

> generosidade não se limita a isso. Ser generoso significa estar voltado para as necessidades dos outros, sejam elas quais forem.[4]

A prosperidade no contexto do Antigo Testamento

No Antigo Testamento, portanto, a ideia de prosperidade vai muito além daquela que é a do simples acúmulo de bens materiais e bem-estar físico. Na verdade a compreensão que se tem no Antigo Pacto é que a prosperidade é, em primeiro lugar, espiritual e em segundo lugar, material. Nabal, por exemplo, era um "homem muito poderoso", possuidor de muitos bens (1 Sm 25.2), e foi até mesmo reconhecido por Davi como um "próspero" (1 Sm 25.6), porém era um "homem duro e maligno". Um filho de Belial (1 Sm 25.3; 25.25). Possuía muitos bens materiais, mas nenhum valor moral e espiritual. O salmista também verificou que os ímpios também "prosperam" (SI 73). Isso nos faz constatar que há outros valores que o Antigo Testamento revela que, embora não sendo materiais, são tidos como grandes riquezas, verdadeiros tesouros. Salomão sabia que é "a bênção do Senhor é que enriquece" (Pv 10.22). Dentre as várias coisas que a Antiga Aliança mostra como sendo de maior valor do que bens materiais estão, por exemplo, o conhecimento (Pv 3.13; 20.15), a integridade (SI 7.8; 78.72), a justiça (SI 15.2; Pv 8.18; 14.34), o entendimento (Pv 15.32; 19.8), a humildade e a paz (Pv 15.33; 18.12; 12.20). Por outro lado, uma compreensão correta sobre a prosperidade no Antigo Testamento além de levar em contra primeiramente os valores espirituais, também fornece uma compreensão correta dos valores materiais e bem-estar físico. Na verdade, o Antigo Testamento destaca uma variedade de doenças que afligiam o povo. São doenças que vão desde uma inflamação na pele até mesmo tumores com diagnósticos fatais (Jó 2.7; Is 38.21). A medicina nos tempos antigos possuía limitações enormes e os médicos dos tempos bíblicos quase que se restringiam a tratar dos ferimentos exteriores. Hans Walter Wolff (2008, p. 226) escreve:

> Que possibilidades humanas de cura para as doenças o Antigo Testamento apresenta? Até onde podemos ver, elas se restringem, essencialmente, a ferimentos. O rofé é exclusivamente o entendido em

---

[4] *SCOTT, Steven K.* Salomão, o Homem mais Rico que já Existiu — Sabedoria da Bíblia para uma Vida Plena e Bem-Sucedida. *São Paulo: Editora Sextante, 2008.*

curar como médicos de feridos. A raiz gramatical empregada agora na maioria das vezes no sentido de "curar", significa originalmente remendar, costurar uma coisa a outra, unir. As feridas são "espremidas", põe-se azeite ou bálsamo nelas, depois são pensadas (Is 1.6; Jr 8.22). Um braço fraturado também é encanado (Ez 30.21; 34.4). Logo, o hobesh, do mesmo modo que o rofé, é o médico de ferimentos (Is 3.7; Os 6.1). Em geral, o entendimento em curar visa restituir as forças ao enfraquecido pela doença.

Nesse contexto de limitações da medicina, a Escritura apresenta Deus como o médico de Israel (Ex 15.26). E interessante observarmos que nessa mesma passagem do livro de Êxodo onde Deus é apresentado como aquEle que sara, Ele também aparece como aquEle que fere: "... nenhuma das enfermidades porei sobre ti, que pus sobre o Egito; porque eu sou o Senhor que te sara" (Ex 15.26). O Deus da Bíblia é poderoso para curar, mas também é soberano para permitir a doença! (Dt 7.15; Jó 5.18). Essa visão teológica do Antigo Testamento revela que sobre todas as coisas está a soberania de Deus. Até mesmo o sofrimento pode atender aos seus propósitos! (SI 119.67).

O suor do rosto

Guarda-te para que te não esqueças do Senhor, teu Deus, não guardando os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos, que hoje te ordeno; para que, porventura, havendo tu comido, e estando farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as, e se tiverem aumentado as tuas vacas e as tuas ovelhas, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens, se não eleve o teu coração, e te esqueças do Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; que te guiou por aquele grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água; e tirou água para ti da rocha do seixal; que no deserto te sustentou com maná, que teus pais não conheceram; para te humilhar, e para te provar, e para, no teu fim, te fazer bem; e não digas no teu coração: A minha força e a fortaleza de meu braço me adquiriram este poder. Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires poder; para confirmar o seu concerto, que jurou a teus pais, como se vê neste dia. (Dt 8.11-18).

A prosperidade no Antigo Testamento está intimamente relacionada com o trabalho.[5] A ideia de prosperar e enriquecer por outros

[5] O apóstolo Tiago condena o trabalho como instrumento de exploração dos ricos sobre os mais pobres (Tg 5.4). "Quando o trabalho degrada, desumaniza, ele é um trabalho alienado e alienante, ou seja, leva o indivíduo à perda de sua identidade, de sua própria essência. Nessa situação, o indivíduo é

meios que não seja o trabalho é completamente estranha à Escritura. Ainda no paraíso, coube como tarefa ao primeiro homem cuidar do jardim, vigiando-o e lavrando-o (Gn 2.15). A teologia do Antigo Testamento refuta a prática que transforma Deus em uma espécie de gênio da lâmpada. O Deus do Antigo Concerto faz prosperar, mas Ele o faz através do trabalho. O livro de Deuteronômio diz que o Senhor "é o que te dá força para adquirires poder" (Dt 8.18). A palavra hebraica koach traduzida como "força" nessa passagem significa vigor e força humana. A referência é claramente ao esforço humano como resultado do seu trabalho. Por outro lado, a palavra "poder", traduzida do hebraico chayil, nessa mesma passagem mantém a ideia de eficiência, fartura e riqueza. A ideia aqui é que prosperidade e trabalho são como as duas faces de uma mesma moeda. Onde um está presente o outro também deve estar.

Wolff (2008, p. 203) observa que

> a riqueza não é considerada como algo dado, mas como algo que pode se originar das mãos do ser humano responsável. Quanto às diferenças sociais de riqueza e pobreza, em todo caso, também devem ser observadas a laboriosidade e a desídia, a fim de não ignorar a verdadeira realidade do ser humano [...] até a liberdade e a servidão, a superioridade e a opressão também dependem da dedicação ao trabalho (Pv 13.4; 12.24).

Esse fato é ampliado na literatura hebraica sapiencial que condena veementemente a indolência e a preguiça. Salomão, o homem mais sábio e um dos mais ricos do antigo Oriente, observa que "o desejo do preguiçoso o mata, porque as suas mãos recusam-se a trabalhar" (Pv 21.25). Além de dignificar o homem, o trabalho o faz prosperar. Diante do Senhor ninguém será considerado "mais crente" por se ocupar somente de coisas espirituais e negligenciar as práticas materiais. Em muitos casos, aqueles que alegam "trabalhar somente para Jesus" na verdade estão dando trabalho para a igreja. Dizem que vivem da fé, mas na verdade vivem da boa fé dos outros. A esses, mais uma vez, Salomão aconselha: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos e sê sábio" (Pv 6.6). Os homens mais espirituais da Bíblia

---

reduzido à simples condição de animal ou de máquina, perdendo toda a sua especificidade humana" (SEVERINO, Joaquim. *Filosofia da Educação — Construindo Cidadania.* São Paulo: Editora FTD, 1994).

viviam nos labores dos seus trabalhos. Steven K. Scott (2008, p. 20,21) destaca:

> Aqueles que trabalham com diligência dentro da sua especialidade alcançarão o sucesso material necessário para satisfazer seus desejos. No livro dos Provérbios 28:19, Salomão escreve: "O homem que lavra a terra sacia-se de pão, mas o que segue os levianos sacia-se de pobreza". Aqui ele também adverte que, se você abandonar os esforços nas sua área para seguir os conselhos dos levianos, ou colocar-se sob sua influência, estará abandonando o caminho da sabedoria. Não se deixe enganar por pessoas que parecem bem-sucedidas à primeira vista e oferecem "esquemas par enriquecer da noite para o dia", bons demais para serem verdadeiros [...] Salomão nos garante que aqueles que trabalham com diligência terão cada vez mais sucesso e riquezas, porem o dinheiro que vem fácil demais, sem verdadeiro esforço, quase sempre é perdido. "Fortuna apressada diminui, quem ajunta pouco a pouco enriquece" (Pv 13.11). Por incrível que pareça, a maioria das pessoas que ganha na loteria perde tudo o que ganhou em relativamente pouco tempo. E até mesmo jogadores que têm a sorte de faturar alto acabam perdendo seus ganhos e se endividando.

Um povo abençoado!

Uma ideia fundamental para se compreender a prosperidade no Antigo Testamento é a de que ela acontece como um resultado de um favor divino. A prosperidade é uma bênção de Deus ao homem (Pv 10.22). Até mesmo os incrédulos enriquecem em decorrência desse favor. Na teologia bíblica isso é definido como graça comum, um favor divino dado a todos os homens. É essa graça que faz a chuva vir sobre os bons e os maus. "Para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mt 5.45). Quando se negligencia esse importante princípio, é fácil transformar o trabalho em mero ativismo em vez de algo prazeroso. Reconhecer o Senhor como a fonte de toda prosperidade é a melhor forma de se proteger da ganância que tenazmente assedia quem possui riquezas (SI 127.1,2). Wolf (2007, p. 206), que prestou uma grande contribuição à antropologia bíblica, observa oportunamente que

> quem quer ver a realidade humana precisa aprender a contar com a intervenção de Javé. Sem isso, a pessoa não percebe que nem a aplicação humana ao trabalho já leva ao resultado e que a riqueza não é um valor evidente. Deve-se atentar ao sentido ambíguo dos fenômenos e das vicissitudes.

Wolff ainda comenta:

> A seguinte tese opõe-se categoricamente ao pensamento seguro de si, o qual julga por inferir do trabalho necessariamente o resultado (Pv 10.22): "Somente a bênção de Javé torna rico, o esforço próprio não acrescenta nada". A expectativa geral de que o trabalho traz ganho nunca se realiza concretamente sem a decisão da bênção de Javé. Também é Javé que está atuante na diferença entre a vontade do ser humano e a execução do trabalho (Pv 16.11).

O Sábado ou shabat, por exemplo, dentro desse contexto, significa descansar ou parar de trabalhar. A ideia era lembrar aos israelitas que o Senhor, e não o mero trabalho humano, era a fonte de toda bênção.

Os bons prosperam; os maus também — retribuição *versus* soberania divina

O princípio bíblico para a retribuição divina pelos atos humanos é bem documentado nas páginas do Antigo Testamento. Os bons são premiados com o bem, e os maus são punidos por consequência de suas ações. Há uma lei de causa e efeito que permeia as ações do povo de Deus na Antiga Aliança. As Escrituras veterotestamentárias põem lado a lado o pecado e suas consequências. Se alguém faz o que é bom diante de Deus, então ele deve esperar o bem como reconhecimento ou recompensa por esse ato. Todavia, deve ficar claro que esse princípio se fundamenta na teologia de um correto relacionamento com Deus, e não numa mera relação de troca como se Deus pudesse ser comparado a uma máquina que está sempre pronta a distribuir recompensas para quem conseguiu dominar as técnicas de seu manuseio. Se perdermos de vista esse princípio, incorremos no erro do qual G. K. Chesterton nos advertiu:

> Uma vez que o povo tenha começado a crer que prosperidade é vista como recompensa para a retidão, o abismo seguinte é obvio. Se a prosperidade é vista como recompensa para a retidão, pode ser então considerada como um indicador de integridade. Os homens não mais terão a árdua tarefa de transformar homens bons em prósperos. Em vez disso, adotarão uma tarefa mais simples: considerar homens prósperos com bons.[6]

Com Abraão vemos o princípio da retribuição acontecer, fundamentado em um relacionamento correto com Deus. A Bíblia diz que o velho patriarca foi abençoado porque obedeceu à voz do Senhor (Gn

---

[6] Conforme citado por Victor P. Hamilton In: *Manual do Pentateuco.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007

12.18). O mesmo acontece com os outros patriarcas, Isaque e Jacó (Gn 25.11; 30.43). No Pentateuco, essa lei da retribuição é bem conhecida do povo de Deus. Os capítulos 27 e 28 de Deuteronômio detalham inúmeras consequências para um eventual pecado da nação israelita. Na verdade, a retribuição é nominada como sendo bênçãos e maldições. A obediência seria a causa das bênçãos de prosperidade, enquanto as maldições seriam o efeito da desobediência. M. J. Evans (2009, p. 606) destaca que:

> Deuteronômio como um todo é uma espécie de constituição nacional para explicar a Israel o que significa, tanto como nação quanto como indivíduos, viver como povo de Deus. A ênfase principal dessa vida como povo de Deus é o relacionamento; eles pertencem a Deus e são escolhidos e abençoados por ele. Eles devem demonstrar um estilo de vida santificado, observando a Lei, não por causa da própria Lei, mas porque Deus é santo, a Lei reflete algo de sua natureza, a qual eles devem demonstrar. Em outras palavras, a Lei é uma indicação de como a vida do povo em relacionamento com Deus pode e deve ser vivida. Viver em relacionamento com Deus expresso nesse estilo de vida santificada significa ser abençoado. Essa bênção não é retratada como recompensa por observar a Lei; reside na promessa de Deus e é uma consequência de ter um relacionamento com Ele.

Mas é, sobretudo, no período tribal que vemos esse princípio em toda a sua força (Jz 3.12; 4.1; 6.1; 10.6; 13.1). Para o autor de Juízes, livro que está inserido nesse contexto, o resultado para a punição dos israelitas era em razão de uma vida desobediente diante de Deus (Jz 21.25). Durante a monarquia, período que vemos a atuação enérgica dos profetas, os reis eram avaliados pelo bem ou pelo mal que haviam praticado diante do Senhor (1 Rs 15.11; 2 Rs 12.2; 2 Rs 16.2; 2 Cr 28.1).

Por outro lado, as Escrituras do Antigo Testamento mostram que nem tudo aquilo que se relaciona à prosperidade pode ser explicado simplesmente através da lei de causa e efeito; do pecado e suas consequências. E evidente, como já vimos que a lei da retribuição é vista como um princípio básico, mas a teologia da Antiga Aliança deixa claro que a soberania de Deus deve ser levada em conta quando avaliamos as ações dos homens. Victor P. Hamilton (2007, p. 520), destaca com muita propriedade que

> o testemunho do Novo Testamento é fascinante. Jesus decerto ensinou a possibilidade de haver uma relação entre o caráter do individuo e seu desti-

> no. O que ele rejeitava era uma relação obrigatória entre caráter e circunstância. Temos, por exemplo, o caso do rapaz cego de nascença, cuja doença nada tinha a ver com pecado (Jo 9.3). Os dezoito esmagados pela torre de Siloé não eram notórios pecadores (Lc 13.1-5). Jesus ensinou que Deus envia chuva e sol tanto sobre crentes como sobre incrédulos (Mt 5.45).[7]

Há algumas Escrituras no Antigo Testamento que revelam que os justos sofrem e os maus prosperam (SI 73.1-28). Parece ilógico o profeta Eliseu, que curou a tantos, morrer doente dos pés (2 Rs 13.14). E paradoxal, mas é bíblico. O livro de Jó, por exemplo, detalha a luta de um homem que à primeira vista reconhecia apenas o princípio da retribuição. Jó não entendia por que um homem obediente como ele (Jó 1.1) podia sofrer. E evidente que por trás do sofrimento de Jó está a soberania do Altíssimo que permite ser ele provado, mesmo a Escritura deixando claro que ele era um homem irrepreensível (Jó 1.1,2). Os amigos de Jó compartilham da visão tradicional de que se alguém sofre ou passa reveses na vida é porque algum pecado está por trás disso. O livro detalha uma série de acusações por parte dos amigos de Jó, que estão mais do que convencidos que para todo efeito existe uma causa (Jó 4.8). Todavia, observando o livro no seu todo, constatamos que o seu real propósito não é focalizar o sofrimento humano, mas como Deus se relaciona com seus filhos. Nesse relacionamento até mesmo o sofrimento ou reveses podem fazer parte do seu plano soberano para nos abençoar ou fazer prosperar, e Jó reconhece isso (Jó 42.3).

O comentarista bíblico A. Viberg (2009, p. 293), observa: "O propósito do livro de Jó não é tratar o problema do sofrimento, mas definir o correto relacionamento entre seres humanos e Deus baseado em misericórdia divina e fé humana, que às vezes tem dúvidas, mas sempre confia".[8]

Fica, pois, estabelecido que a prosperidade no Antigo Testamento vem como resultado da bênção do Senhor sobre os empreendimentos do seu povo. Essa prosperidade não se fundamenta em méritos pessoais, mas é uma resposta à obediência que se constrói como resultado de um relacionamento correto com Deus. A prosperidade,

---

7 HAMILTON, Victor P. *Manual do Pentateuco.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

8 VIBERG, A. "Jó". In: ALEXANDER, T. Desmond e ROSNER, Brian S. *Novo Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Editora Vida, 2009.

portanto, não é meramente circunstancial, nem tampouco pode ser entendida apenas como uma lei de causa e efeito, mas deve levar em conta a soberania de Deus.

2
Capítulo

A TEOLOGIA DO MONTE GEREZIM — A OBEDIÊNCIA COMO FONTE DE PROSPERIDADE

O preço de ser abençoado

Antes de estudarmos o capítulo 28 de Deuteronômio, que condiciona a prosperidade à obediência ao Senhor, faremos uma análise na passagem de Gênesis 22.15-18. Esse estudo preliminar desse texto nos ajudará a compreender que a prosperidade bíblica fundamenta- se essencialmente na obediência que é motivada por um relacionamento, e não numa sujeição forçada por uma lei impositiva. O texto de Gênesis 22.15-18 registra que o Senhor disse a Abraão: "Por mim mesmo, jurei, diz o Senhor, porquanto fizeste esta ação e não me negaste o teu filho, o teu único, que deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus e como a areia que está na praia do mar; e a tua semente possuirá a porta dos seus inimigos. E em tua semente serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz".

Essa passagem bíblica destaca o maravilhoso desfecho do sacrifício de Isaque, que tem seu início muito antes, quando a Escritura diz em Gênesis 22.1: "E aconteceu, depois destas coisas, que tentou Deus a Abraão". A obediência aparece nessas Escrituras como condição para o viver abençoado. A expressão "tentou Deus a Abraão" é traduzida na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) como "pôs Deus Abraão à prova". Deus testa a obediência do crente! A Bíblia diz que Abraão obedeceu e que foi abençoado! O que está, pois, no caminho da bênção?

No caminho da bênção há um Moriá para escalar

"Vai-te à terra de Moriá" (Gn 22.2). Deus mandou Abraão subir o monte Moriá. Ninguém será abençoado sem escalar o monte! E necessário subir o Moriá de Deus e encontrar a bênção no seu cimo. Hoje está na moda subir o "monte" como um lugar místico em busca da bênção Mas a Escritura mostra que como princípio, subir o monte está associado à necessidade de buscar ou subir até a presença de Deus, e não à geografia de um lugar (Jo 4.20-24). O monte pode ser o nosso quarto ou o templo da igreja ou ainda qualquer outro lugar (Mt 6.6; At 16.13,16). Quem ora hoje no monte Sinai, monte Moriá ou mesmo em Jerusalém não leva nenhuma vantagem sobre quem, por exemplo, ora numa pequena cidade do sertão nordestino ou na grande São Paulo. A geografia não é mais importante, e sim a esfera e a atitude em que a oração acontece, isto é, no Espírito (Ef 6.18; 1 Tm 4.7). Entre os neopentecostais há um verdadeiro fetiche pelos objetos, algo semelhante ao que houve no período medieval. Orar em cima de montes é um bom exemplo dessa prática. Martin N. Dreher (2006, p. 40) destaca que um dos reformadores

> atacou a imoralidade dos sacerdotes e o culto às relíquias. Especialmente este culto atingira proporções assustadoras. Vendiam-se desde bolinhas da terra com a qual Adão fora feito até cera dos ouvidos e leite da Virgem Maria, estrume do burro do estábulo de Belém, fios de cabelo e da barba do Salvador. Mostrava-se inclusive, o prepúcio circuncidado de Jesus. Ao todo, existiam nada menos do que 13 exemplares do prepúcio de Jesus em toda a Europa.[9]

Essa mistificação de objetos e lugares sagrados é um dos fundamentos da teologia dos pregadores da fé. Paulo Romeiro (2005, p. 126) observa que

> muitos pregadores do neopentecostalismo não dependem apenas do Antigo Testamento, mas também do emprego de grande variedade de símbolos e objetos na proclamação de sua mensagem. Usam-se enxofre, óleo ungido, rosa ungida "fogueira santa de Israel", sal grosso e copo

---

[9] *DREHER, Martin N.* Bíblia — Suas Leituras e Interpretações na História do Cristianismo. *São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.*

> d'água em cima do rádio ou da TV. Esses e outros símbolos são usados em geral para estimular os fiéis a contribuir financeiramente.[10]

No caminho da bênção há um Isaque para sacrificar

"E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto" (Gn 22.2). Toda bênção tem preço. O verdadeiro evangelho tem custo. A salvação é de graça, mas o discipulado custa caro. Dietrich Bonhoeffer (2004, p. 9,10), mártir alemão durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu que

> a graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja. A nossa luta trava-se hoje em torno da graça preciosa. Graça barata é graça como refugo, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos levianas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço, sem custo [...] graça barata significa justificação do pecado, e não do pecador; é a pregação do perdão sem o arrependimento.

Querer ser abençoado sem, contudo, entregar o Isaque para o sacrifício é impossível. Sob a lei mosaica o sacrifício era de um animal morto; sob a graça o sacrifício é do crente vivo (Rm 12.1,2). Quando Abraão demonstrou mesmo que ia sacrificar o seu filho, o seu único filho, o Senhor reconheceu a sua obediência (Gn 22.18). Infelizmente multiplica-se o número de crentes que estão correndo atrás da bênção, mas que não demonstram no seu dia a dia uma vida submissa aos princípios do evangelho. Não entregam seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Querer os fins sem os meios é o evangelho de Maquiavel, e não do Senhor Jesus Cristo.

No caminho da bênção há um altar para edificar

"E vieram ao lugar que Deus lhes dissera, e edificou Abraão ali um altar" (Gn 22.9). O altar era o lugar de culto na Antiga Aliança; era o local onde se buscava a presença de Deus. Na Nova Aliança, o altar hoje é a vida do próprio crente (Rm 12.1,2). Abraão era preocupado com a adoração, pois ainda se pode observá-lo dizendo: "E disse Abraão a seus moços: Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até ali; e, havendo adorado, tornaremos a vós" (Gn 22.5). O

---

[10] *ROMEIRO, Paulo.* Decepcionados com a Graça — Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal. *São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.*

propósito de Abraão em subir o monte era a adoração. Os outros ficariam cuidando dos jumentos, ele iria adorar (Gn 22.5). Quem adora, adora alguém ou alguma coisa, e Abraão adorava a Deus. Abraão era um adorador e isso pode ser demonstrado na sua atitude de construir altares onde chegava. Em Gênesis 12.7 diz que Abraão "edificou ali um altar ao Senhor". Adorar é melhor do que conquistar. Possuir bens, riquezas ou posses só faz sentido de fato se o Senhor é reconhecido como sendo a fonte delas. Não existe adoração sem relacionamento. A obediência a Deus é a chave para a construção de um relacionamento sadio com o Senhor. O que se observa é que muitos cristãos querem a todo custo ser abençoados, mas fracassam em se submeter ao senhorio do Senhor. Para estes qualquer evangelho que fale em sacrifício ou renúncia é tido como legalista.

Essa é uma das passagens clássicas que associa a prosperidade à obediência, mas existem várias outras passagens nas Escrituras do Antigo Testamento onde estão registradas promessas de bênçãos para o povo de Deus. A mais clássica delas, já de conhecimento da maioria dos crentes, encontra-se no quinto livro de Moisés, denominado de Deuteronômio. Os últimos capítulos de Deuteronômio, em especial o de número 28, registram os últimos dias de Moisés à frente do povo de Deus. As doze tribos são divididas em dois grupos, sendo que a metade delas é posta sobre o monte Ebal, local onde seriam proclamadas as maldições, e a outra metade estaria sobre o monte Gerizim, local onde seriam proclamadas as bênçãos. Eram as condições da aliança que o Senhor fez com seu povo no período mosaico.

A teologia do monte Gerezim

> E será que, se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor, teu Deus: Bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e a criação das tuas vacas, e os rebanhos das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares e bendito serás ao saíres. O Senhor entregará os teus inimigos que se levantarem contra ti feridos diante de ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão diante de ti. O Senhor mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros e em tudo que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o Senhor,

> teu Deus. O Senhor te confirmará para si por povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do Senhor, teu Deus, e andares nos seus caminhos. E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do Senhor e terão temor de ti. E o Senhor te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto da tua terra, sobre a terra que o Senhor jurou a teus pais te dar. O Senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo e para abençoar toda a obra das tuas mãos; e emprestarás a muitas gentes, porém tu não tomarás emprestado. E o Senhor te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo, quando obedeceres aos mandamentos do Senhor, teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e fazer. E não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, para andares após outros deuses, para os servires. (Dt 28.1-14).

Shâma begôl

Ao introduzir seu comentário em Deuteronômio 28, Earl S. Kalland (1992, p. 166, vol. 3) destaca que

> a referência frequentemente repetida para "os mandamentos que hoje te dou" (v. 1; cf. w. 9,13,14,15,45,58,62) introduz as bênçãos para obediência. A primeira parte do v. 1 é virtualmente idêntica com 15-5, onde as bênçãos de Deus são antecipadas na terra. O "dia" parece ser o dia acentuado em 26.16-18. Se interpretarmos "hoje" ou "este dia", hayyôm deve ser traduzido de acordo com seu contexto. A obediência plena ao Senhor resulta em bênçãos para seu povo. Se Israel obedecesse ao Senhor, ele seria posto acima de todas as nações do mundo (26.19). Além disso, as bênçãos parecem ser personificadas. Elas virão às pessoas e estarão com elas.[11]

Da mesma forma, em sua análise desse texto o erudito alemão F. Delitzsch (2006, p. 964, vol. 1) destaca o valor da obediência para um viver abençoado:

> Se Israel ouvisse a voz do Senhor seu Deus, o Senhor faria com que ele se elevasse sobre todas as nações da terra [...] A condição indispensável para obter essa bênção era a obediência à palavra do Senhor, ou guardando os seus mandamentos. Para imprimir esta condição sine qua non completamente sobre as pessoas, Moisés não somente repete isso no

---

[11] *KALLAND, Earl S.* The Expositor's Bible Commentary — Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 &2 Samuel. *Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1992.*

início (v. 2), no meio (v. 9), mas também no fim (w. 13,14), em ambas as formas positiva e negativa.[12]

Não há dúvida de que Deuteronômio 28.1-14 destaca a obediência como condição para alcançar as bênçãos que foram proferidas a partir do monte Gerizim. Como já ficou demonstrado, Moisés chama a atenção do povo para a necessidade de ouvir a voz do Senhor (Dt 28.1) como condição indispensável para um viver abençoado. Os intérpretes chamam a atenção para o sentido da expressão ouvir a voz, do hebraico shâma begôl, cujo sentido literal é ouvir a voz de alguém. A ideia é ouvir o som, entender o que ele diz e agir a partir dele. Significa, portanto, "dar ouvidos" e "entender" (1 Rs 22.19; Êx 24.7; Jr 35.18).[13] Ouvir a Palavra de Deus é o que está em destaque aqui. Naqueles dias a palavra revelada e falada oralmente, hoje a palavra escrita. As bênçãos do Senhor são fundamentadas em sua Palavra, e qualquer promessa de prosperidade está condicionada àquilo que ela diz. Ao pôr em destaque as bênçãos como consequência de um relacionamento correto com Deus, queremos com isso refutar uma teologia que está muito em voga hoje em dia. De acordo com esse ensino, que prova ser em extremo danoso, o crente é abençoado não porque demonstra um viver obediente, mas quando cumpre determinados rituais que lhe são impostos. E o que é pior — são rituais totalmente divorciados da Palavra de Deus. A publicitária Rafaela Chagas Barbosa (2008, p. 77,78) assistiu a um culto em uma igreja neopentecostal e anotou o sermão de um desses pregadores da teologia da prosperidade. Na sua fala, o pregador disse:

> Tenho um elemento que vai lhe ajudar na libertação dos demônios e amarrar de vez tudo que está te atrapalhando a conquistar o caminho da prosperidade. Obreiros! Cadê a água do rio Jordão? Esta semana ela está com o preparo muito forte para te livrar duma vez dos encostos, como está escrito: "Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, consoante a palavra do homem de Deus; e a sua carne se tornou como a carne duma criança, e ficou limpo" (2 Reis 5.14). O sal é de Jericó, a água é do rio Jordão e o óleo é de arruda, é muito forte gente! Se você está desempregado, pegue sete *curriculum,* entregue em sete empresas que você desejar trabalhar e coloque uma gotinha do banho do descarrego. Faça isso e veja só o que vai acontecer! Se você já entregou em algumas empresas, leve o

---

[12] KEIL, C.F & DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament.* Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2006, v. 1.

[13] *HARRIS, R. Laird.* Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. *São Paulo:*

> *curriculum* ungido e peça para trocar pelo antigo. Tenho certeza que você estará empregado logo, logo.[14]

Um fator importante que deve chamar nossa atenção quando estudamos os últimos capítulos de Deuteronômio (27—28) é a motivação que está por trás da vida do obediente. Na teologia desse livro podemos falar da obediência motivada por um fator externo, isto é, a presença de uma lei ou mandamento coercitivo ou podemos falar dessa mesma obediência motivada por um fator interno, isto é, uma inclinação íntima que nos leva a guardar os mandamentos de Deus. Watchman Nee (2001, p. 103,104), explicou esse princípio da seguinte forma:

> Para que possamos nos unir com Deus através da sua vontade, ele realiza duas operações em nós. Primeiro, sujeita nossa vontade. Depois, subjuga a essência dela. Na maioria das vezes, nossa vontade só se submete ao Senhor em algumas questões especiais. Apesar disso, pensamos que lhe obedecemos plenamente. Lá no íntimo, porém, temos uma inclinação secreta para a desobediência que aflora sempre que há oportunidade. O propósito de Deus não é apenas controlar nossa vontade. Ele também quer esmagar essa inclinação interior, de tal modo que sua natureza se mostre transformada. A rigor, uma vontade submissa é diferente de uma vontade harmoniosa. A submissão tem a ver com os atos que praticamos, enquanto a harmonia diz respeito à vida, à natureza e à inclinação da vontade. A submissão de um servo se revela na execução das ordens do seu senhor. Já o filho, que conhece o coração do pai, e cuja vontade está em sintonia com a vontade dele, não só cumpre suas obrigações, mas cumpre-as com prazer. A vontade submissa controla as ações. A vontade harmoniosa, além de controlar as ações, possui também um coração unido com Deus. Somente aqueles que se acham em harmonia com ele conseguem realmente conhecer o coração divino.[15]

É um fato que a nossa motivação não pode ser apenas externa, isto é, de fora para dentro (1 Sm 15.19,20). Por outro lado, o crente deve ser cuidadoso na observância não apenas do texto da letra, mas

---

[14] BARBOSA, Rafaela Chagas. *Fé, Vitrine e Mercado: O Marketing na Igreja Universal.* Teresina: Alínea Publicações Editora, 2008.

[15] NEE, Watchman. *O Homem Espiritual.* Belo Horizonte: Editora Betânia, vol. 3. T. S. Watch man Nee escreveu somente um livro intitulado *O Homem Espiritual,* mas proferiu centenas de palestras e estudos bíblicos que posteriormente foram transformados em livros. Infelizmente seus ensinos foram mal interpretados e distorcidos por alguns dos seus seguidores, e transformaram-se em verdadeiras heresias. Dentre elas podemos citar as doutrinas que confundem Igreja com denominação e a do "amalgamento" do crente com Jesus.

sobretudo do princípio que está por trás dela. Dessa forma ele está buscando o seu real propósito e agindo com a motivação correta (1 Sm 15.22). G. M. Burge (2003, p. 38) sublinha que

> o homem, com efeito, deve exceder as exigências da lei (Mt 5.20) e perceber por si mesmo aquilo que Deus exige. Ou seja: a obediência total, do fundo do coração, capta o espírito das intenções de Deus (cf. Mc 10.2-9 sobre como Jesus aplica esse conceito a uma só lei) e vai além daquilo que Deus exige — não com esforço medido de um servo (Lc 17.7-10), mas como pessoas que desfrutam de um relacionamento vital e responsivo com Ele.

Deus quer a obediência de um filho, e não de um escravo. O filho obedece porque ama; o escravo, porque é obrigado! Abraão, José do Egito e tantos outros servem de modelos para nós. Abraão, por exemplo, foi obediente a Deus mesmo vivendo 430 anos antes da Lei de Moisés.

Berakah **— os princípios que conduzem a um viver próspero**

É um fato que a nossa atenção deve estar focalizada no relacionamento do crente com Deus, que é a grande bênção que engloba todas as demais. A bênção maior inclui a menor, e a bênção geral envolve a particular. A bênção da prosperidade é uma consequência na vida de quem ama a Deus e vive para Ele. O léxico grego de Strong traduz a palavra berakah como bênção, prosperidade e presente.[16] Na análise das promessas de bênçãos feitas pelo Senhor ao seu povo em Deuteronômio 28.1-14, convém observarmos atentamente essas promessas, pois nelas se sobressaem os princípios que fundamentam cada uma delas. W. W. Wiersbe (2008, p. 580) põe em relevo aquilo que devemos observar nesse discurso de Moisés:

> Devemos ter sempre em mente o motivo pelo qual o Senhor prometeu essas bênçãos maravilhosas. Em primeiro lugar, a nação de Israel ainda se encontrava em sua infância espiritual (G1 4.1-7), e uma forma de ensinar as crianças é por meio de recompensas e castigos. Essas

---

[16] William Gesenius observa que esse termo é "frequentemente usado para se referir ao resultado de um favor divino, para causar a prosperidade" (GESENIUS, William. *Gesenius Hebrew- Chaldee Lexicon of the Old Testament.* Grand Rapids, MI: Baker Book House).

> bênçãos materiais eram a maneira de Deus lembrar seus filhos de que a obediência traz benefícios e a desobediência traz disciplina. No entanto, não demorou para os israelitas mais perspicazes perceberem que as pessoas perversas também estavam recebendo bênçãos, de modo que a fé era mais do que simplesmente ser recompensado (ver SI 73; Jr 12.1-4; Jó 21.7-15).[17]

Uma análise sobre o capítulo 28 de Deuteronômio revela que:

As bênçãos são sobre pessoas e não sobre coisas

Ainda nos primeiros versículos de Deuteronômio, Deus promete abençoar seu povo tanto na cidade como no campo (Dt 28.3,6). Não importa o lugar onde o crente esteja, seja na zona urbana, seja na zona rural, se ele for obediente será abençoado. Quer ele entre, quer ele saia, será abençoado (Dt 28.6). Franz Delitzsch (2006, p. 151) comenta que

> Israel seria abençoado na cidade e no campo, as duas esferas na qual sua vida se movimenta (v. 3); o fruto do corpo seria santificado, da terra, e do gado, i.e., em todas suas produções (v. 4; para cada um, veja Dt. 7:13,14); santificado seria a cesta (Deu. 26:2) na qual as frutas eram mantidas, e a amassadeira — gamela (Ex 12:34) na qual o pão diário era preparado (v. 5); santificada seria a nação em todos seus empreendimentos ("entrando e saindo"; v. Nm. 27:17).

A pessoa é que é abençoada! Não adianta nada mudar de lugar, de igreja, se a pessoa não muda. Deus quer pessoas, relacionamento, e não coisas. Há dezenas de caçadores de bênçãos que andam à procura de uma igreja ou pregador famoso que possa abençoá-las.

A bênção de Deus vem para acrescentar

Deus promete abençoar o fruto da família, da terra e dos rebanhos (Dt 28.4,11,12). A bênção vem para acrescentar. A bênção do Senhor estará sobre a família bem como sobre os bens daquele que é obediente ao Senhor. Essa bênção de Deus não exime o crente da responsabilidade de transmitir valores aos seus descendentes nem tampouco de saber administrar seus bens. Deus abençoa, mas não nos exime de fazermos a nossa parte. O hebraísta e professor de Antigo Testamento Antonio N. Mesquita (1979, p. 167) destaca que

---

[17] WIERSBE, W.W. *Pentateuco.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008.

> A pobreza é certamente uma forma de penalidade divina imposta aos pecadores. E o resultado do pecado. Não há lugar para pobreza neste mundo cheio de bênçãos, e só o pecado pode gerar o desequilíbrio e a má distribuição dos haveres. O mundo tem bastante para todos, e, à medida que a humanidade cresce numericamente, novas fontes de riqueza alimentar são descobertas. Uns têm demais e outros têm de menos, mas isso por causa do pecado.

Começando pelas férias

Deus promete abençoar o cesto e a amassadeira (Dt 28.5,8). Deus promete abençoar desde a produção e até a industrialização. Os negócios do crente fiel interessam ao Senhor. A ideia é que o trabalho do obediente estará sob a bênção do Senhor do começo ao fim. É preciso lembrar que o abençoado deve possuir pelo menos um cesto e uma amassadeira. Há uma história de que um jovem, que nunca havia trabalhado, procurou emprego em determinada indústria. Após a entrevista, o seu futuro patrão citou para ele a lista dos deveres e direitos. Ele deveria ser pontual, assíduo e responsável no seu emprego. Após falar dos deveres, o patrão passou a citar seus direitos, destacando que ele teria direito a trinta dias de férias. Ele olhou fixamente para o patrão e disse: "Pois eu quero começar pelas férias".

O Senhor é um escudo forte

Deus promete segurança para seus filhos; filhos obedientes (Dt 28.7). A bênção de Deus não descarta situações conflituosas nem tampouco a presença de inimigos. R. N. Champlin destaca que

> os adversários de Israel, sempre ansiosos por assediar e prejudicar, seriam derrotados em todos os seus maus desígnios e precisariam fugir por "sete caminhos", ou seja, de modo absoluto. Isso posto, além de ser abençoado, o povo de Israel seria protegido em suas "entradas" e "saídas" (a sexta e última bênção do sexto versículo deste capítulo.[18]

Há muitos adversários, principalmente para aqueles que desejam viver piamente o evangelho de Cristo (2 Tm 3.12). Mas há uma promessa de proteção e segurança para o crente em meio a situações conflituosas. E só confiar!

---

[18] *CHAMPLIN, R. N.* O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo —- Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuele 1 Reis. *Rio de Janeiro: CPAD, 2001.*

Uma propriedade de Deus

Deus promete que seu povo será sua propriedade particular (Dt 28.9,13). Ele seria povo santo. A ideia de um povo santo, separado e consagrado a Deus permeia toda a Escritura. John E MacArthur (2004, p. 268) escreve:

> A obediência e bênção de Israel faria que todo o povo da terra temesse a Israel porque claramente era o povo de Deus. Esta foi a intenção de Deus para eles, ser um testemunho para as nações do Deus vivo e verdadeiro e tirar os gentios da adoração aos ídolos.[19]

Quem quer ser abençoado não deve esquecer-se de reconhecer limites; reconhecer que pertence integralmente ao Senhor. Ninguém desfrutará das bênçãos de Deus de uma forma abundante servindo a dois senhores. Somente agindo assim o povo de Deus será cabeça e não cauda (Dt 28.13).

A prosperidade em diferentes períodos da história do Antigo Testamento

No tempo de Abraão — o período dos patriarcas

Abraão se torna um modelo de crente próspero não somente para os outros patriarcas, mas para todo o povo de Deus (Gn 13.2). Algumas palavras-chaves no capítulo 12 de Gênesis lançam luz sobre isso. O versículo 5 diz que Abraão partiu de Harã com "toda a sua fazenda, que havia adquirido". A palavra hebraica rakash, traduzida aqui como "adquirido", significa bens acumulados. A sua prosperidade foi construída, e construída graças à bênção de Deus e do seu trabalho. Deus também promete "engrandecer o nome" de Abraão (12.2). Somente Deus pode fazer com que alguém seja famoso sem se tornar uma celebridade. Infelizmente a teologia da prosperidade fomenta mais o ego do que alimenta o espírito, e essa é a razão de o cristianismo hoje ser mais individu- alista e consumista do que comunitário e altruísta. A ética protestante que em tempos passados foi exaltada por valorizar o

---

[19] MACARTHUR, John F. *Biblia de Estúdio MACARTHUR* Grand Rapids, MI: Portavoz, 2004.

trabalho humano, agora está sendo totalmente subvertida pela teologia da prosperidade. Ricardo Mariano (2005, p. 184,185) destaca:

> A Teologia da Prosperidade, até pelo nome, parece ser o exemplo perfeito da afinidade entre pentecostalismo e sucesso econômico. Mas nada está mais distante do puritanismo calvinista, exemplo-mor desta afinidade, do que a Teologia da Prosperidade. Nas seções ascéticas do protestantismo, a riqueza, quando adquirida no trabalho cotidiano, metódico e racional, constituía, segundo Weber (1991:356), um dos sintomas de comprovação do estado de graça do indivíduo, ou de sua eleição à vida eterna. A riqueza obtida, porém, era consequência não intencional, não revista, da severa disciplina religiosa do eleito. Disciplina que se manifestava em sua extrema dedicação ao trabalho, que via como vocação divinamente inspirada, e em sua conduta diária, baseada na abstinência dos prazeres e das paixões deste mundo e no desinteresse pelas coisas materiais. Na ótica weberiana, a acumulação primitiva do capital, resulta entre outros fatores, justamente da ética puritana, que interditava ao fiel qualquer modalidade de consumo supérfluo. No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incréus, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista.[20]

No tempo de Moisés — o período mosaico

Já vimos que Deus deu a Moisés a Lei. Através da observância do código legal revelado ao grande legislador hebreu, o povo poderia viver a prosperidade de Deus. A condição dada para a bênção pode ser resumida na frase encontrada várias vezes no Pentateuco: "se ouvires a minha voz e guardares os meus estatutos" (Ex 15.26; 19.5; Lv 26.14; Dt 28.1). A prosperidade estava condicionada à obediência à lei dada a Moisés. No livro de Deuteronômio, diz o Comentário Bíblico Beacon: "A lealdade a Deus é a essência da verdadeira espiritualidade. Este princípio não permite acordo com nada que seja contrário a Deus e exige separação de todas as relações e práticas ilegítimas".[21]

---

[20] *MARIANO, Ricardo.* Neopentecostais — Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. *São Paulo: Edições Loyola, 2005.*

[21] FORD, Jack & DEASLEY, A. R. G. *Deuteronômio.* In: *Comentário Bíblico Beacon.* Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

No tempo dos juízes — o período tribal

No período dos juízes, também conhecido como período tribal, verificamos uma espécie de "sobe" e "desce" na história do povo de Deus. O certo é que nesse período o povo fazia o que achava mais correto (Jz 21.25). Isso justifica o estado de anarquia no qual estava mergulhada a nação. Sem dúvida esse fato explica por que os israelitas durante esse período viviam uma espécie de prosperidade momentânea. Longe da palavra de Deus, o povo caía em desobediência e a consequência natural era servidão as outras nações. Somente com a intervenção carismática dos juízes, que traziam o povo de volta para a obediência à palavra de Deus, é que a prosperidade voltava a brotar (Jz 3.7-11). Ben F. Philbeck Jr (1993, p. 31) destaca:

> A vida nacional, sob o governo dos juízes, atingira uma situação tão adversa que muita gente deve ter-se perguntado por que a mão do Senhor já não [se] mostrava tão vigorosa na defesa de Israel como havia sido na palestina. Pelo menos uma parte do problema pode ser creditada ao fato de que havia pouquíssimos homens preparados para receber a orientação de Deus.[22]

No tempo dos reis — o período monárquico

Jerome T. Walsh (2007, p. 348) comenta que

> os reis de Judá e Israel são julgados em termos de sua pureza cúltica. No norte, o critério para a condenação é o "pecado de Jeroboão". No sul, "os lugares altos" (locais sacrificiais nas colinas, usados no culto pagão e talvez no culto popular a Yahweh) são a aberração mais comum para que os reis sejam condenados, enquanto a reforma do culto é uma base para louvor (1 Rs 15.11-13; 22.46; 2 Rs 18.3-5,22,23).[23]

É, sobretudo, nesse período que se observa a atuação dos profetas. Esse fato se justifica porque é durante a monarquia que as maiores injustiças sociais foram cometidas. O fracasso na adoração se

---

[22] PHILBECK, Ben F. In: *Comentário Bíblico Broadman.* Rio de Janeiro: Editora JUERP, 1993, v. 3.
[23] BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo—Antigo Testamento.* São Paulo: Editora Academia Cristá/Paulus, 2007

refletia na economia. Um profeta era a voz de Deus falando não somente ao povo, mas sobretudo aos governantes. Um bom governante no Antigo Israel era garantia de um melhor cuidado com os menos assistidos. Cerca de 60% das profecias do Antigo Testamento estão diretamente relacionadas ao combate das injustiças sociais.[24] Para os profetas, nenhuma prosperidade se justificava quando a sua conquista era alcançada à custa dos menos favorecidos (Is 58.7).[25] Esse período nos deixa a lição de que a pobreza tem também como causa as injustiças sociais cometidas pelo governante que se afastara de Deus, e a prosperidade advinha como resultado do temor que o monarca nutria pelo Senhor (2 Cr 31.20).

Deus quer fazer prosperar o seu povo e para isso lhe deu muitas promessas. Todavia, é uma verdade também que as bênçãos prometidas estão condicionadas a uma vida obediente aos princípios esposados na sua Palavra. O segredo, pois, de um viver abençoado e próspero é um correto relacionamento com Deus.

---

[24] "Isaías 58.1-12 - Este cap. responde às perguntas formuladas no v. 3. O povo se lamenta por haver jejuado em vão, já que o Senhor não leva em conta os sacrifícios realizados. O Senhor os faz ver que as práticas religiosas carecem de valor se não são acompanhadas pela justiça e pelo amor ao próximo. O verdadeiro jejum não consiste principalmente em atitudes exteriores (v. 5), mas na renúncia à injustiça e na sincera dedicação ao serviço dos demais" (cf. w. 6,7 — *Bíblia de Estudo Almeida,* nota de rodapé em Isaías 58).

[25] Roland de Vaux destaca que "os profetas condenavam então o luxo das residências, Os 8.14; Am 3.15; 5.11, dos banquetes Is 5.11,12; Am 6.4, das roupas, Is 3.16-24; a monopolização das terras, Is 5.8" *(As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004).

3
Capítulo

A TEOLOGIA DO MONTE EBAL — A DESOBEDIÊNCIA COMO FONTE DE MALDIÇÃO

Maldição hereditária

Entre os anos de 1990 e 2000 presenciamos uma verdadeira enxurrada de ensinos heterodoxos no meio do arraial evangélico. O ensino sobre "maldições de famílias" despontou como sendo um dos principais. Multiplicava-se pelo Brasil afora seminários e mais seminários enfocando esse assunto. Na verdade, a doutrina da maldição hereditária se tornou uma paranóia no meio das igrejas neopentecostais. Por mais de uma vez assisti a cultos onde pregadores de renome nacional conclamavam os crentes a "quebrar maldições que estavam sobre suas vidas". A ideia por traz desse ensino era a crença de que alguma maldição não quebrada estava por trás da falta de prosperidade na vida do crente. A situação se afastou tanto da Bíblia a ponto de muitos pregadores passarem a exigir dos fiéis a prática da regressão psicológica ou espiritual como condição de uma "libertação" plena. Foi detectado pelos apologistas que de 5.000 casos de práticas regressivas, cerca de 1.200 atestaram experiências de vidas passadas[26]. Em palavras mais simples, a doutrina da maldição de famílias acabou por abrir porta para uma velha prática já há muito conhecida no espiritismo — a doutrina da reencarnação.

Apesar do bombardeio pesado por parte de muitos apologistas brasileiros, a doutrina da maldição hereditária ou de famílias não acabou. Diminuiu a sua intensidade, mas vez por outra dá sinal de

---

[26] HUNT, Dave. *A Sedução do Cristianismo.* Porto Alegre: Editora Chamada da Meia Noite, 2005.

querer re- erguer-se. Os apologistas Paulo Romeiro e Ricardo Gondim, somente para citar os mais aguerridos nesse combate, através dos seus escritos provocaram profundos ferimentos nessa teologia.[27] Todavia, observa-se que os apologistas não podem baixar a guarda sob pena de se constatar a ressurreição desse monstro que tanto males causou à igreja evangélica. E preocupante verificarmos que renomados escritores evangélicos continuem fazendo apologia dessa doutrina. João A. de Souza Filho (2009, p. 81,82) escreve:

> Nos seminários de batalha espiritual as pessoas me questionam sobre o texto de Gálatas 3.13-14 argumentando que Cristo já levou sobre si, na cruz, todas as maldições: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido". É preciso, pois, explicar esse texto à luz de outros textos semelhantes nas Escrituras. A resposta é sim! Cristo levou sobre si todas as maldições previstas na lei, aquelas que todo cristão costuma ler no livro de Deuteronômio. Meu argumento é que ele também levou na cruz as nossas dores, os nossos pecados, as nossas enfermidades. No entanto, ainda sofremos dores, enfermidades e cometemos pecados. Ora, se todas estas coisas foram levadas sobre ele na cruz, porque continuam a causar efeitos danosos na vida dos crentes? Se já estou em Cristo e se Cristo levou sobre si todas as maldições da lei sobre a cruz, por que espíritos familiares continuam a agir no tronco de minha família? Esses demônios não são uma espécie de maldição hereditária? Por que os espíritos familiares continuam a perturbar a vida de muitas famílias, até mesmo de irmãos comprometidos com o evangelho de Jesus Cristo?[28]

---

[27] Veja, por exemplo, *O Evangelho da Nova Era*, de Ricardo Gondim, e *Evangélicos em Crise,* de Paulo Romeiro. A propósito, Gondim comenta: "Uma das mais insidiosas heresias que têm surgido na igreja nesses últimos dias diz respeito à quebra de maldições familiares. Acredita-se que os pecados, alianças e padrões estabelecidos pelos antepassados podem exercer maldições sobre filhos, netos até a terceira ou quarta geração. Alguns, mais cautelosos, quebram maldições regredindo até a décima geração. O texto mais usado é Êxodo 20.5 [...] Ora, se é Deus quem age, visitando a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração, como se quebra uma maldição de Deus? Certamente não é com uma repreensão verbal. A maldição da lei foi quebrada na cruz do Calvário e todos os que se apropriam da vitória de Cristo ficam livres de todo débito que tinham acumulado contra eles (Cl 2.14-15)

[28] *FILHO, João A. de Souza.* A Arte da Guerra Espiritual— Conhecendo as Táticas dos Espíritos que Podem Fixar Residência em Certas Arvores Genealógicas Trazendo Maldição sobre as Famílias. *Bragança Paulista, SP: Editora Mensagem para Todos, 2009.*

Em suas palavras, Souza Filho consegue ao mesmo tempo afirmar e negar que Cristo nos livrou das maldições. Segundo Souza Filho, isso é possível porque as verdades cristãs possuem duas dimensões teológicas: o aspecto posicional e o pragmático. Fundamentado nessa tese, ele desenvolve sete argumentos para justificar esse suposto paradoxo. O argumento de Souza Filho tem dificuldades insuperáveis e esbarram em alguns pressupostos da lógica formal. O primeiro é o princípio da não contradição. Esse princípio afirma que uma coisa é ou não é. Não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Ou Cristo nos liberou das maldições ou não nos libertou. Ou a Bíblia diz que ele nos libertou ou não diz. O problema com a argumentação de Souza Filho é que a Escritura afirma categoricamente que Cristo nos libertou da maldição (G1 3.13), sem os "mas" ou "porém" implícitos em sua argumentação. J. A. Motyer (1988, p. 998) observa:

> Paulo emprega essa verdade para expor a doutrina da redenção. A lei é uma maldição para aqueles que deixam de obedecê-la (G1 3.10), mas Cristo nos redimiu ao tornar-se maldição por nós (G1 3.13), pois o próprio meio de sua morte prova que Ele tomou o nosso lugar, pois "Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro". Essa citação, tirada de Dt 21.23, onde "maldito de Deus" significa está "sob a maldição de Deus", exibe a maldição de Deus contra o pecado, maldição essa que caiu sobre o Senhor Jesus Cristo, o qual, dessa maneira, se tornou maldição em nosso lugar.[29]

Em segundo lugar, tropeça naquilo que em lógica é conhecido como erro de categoria. Em outras palavras, ele põe "pecado" e "demônios" na mesma categoria lógica de seus argumentos quando na verdade não são. Seu argumento é que se o crente que foi liberto do pecado continua ainda com a possibilidade de pecar, da mesma forma os demônios, como uma espécie de maldição, ainda continuam a atormentar o crente. Dessa forma a doutrina da maldição de famílias continua válida. O argumento se torna inválido quando verificamos pelas Escrituras que o pecado faz parte da nossa natureza caída (Rm 7.17-25). Como crentes, recebemos o poder do Espírito Santo para subjugar o "velho homem" (Rm 8.1-13), mas não para erradicá-lo (Rm

[29] MOTYER, A. J. In: *O Novo Dicionário da Bíblia.* São Paulo: Edições Vida Nova, v. 2.

6.6; Ef 4.17-22). Por outro lado, os demônios não fazem parte de nossa natureza. Em outras palavras, o pecado e os demônios pertencem a categorias diferentes, e, portanto, têm ações diferentes na vida do crente. O pecado continua fazendo parte de nossa natureza, mas os demônios não fazem parte dela!

Somente no finalzinho de sua argumentação e posta quase como um apêndice, Souza Filho conclui: "E preciso também admitir que a desobediência do cristão abre caminho para que as bênçãos sejam anuladas".[30]

De fato a desobediência, e não a maldição de famílias, é a causa do julgamento de Deus e é a responsável pela falta de prosperidade do crente.

Crentes teimosos

Os léxicos destacam que a palavra hebraica marâ, traduzida em nossas Bíblias como desobedecer, significa também ser rebelde, controverso e teimoso. O sentido é de alguém que "provoca com desafio ou afronta a Deus". O termo derivado meri, ocorre cerca de 45 vezes no texto hebraico, sendo oito delas em Deuteronômio. Por outro lado, o hebraico bíblico possui uma meia dúzia de termos que podem ser traduzidos como maldição ou amaldiçoar. O termo mais comum — e que é usado como o antônimo de abençoar (hb barak) — é 'arar, ocorrendo 63 vezes no Antigo Testamento.[31] A propósito, Victor P. Hamilton (1998, p. 876) destaca:

> Este pecado de rebelião pode ocorrer mediante palavras: queixando-se (Nm 17.10; 27.14); questionando e desafiando Deus a fazer o extraordinário a fim de satisfazer seus caprichos e desejos (SI 78.17). Ou pode ser uma rebelião mediante feitos: obedecendo ao homem em vez de [a] Deus (1 Sm 12.15); realizar ações contra a clara vontade de Deus devido às palavras de um "clérigo" (1 Rs 13.21,26); "o teu proceder e as tuas obras" (Jr 4.17); "a sua língua e as suas obras" (Is 3.8). Aquilo contra o que se rebela com maior frequência é "o mandamento/a palavra do Senhor", ('et) pi (literalmente, "a boca").

---

[30] FILHO, João A. de Souza. Idem Ibid.

[31] *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova.*

A maldição de diferentes ângulos

Os intérpretes observam que as maldições no Antigo Testamento estão associadas a algumas situações específicas. Por exemplo, em Gênesis 3.14,17, a maldição (hb 'arar) vem como uma declaração de punição; em Jeremias 11.3 a maldição {'arar) aparece como um proferir de ameaças; em Deuteronômio 27.15-26 e 28.16-19, caso que ora estudamos, a maldição ('arar) aparece como uma proclamação de leis. Em todo caso, observa a Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã que "eram maldições sobre o desobediente onde quer que ele estivesse, na cidade, no campo, indo ou vindo; sobre sua comida; sobre sua descendência e sobre a prole de seus rebanhos e bandos (Dt 28.16-19)".[32]

Fica, pois, estabelecido que a maldição, que vem como resultado da desobediência, ocorre quando há uma quebra da aliança. Em Gênesis 3.14,17, a maldição vem como consequência da queda do primeiro casal, e em Deuteronômio e Jeremias como consequência da quebra da aliança com o Senhor. Observa-se que assim como a bênção está associada à obediência a Deus, da mesma forma a maldição vem associada à desobediência. A lei da retribuição tanto no seu sentido positivo como negativo é bem clara no Antigo Testamento.

E possível percebermos ao longo do Antigo Testamento casos e mais casos atestando a desobediência na vida do povo e dos líderes de Israel. Vejamos alguns casos que são emblemáticos.

Quando o sacerdote desobedece

O pecado de Eli foi cometido por omissão. Ele não corrigiu seus filhos quando deveria fazer. "Porque já eu lhe fiz saber que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu" (1 Sm 3.13). O Comentário Bíblico Atos observa:

> O texto contrasta o procedimento normal em Siló com o procedimento demonstrado pelos filhos de Eli. Ambos diferem do procedimento prescrito no Pentateuco (ver Lv 7.30-34). O Pentateuco detalha quais partes do sacrifício deveriam ser dadas ao sacerdote. A

---

[32] TENNEY, Merril C. *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, v. 4.

> prática normal em Siló era destinar ao sacerdote qualquer pedaço que fosse tirado primeiro do caldeirão com o garfo. Os filhos de Eli insistiam em pegar a parte que queriam e na hora que bem entendessem, cometendo, assim, três transgressões rituais: (1) escolha das melhores partes do sacrifício para consumo pessoal; (2) preferência pela carne que estava sendo assada em vez da cozida; e (3) recusa em deixar que a gordura fosse queimada sobre o altar (Lv 3.16; 7-25).

Eli sabia que deveria disciplinar sua casa, mas não o fez. Quantos lares existem onde os pais sabem que precisam fazer alguma coisa para redirecionar a educação dos filhos, mas nada fazem. Às vezes esperam o pastor fazer o que é atribuição única e exclusiva da família.

Quando o rei desobedece

Saul desobedeceu quando ofereceu o holocausto, que era uma atribuição dos sacerdotes (1 Sm 13.9). Samuel repreendeu veementemente o rei, pois a sua função era administrar a nação, e não dirigir o culto. Há sempre o perigo de confundir os papéis nas esferas civil e religiosa. As vezes os reis querem ser sacerdotes e os sacerdotes querem ser reis. Isso é um perigo! Uzias caiu no mesmo erro quando tentou queimar incenso no santuário (2 Cr 26.18). E preocupante o número de pastores que ultimamente tem trocado o púlpito pela tribuna; o banco da igreja por uma cadeira do Congresso. O sociólogo Ricardo Mariano (2005, p. 182,183) detectou essa excrescência dentro do pentecostalismo brasileiro e com efeito escreveu:

> A atuação desses religiosos na política partidária tem contribuído para piorar sua imagem. São vários os casos de malversação de dinheiro público e de atitudes antiéticas [...] A nova relação dos pastores com o dinheiro, encarada como charlatanice por muitos, veio somar-se às acusações de fisiologismo e corrupção na política partidária, o enriquecimento de líderes ministeriais e a exploração da credulidade e ingenuidade dos fiéis. Com isso, a boa reputação de muitas lideranças pentecostais, se não foi a nocaute, passou a ser seriamente questionada.

Quando o profeta desobedece

O profeta Jonas é um exemplo de profeta que desobedeceu. Deus mandou Jonas para Nínive, mas ele foi para Társis (Jn 1.3). Jonas procurou fugir de sua vocação. Sem dúvida, Társis possuía mais atrativos do que Nínive, mas era uma rota fora da vontade de Deus. Eugene

Peterson (2008, p. 26,115) fez um contraste entre Társis e Nínive na vocação de Jonas. Peterson escreveu:

> E por que Társis? Bem, para começar, é bem mais empolgante do que Nínive, que era um lugar antigo coberto por uma história arruinada e infeliz. Ir a Nínive para pregar não era uma missão cobiçada por um profeta hebreu com boas recomendações. Társis, entretanto, era outra história. Era um lugar exótico. Uma aventura. Társis tinha o encanto do desconhecido enfeitado com detalhes barrocos de fantasias e imaginação. Nas referências bíblicas, Társis era "um porto distante e às vezes idealizado". O livro de 1 Reis 10.22 relata que a frota de Salomão ia a Társis pegar ouro, prata, marfim, maçados e pavões. O estudioso de língua semítica Cyrus H. Gordon diz que na imaginação popular ela era "um paraíso distante". Esse escapismo exótico é bem familiar. Deus oferece a homens e mulheres uma vocação e os chama para realizarem uma obra. Nós respondemos a essa iniciativa divina, mas humildemente pedimos para escolher o destino. Seremos pastores, mas não em Nínive, faça o favor! Vamos experimentar Társis. Em Társis, podemos ter uma carreira religiosa sem termos de lidar com Deus [...] "Quando Jonas entra em Nínive torna-se pastor. Nínive está no mapa, enquanto Társis não está. Társis é um sonho, uma visão, um objetivo; Nínive está no mapa, tem poeira e terra nas ruas, está cheia do tipo de gente com quem você não deseja passar o resto da vida (lembre-se de que eles eram antigos amigos), e identifica no mapa uma tarefa definida. Lembre-se de que Jonas em Nínive não é um pastor ideal — Jonas não é ideal em nada — mas ele é pastor. A história de Jonas é misericordiosa porque não nos dá um modelo pastoral opressivo por seu peso e suas exigências. Jonas em Nínive é rude, está lá só por obediência. Uma obediência relutante, mal-humorada — mas ainda assim obediência.[33]

Causas para a maldição

Já vimos que todo o processo de desobediência ocorre quando há quebra dos princípios divinos esposados na Palavra de Deus. Quando os preceitos divinos não são observados, então não há nenhuma garantia para a bênção ou prosperidade. O Antigo Testamento é rico em ilustrações que revelam situações em que o afastamento da palavra de Deus provocou derrota, caos e maldições. Vejamos algumas dessas situações.

---

[33] *PETERSON, Eugene. A Vocação Espiritual do Pastor — Redescobrindo o Chamado Ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.*

Quando perdemos a Bíblia

"E Hilquias respondeu e disse a Safã, o escrivão: Achei o livro da Lei na Casa do Senhor. E Hilquias deu o livro a Safã" (2 Cr 34.15). O "Livro da Lei" que foi encontrado perdido dentro da Casa de Deus tratava-se do Pentateuco ou, mais especificamente, do livro de Deuteronômio. O texto sagrado diz que se tratava de um livro da Lei "dada pelas mãos de Moisés" (2 Cr 34.14). Funderburk (2008, p. 65) destaca que "a pena destas maldições (Dt 28) era frequentemente citada para chamar Israel de volta à adoração a Yahweh. Foi provavelmente essa leitura que alarmou o rei Josias e resultou em suas grandes reformas (2 Rs 22.8-13)".

Parece impressionante que o Reino do Sul, com sede em Jerusalém e que tinha como rei Josias, perdera o contato completo com a palavra de Deus. Isso justifica a ocorrência nesse período dos pecados mais grosseiros. Manassés, por exemplo, "levantou altares a baalins, e fez bosques, e prostrou-se diante de todo o exército dos céus, e o serviu" (2 Cr 33.3). Amom, filho de Manassés, foi um idólatra: "Amora sacrificou a todas as imagens de escultura" (2 Cr 33.22). O mais incrível em tudo isso é que a Palavra de Deus, o Livro da Lei, esteve ali o tempo todo. Estava lá, mas ninguém lia até Hilquias, o sumo sacerdote, encontrá- lo. É lamentável quando temos a Palavra de Deus, mas ela se encontra perdida. Muitos a possuem, poucos a leem e uma minoria a pratica.

Quando a palavra de Deus se toma escassa

"E a palavra do Senhor era de muita valia naqueles dias" (1 Sm 3.1). A palavra hebraicayaqar possui o sentido de "raridade". A ideia é que naqueles dias do profeta Samuel a palavra de Deus não era muito popular entre o povo. O Comentário dos Expositores da Bíblia destaca:

> O verso introdutório informa-nos da raridade de uma revelação especial naqueles dias dos juízes. Não havia muitas visões no sentido de que essas poucas visões que existiam não eram extensamente conhecidas

(em 2 Cr 31.5 a mesma raiz hebraica fala de uma ordem "saída" — isto é, ela foi disseminada largamente).[34]

As consequências dessa ausência da palavra de Deus são vistas no estado de anarquia que as tribos se encontravam. Eli já não exercia influência nem mesmo sobre a sua família, e o povo mantinha um fascínio enorme pelos costumes dos pagãos que eram seus vizinhos.

Quando a palavra de Deus é desprezada

A história dos recabitas, descendentes de Jonadabe, causa impacto pelo zelo demonstrado por essa família (Jr 35.1-19). Para Roberto Jamielson, a história demonstra "uma obediência sem reservas em todos os aspectos, em todos os tempos e por parte de todos sem exceção; enquanto no que diz respeito à obediência a Deus, Israel deixou a desejar".

Deus toma como modelo essa família para confrontar a desobediência do seu povo. Os recabitas haviam recebido ordens por parte do seu pai para não beberem vinho nem tampouco habitarem em tendas. O Senhor instruiu o profeta Jeremias para testar a fidelidade dos recabitas oferecendo-lhes vinho para beber. Mesmo diante da prova, eles não desobedeceram à ordem do pai deles. O Senhor revela ao profeta que isso não acontecia com o seu povo, que embora recebendo ordem direta do próprio Deus para deixarem a idolatria, ainda assim continuavam seguindo outros deuses. Ao contrário dos recabitas, eles não valorizavam a palavra de Deus. Os crentes recabitas eram um modelo de obediência, pois, tendo recebido uma ordem apenas humana, obedeceram; os judeus, ao contrário, mesmo recebendo um mandamento dado pelo próprio Deus não obedeceram!

Placas de advertências

> Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, para não cuidares em fazer todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então, sobre ti virão todas estas maldições e te alcançarão: Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua amassadeira. Maldito o fruto do teu ventre, e o fruto da

---

[34] *The Expositor's Bible Commentary — Deuteronomy, Joshua, Judges, Ruth, 1 &2 Samuel. Grand*

> tua terra, e a criação das tuas vacas, e os rebanhos das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares e maldito serás ao saíres. O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbação e a perdição em tudo que puseres a tua mão para fazer, até que sejas destruído e até que repentinamente pereças, por causa da maldade das tuas obras, com que me deixaste. (Dt 28.15-20).

Voltemos ao texto de Deuteronômio 27—28, a fim de que possamos ter uma noção mais exata sobre as maldições e bênçãos proferidas. Fazendo-se uma análise entre a segunda e a primeira parte do capítulo 28 de Deuteronômio, observa-se um contraste enorme. Como já vimos, na primeira metade do capítulo 28 encontramos o caminho para as bênçãos; na segunda nos deparamos com a maldição como o inverso de tudo isso. Na primeira parte as bênçãos são prometidas; na segunda, são retiradas. Na primeira parte as bênçãos são acrescentadas; na segunda, são subtraídas. Todas essas maldições são acrescidas àquelas já enumeradas no capítulo 27. A razão que é dada na Bíblia para justificar essa perda daquilo que anteriormente fora dado é a desobediência à palavra de Deus.

Cuidado com os pecados de natureza espiritual

Encontramos o mandamento condenando a idolatria (Dt 27.15). A palavra hebraica pecel quer dizer ídolo, imagem. A idolatria é colocar qualquer coisa ou pessoa em lugar de Deus. A maldição vez por outra alcançava o povo de Deus no Antigo Pacto porque Deus era preterido em seu culto. O texto sagrado destaca que esse ídolo, quando adorado, ficava no lugar oculto (hb. cether). Os ídolos gostam de ficar em lugares secretos, no recôndito do coração. John White (2004, p. 49), psiquiatra e escritor norte-americano, destaca que:

> Moisés deixou bem claro aos israelitas que eles deveriam ser o instrumento do julgamento das nações cujo território era reivindicado. Eles deveriam lutar. A batalha iria se dar em dois níveis: no tempo e no espaço, com espadas, com lanças, flechas e determinação humana de obedecer ao Deus de Israel e nas regiões celestes, enquanto os seres humanos participavam da guerra espiritual com sua fé e obediência. A adoração e a idolatria seriam, nesse caso, os pontos-chave. [...] Por isso os israelitas tinha a missão de eliminar a idolatria. Mas é difícil definir com exatidão o que o que é a idolatria. É adoração falsa — de outros seres que não são Deus. Só ele merece culto. No caso de Israel e das nações que ficavam à volta, era a adoração através do sexo, ... Adoração significa dar a alguém

> ou a alguma coisa aquilo que pertence exclusivamente a Deus. Na prática, inclui mudar "a verdade de Deus em mentira". Assim, a idolatria deve ser entendida em contraste com a verdadeira adoração.[35]

Cuidado com os pecados de natureza social

Havia uma advertência contra o desprezo pelos progenitores (Dt 27.16). Matthew Henry observa:

> O desprezo pelos pais é um pecado tão odioso que é posto próximo ao desprezo do próprio Deus. Se um homem abusasse dos seus pais, ou em palavra ou ação, ele cai sob a sentença do magistrado, e deve ser posto à morte, Ex 21.15,17. Mas lançar luz através do seu coração era uma coisa da qual o magistrado não pode tomar conhecimento, e então é posto aqui debaixo da maldição de Deus que conhece o coração.

Os pais, quer sejam de crentes evangélicos quer não, devem ser honrados e respeitados. Quem não honra seus pais ou familiares está sujeito à maldição. Aqueles que são crentes, mas possuem pais não crentes, devem tratá-los de forma honrada. Por outro lado, o mandamento divino também adverte acerca do engano contra o próximo (Dt 27.17); deficiente visual; o estrangeiro e viúva (Dt 27.18,19).

Cuidado com os pecados de natureza sexual

Há uma lista de advertências condenando qualquer tipo de perversão sexual (Dt 27.20-23), desde o coito com um animal até com uma irmã. O pecado sexual escraviza. Nesta época de TV digital e internet sem fio, o crente deve manter vigilância total para que sua sexualidade não se transforme em um instrumento do pecado. O Senhor é bom e nos manda fugir da impureza (1 Co 6.18). John White sublinha que:

> O sexo pode ser um anseio quando o amor e o desejo sexual estão separados. Faz pouca diferença a forma da atividade — sexo heterossexual dentro do casamento, ou qualquer outro prazer erótico. Quando o amor e o desejo sexual não estão juntos (situação extremamente comum), o erotismo assemelha-se ao manjar turco de Edmundo. Ao final, o anseio leva a formas de sexo ilícitas ou patológicas. O mal atinge seu objetivo. Caímos em desejos que nos deixam viciados

---

[35] WHITE, John. *O Eros Redimido.* São Paulo: Editora Textus, 2004.

em pornografia, masturbação, necessidades excessivas de relações sexuais (hetero ou homossexuais), molestamento de crianças e todas as formas de perversão. Ponto comum em tudo isso é uma fome que nunca se aplaca, que deixa o indivíduo mais vazio do que antes.

Todo efeito tem uma causa correspondente

Os versículos 15-68 de Deuteronômio 28, trazem uma extensa lista de infortúnios para aqueles que quebrassem a aliança do Antigo Pacto. A intenção evidente dessa passagem é advertir o povo sobre as graves consequências que o pecado de desobediência poderia trazer no futuro. As consequências seriam de quatro naturezas:

1. *Materiais - prejuízos no campo e nos animais (Dt 28.18; 20,22,23)*
2. *Físicas - pestes e doenças (Dt 28.20,21,22)*
3. *Emocionais e espirituais — derrotas, loucura, depressão, angústia (Dt 28.25,28,52)*

O cristão, debaixo na Nova Aliança, não necessita participar de nenhum ritual de quebra de maldição, pois a Escritura afirma que "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós" (G1 3.13). E ensino do Novo Testamento que Deus em Cristo "nos abençoou com todas as bênçãos espirituais" (Ef 1.3). Somos abençoados, e não amaldiçoados! Embora o cristão não esteja mais debaixo de maldição, no entanto, o Novo Testamento traz agora a lei da semeadura e da colheita, através da qual seremos responsabilizados diante de Deus por nossas ações: "porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (G1 6.7).

O Antigo Testamento associa a desobediência como causa primária para o julgamento divino. O princípio por trás das advertências de castigo era levar o povo de Deus a um desejo de relacionamento mais íntimo com o Senhor. Nem as bênçãos nem tampouco os castigos ocorriam de forma mecânica. Quando alguém, por exemplo, quebrava um mandamento, mas demonstrava arrependimento por sua ação, o Senhor o perdoava e suspendia o julgamento, muito embora as consequências ficassem (2 Sm 12.13; 2 Cr 33.9-13).

4
Capítulo

DUAS ETNIAS, UM SÓ POVO — IGREJA: O ISRAEL DO NOVO TESTAMENTO

O Israel de Deus

O escritor pentecostal Guy P. Duffield (1991, p. 219), em um estudo recente sobre a igreja, observou que:

> em tempos recentes, o interesse no estudo da doutrina da igreja tem sido renovado. Cada era possui sua ênfase doutrinária especial. Nossa era não é exceção. Muitos teólogos e eruditos bíblicos contemporâneos afirmam que precisamos reestudar a doutrina da igreja, a fim de compreender o que ela é e qual a sua missão no mundo de hoje. Vários movimentos contemporâneos, tais como o ecumênico e o carismático, contribuíram para um ressurgimento do interesse no padrão da igreja do Novo Testamento.[36]

Esse estudo passa necessariamente por uma compreensão das metáforas usadas em relação à igreja. Há muitas figuras no Novo Testamento que são usadas para descrever a igreja. A igreja é identificada, por exemplo, como sendo um santuário ou templo do Espírito Santo (1 Co 3.16); como sendo a noiva de Cristo (1 Co 11.2; Ef 5.21-32); família de Deus (Ef 2.19); a igreja é vista também como um exército (2 Co 10.4,5); a igreja como um sacerdócio (1 Pe 2.9); a igreja como um edifício (Ef 2.20-22); a igreja como mistério oculto (Ef 3.4,5; Cl 1.25- 27) e a igreja como o Israel de Deus (G1 6.16).

---

[36] DUFFIELD, Guy P. *Fundamentos da Teologia Pentecostal.* São Paulo: Editora Quadrangular, 1991.

Esta última expressão, "Israel de Deus", encontrada em Gálatas 6.16, tem sido fonte de intensos debates por parte de muitos intérpretes da Bíblia. Muitos daqueles que acreditam que a expressão se refira à igreja deduzem que sendo assim ela suplantou totalmente o antigo Israel nos projetos de Deus. O teólogo O. Palmer Robertson escreveu um livro de 200 páginas no qual argumenta que o trato especial de Deus agora não é mais com o Israel nação, mas com o Israel como uma comunidade de cristãos.[37] Em outras palavras, Robertson tira seu foco do Israel étnico, como descendentes biológicos de Abraão, para pôr no Israel cristão, formado tanto por judeus como por gentios. Por outro lado, muitos outros que acreditam que essa expressão se refere ao antigo Israel deduzem que a igreja entrou no plano da redenção como um parêntese até Deus cumprir seus propósitos por meio do Israel histórico.[38]No entanto, a Bíblia de Estudo Pentecostal destaca que a passagem de Gálatas 6.16 deve ser entendida no seu sentido natural, isto é, como sendo uma referência: "a todo o povo de Deus debaixo do novo concerto, i.e., todos os salvos, tanto judeus como gentios".[39] Todavia, isso não significa dizer que o Israel nação ou histórico não seja mais importante no plano escatológico de Deus, pois a Escritura afirma que sim (Rm 11.2,25,26).

Neste capítulo vamos estudar a prosperidade no contexto da igreja como sendo o "Israel de Deus". Deve ser destacado que a própria expressão "Israel de Deus" revela a necessidade de levarmos em conta em nosso estudo as raízes judaicas da igreja e, dessa forma, traçarmos um perfil bíblico da definição de prosperidade na esfera da igreja do Novo Testamento. Em outras palavras, um estudo mais completo sobre

---

[37]ROBERTSON, O. Palmer. *O Israel de Deus: Passado, Presente e Futuro.* São Paulo: Editora Vida, 2005.

[38]Lewis Sperry Chafer em sua *Teologia Sistemática* (2003, vol. III e IV, p. 413) observa que fazer "distinção entre o propósito para Israel e o propósito para a Igreja é táo importante quanto aquele que existe entre os dois testamentos. Pacto, promessa e provisão para Israel sáo terrestres, e Israel será uma nação respeitada na terra, quando ela for recriada. Todo pacto ou promessa para a Igreja é para uma realidade celestial, e ela continuará na cidadania celestial quando os céus forem recriados". Deve ser destacado que a teologia de Chafer reflete a influência dispensacionalista de C. I. Scofield com quem manteve contato de 1903 até 1921. De acordo com a *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã,* a teologia de Chafer pode ser caracterizada como bíblica, calvinista, pré-milenista e dispensacionalista; mas ele era principalmente um expositor poderoso das Escrituras (vol. I, p. 273).

a prosperidade bíblica no contexto da igreja no Novo Testamento não pode de forma alguma prescindir dos princípios revelados no Antigo Testamento.

Israel como uma comunidade formadora de uma nação

J. G. Millar (2009, p. 1043) escreve que

> a promessa de criar uma nação da família de Abraão se cumpre durante a permanência de Abraão no Egito, à medida que as tribos de Jacó tornam-se povo distinto. E nesse momento que Deus começa a se referir a Israel com seu povo (v. Êx 6.7, Tb. 3.7,10; 5.1; 7.16; 9.1,13; 18.1; 32.11; Tb. Lv 26.12). Javé assegura aos israelitas que se eles forem fiéis a ele, "vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (gôy qâdôsh, Ex 19.5,6). E surpreendente que essas palavras não se repitam em nenhum outro lugar no AT (embora 'am qâdôsh apareça em Dt 7.6; 14.2,21; 26.19; 28.9; Dn 8.24), pois elas oferecem uma definição incipiente da comunidade de Deus.[40]

Dessa forma, percebemos que no Antigo Testamento a nação de Israel era identificada como o povo de Deus. Na verdade, esse era o cumprimento de uma promessa feita anteriormente a Abraão (Gn 12.1,2). Esse povo foi criado com um propósito específico dentro do plano redentor do Senhor (Ex 19.5,6).

Observamos, pois, de acordo com Êxodo 19.5,6, que o Senhor elegeu Israel dentre muitas nações (Dt 7.6,7) para ser sua propriedade exclusiva e povo santo. É evidente que esse "exclusivismo" era um sinal de separação que distinguiria o povo de Deus dos demais povos (Lv 20.26). Deus escolhe um povo e deseja que esse povo seja santo (Ex 19.6; Lv 21.7,8; Nm 15.40; Dt 7.6). O Israel nação deveria ser um povo santo porque também era um povo sacerdotal (Ex 19.5,6). Como sacerdotes do Altíssimo, possuíam a missão de levar o nome do Senhor a outras nações.

Tanto as bênçãos decorrentes da obediência como as maldições advindas da desobediência na Antiga Aliança (Dt 27—28) devem ser entendidas dentro desse contexto da vocação do Israel nação. O pecado, em especial a idolatria, acaba levando o povo à derrocada total

---

[40] MILLAR, J. G. In: *Novo Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Editora Vida.

culminando com os cativeiros tanto do Reino do Norte, na Assíria em 722 a.C., e do Reino do Sul, na Babilônia em 586 a.C. Em meio ao caos nacional, Deus, o Senhor, promete restaurar o seu povo por meio do concurso de uma nova aliança (Jr 31.31-34; Ez 36.26). Quando Jesus Cristo veio como o mediador dessa Nova Aliança, foi rejeitado pelo seu povo (Hb 9.15; 12.24; Jo 1.12). Com a rejeição do Messias por parte do Israel nação, os propósitos de Deus para seu povo terão continuidade através do Israel cristão. Todavia, Paulo afirma que Deus não rejeitou o Israel histórico (Rm 11.2); e que "todo o Israel será salvo" (Rm 11.26).

Israel como uma comunidade formando os cristãos

A igreja é vista na Bíblia como uma comunidade dos chamados para fora. Este sentido vem da palavra ekklesia, que é formada por ek, significando para fora e kaleo, cujo sentido é chamado. No entanto, o pano de fundo que dá significado à igreja se encontra nas páginas do Antigo Testamento. Ali encontramos a palavra hebraica qahal, cujo sentido é de uma congregação ou assembleia. Em Deuteronômio 18.16, encontramos Moisés falando à congregação {qahal). Os intérpretes observam que é mantida no Novo Testamento a ideia de uma comunidade que é convocada por Deus não somente para manter comunhão fraterna, mas também ouvir a voz dEle. William Barclay (1988, p. 47) põe em relevo os significados que ekklesia assume no Novo Testamento:

> 1. As vezes — não frequentemente — é descrita em termos humanos. Assim, por exemplo, Paulo fala da igreja dos Tessalonicenses (1 Ts 1.1; 2 Ts 1.2). Em certo sentido, a igreja é composta de homens e pertence aos homens; os homens são os tijolos com que o prédio da igreja é edificado.
>
> 2. Muito mais frequente é descrita em termos divinos. A descrição muito mais comum do que as outras é "a Igreja de Deus" (1 Co 1.2; 2 Co 1.1; G1 1.13; 1Ts2.14; lTm3.5,15). A igreja pertence a Deus e provém dEle. Se não existisse o amor de Deus, não existiria a igreja; e se Deus não fosse um Deus que se comunica, não haveria nem mensagem nem ajuda na Igreja.
>
> 3. As vezes a igreja é descrita como a igreja de Cristo, (a) Nesse sentido, Cristo é o Cabeça da Igreja (Ef 5.23,24). A Igreja deve viver e se mover segundo a mente, o pensamento e a vontade de Cristo (b) A Igreja é o corpo de Cristo (Cl 1.24). E através da igreja que Jesus Cristo age. Ela

> deve ser mãos para trabalhar por Ele, pés para correr levando seus recados, uma voz para falar em seu nome.[6]

O mistério de Deus!

Dentro desse contexto, Paulo fala que a igreja entra no plano da salvação como um mistério: "Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios, se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este misté- rio manifestado pela revelação como acima, em pouco, vos escrevi, pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas, a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho" (Ef 3.1-6). O mistério é que a igreja é o povo de Deus agora formado tanto pelos judeus cristãos como pelos pagãos convertidos ao evangelho (G1 6.16; Rm 2.28,29; Ef 2.14-22; Fp 3.3; 1 Pe 2.9). A igreja é o povo de Deus sob o novo pacto. Todavia, isso não quer dizer que a igreja suplantou o Israel nação. Na sua carta aos Gálatas, Paulo diz que Cristo é o "descendente" prometido por Deus por intermédio do qual todas as nações da terra seriam abençoadas (G1 3.16). Em Cristo, Deus não substitui, mas dá continuidade ao cumprimento das promessas já anteriormente feitas. I. Howard Marshall (2007, p. 113) comenta que

> a igreja, ou novo Israel, compreende crentes judeus e gentios; a missão dos discípulos é para todas as nações, o que inclui a nação judaica. Como Donald A. Hagner expõe: A igreja não toma o lugar de Israel, antes Israel encontra a sua verdadeira identidade na igreja'.[41]

O que se conclui é que o Novo Testamento revela que Deus por meio de Jesus, o Messias, renovou a aliança com seu povo e que nesse renovo do pacto tanto judeus como gentios convertidos estão incluídos

---

[41] MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova.

nele.[42] Entrar para a igreja é reconhecer Jesus como o Messias prometido e em quem todas as promessas do Senhor se cumprem.

Dois Testamentos, um só povo

Fica perceptível, portanto, que a palavra Israel tem uma significação ampla nas Escrituras. O. Palmer Robertson (2005, p. 120), faz uma importante síntese sobre os principais significados desse termo. Ele destaca como lugar, Israel é a Terra Prometida. Esse local entrou em cena, pela primeira vez, com a aliança permanente que Deus fez com Abraão. O lugar chamado Israel tem um papel importante a exercer na chegada do Reino messiânico posto que o evangelho do Reino ali foi proclamado pela primeira vez. A esse lugar, e a nenhum outro, veio o rei messiânico, e nele o Espírito Soberano do Messias foi derramado na carne humana. Israel, entendido como um lugar, é importante na chegada do Reino, mas vários outros significados desse termo devem ser reconhecidos.[43]

Palmer, ainda esclarece:

> "O termo *Israel,* no contexto histórico, inicialmente designava a pessoa de Jacó, filho de Isaque e neto de Abraão. Esse patriarca abrangia em sua pessoa todas as gerações subsequentes do povo da aliança de Deus. Em última instância, o Israel de Deus, de maneira ainda mais significativa, encontrou sua encarnação no Cristo de Deus. Enquanto Jacó, ou Israel, teve a visão de uma escada que fornecia acesso aos reinos dos céus, Jesus identificou-se como a própria escada na qual o Israel de Deus ascendia à casa do Pai (Gn 28.10-15; Jo 1.47-51). Ele abrangia em si mesmo todo o povo escolhido "nele", redimido "nele" e encontrou a garantia eterna na união com ele (Ef 1.4,7,13,14).[44]

Concluindo, diz Palmer:

> Portanto, *Israel* pode designar um lugar ou uma pessoa. Mas, além disso, o termo pode referir-se a uma comunidade sob várias perspectivas:

---

[42] "A *ekklesía* não é um povo à parte de Israel, nem um "novo povo de Deus", mas o Israel autêntico. Não sucede a Israel, mas indica a direção em que o Israel não convertido a Jesus, "o cumprimento das Escrituras", deve caminhar para alcançar a plenitude de povo eleito". GOMES, João Batista. *O Judaísmo de Jesus: O Conflito Igreja-Sinagoga no Evangelho de Mateus e a Construção da Identidade Cristã.* São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 216).

[43] ROBERTSON, O. Palmer. *O Israel de Deus— Passado, Presente e Futuro.* São Paulo: Editora Vida.

[44] Idem, Ibid.

1. Os descendentes étnicos de Abraão, junto com os gentios convertidos, poderiam designar Israel.
2. O remanescente escolhido desse povo também poderia designar Israel, separado do resto da nação (Rm 9.6).
3. Da perspectiva da nova aliança, "o Israel de Deus" poderia ser mais geral, abrangendo o corpo de judeus e gentios que creem em Jesus (G1 6.16).
4. Na linguagem contemporânea, o Estado judeu é chamado de Israel.[45]

A Igreja e sua natureza e missão

Localidade

As bênçãos de Deus, quer sejam de prosperidade, quer de saúde, acontecem dentro da esfera da igreja local. Os Institutos de Pesquisas têm detectado um fenômeno entre os evangélicos brasileiros — a existência de uma geração de crentes migratórios. Esses novos evangélicos não firmam raiz com igreja alguma, mas vivem sempre a se lançar à caça de uma nova igreja que lhe garanta uma bênção sem muito esforço. Esse entendimento é fundamentado numa falsa compreensão do que seja servir a Deus. Nesses casos, o crente acredita que a sua participação em uma das dezenas de correntes de prosperidade ou o cumprimento de certos rituais exigidos lhe garantirão o favor de Deus sobre a sua vida. O relacionamento com Deus e o vínculo com uma comunidade local é totalmente esquecido. Para essas pessoas, muitas vezes, o problema está com as igrejas que mal frequentam e não com eles mesmos.

Outro fator que deve ser destacado aqui é o individualismo. No atual contexto o individualismo é incentivado e o espírito comunitário é esquecido. Infelizmente a vida da igreja hoje se parece mais com condomínio do que com um lar. Em um lar, ao contrário de um condomínio, todos se conhecem e se confraternizam. No condomínio, às vezes não conhecemos nem mesmo o vizinho do apartamento da frente. E preciso resgatarmos o modelo de igreja revelado no Novo Testamento. No Novo Testamento a igreja é comunitária.

Quando fazemos referência à igreja que está na cidade de Teresina ou à igreja que se encontra no Rio de Janeiro, estamos com isso falando do aspecto local da igreja. A igreja é, pois, uma comunidade local. O crente necessita fazer parte da igreja na comunidade local.

---

[45] ROBERTSON, O. Palmer. *O Israel de Deus—Passado, Presente e Futuro.* São Paulo: Editora Vida.

Nesse sentido, Paulo referiu-se à "igreja de Deus que está em Corinto" (1 Co 1.2). Lemos em Atos dos Apóstolos 13.1, por ocasião da primeira viagem missionária, que na "igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores". Às vezes fixamos muito a atenção nos ofícios de profetas e mestres, e acabamos por esquecer que tanto os profetas como os mestres pertenciam à igreja local que estava em Antioquia. Nenhum ofício, seja ele de profeta, seja de mestre ou evangelista, é legítimo se — não operar dentro da esfera da igreja local.

Augustus Hopkins Strong (2003, p. 653) diz que

> o único objetivo da igreja local é a glória de Deus no estabelecimento o seu reino tanto nos corações dos crentes como no mundo. Este objetivo deve ser promovido:
> a) Pelo culto em conjunto, incluindo oração e instrução religiosa (Hb 10.25)
> b) Pela mútua edificação e exortação (1 Ts 5.11)
> c) Pelo empenho comum na correção do mundo impenitente (Mt 28.19; At 8.4; 2 Co 8.5; Jd 23).[12]

Universalidade

Por outro lado, Paulo também fala da universalidade da igreja. A igreja é local, mas também é universal, isto é, ela é formada por todos os crentes de diferentes culturas, raças e nações, tanto de gerações passadas como da presente. Sobre isso Paulo usa o termo igreja de uma forma muita mais ampla: "Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus" (1 Co 10.32). Esse texto deixa claro que a igreja, além de ser formada por diferentes etnias, é vista como transcendendo seu aspecto de localidade. John Ryle destaca:

> A única igreja verdadeira é composta de todos os crentes do Senhor Jesus. Ela é formada por todos os eleitos de Deus, todos os convertidos homens e mulheres, todos os cristãos verdadeiros. Seja lá em quem for que possamos discernir a eleição de Deus Pai, a aspersão do sangue de Deus Filho e a obra santificadora de Deus Espírito nesta pessoa, vemos um membro da verdadeira igreja de Cristo [...] Esta é a única igreja que é verdadeiramente católica. Ela não é a igreja de qualquer nação ou povo; seus membros são encontrados em todas as partes do mundo onde o evangelho é recebido e aceito. Ela não está confinada dentro dos limites de qualquer país, ou encerrada dentro de qualquer recinto de qualquer forma particular, ou dirigida por um governo externo. Nela não há di-

> ferença entre judeu ou grego, negro e branco, episcopal e presbiteriano, mas a fé em Cristo está em todos eles. No último dia seus membros serão reunidos de todas as partes — norte, sul, leste e oeste — e terão todos os nomes e falarão todas as línguas, mas todos serão um em Jesus Cristo.[46]

Por outro lado, William Barclay ilustra esse fato com a figura de um soldado. Um soldado pode orgulhar-se por pertencer a um determinado regimento. Todavia, esse regimento é parte do Exército, o que é motivo grande orgulho; por sua vez o Exército faz parte das forças armadas, o que é razão para honra ainda maior. Barclay conclui dizendo que é bom orgulhar-se da congregação da qual fazemos parte; é bom nos lembrarmos das tradições de nossa denominação. Todavia, melhor do que tudo isso é saber que somos membros da Igreja de Deus.[47]

Unidade

Um ensinamento básico nos escritos de Paulo é o que trata da unidade da igreja. O ensino neotestamentário revela que a igreja é una. Escrevendo aos Efésios, Paulo diz: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação" (Ef 4.4). A palavra corpo refere-se à igreja. A igreja é um corpo e como tal seu funcionamento segue a analogia do corpo humano. Escrevendo aos Coríntios, Paulo diz: "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também" (1 Co 12.12). Embora existam diversas denominações evangélicas, todavia só existe uma igreja. A igreja é o corpo de Cristo formado por todos os crentes regenerados através do sangue do Cordeiro. O teólogo Wayne Gruden comenta:

> O Novo Testamento fala com frequência sobre a necessidade de lutar pela unidade da igreja visível. Isso pode ser definido da seguinte maneira: unidade da igreja ê o seu grau de isenção da divisão entre os verdadeiros cristãos [...] não devemos esperar uma unidade organizacional ou funcional que inclua todas essas pessoas (cristãos nominais) nem trabalhar por isso; nunca haverá unidade de todas as igrejas que se

---

[46] RYLE, John. In: *Os Fundamentos*. Editado por R. A. Torrey. São Paulo: Editora Hagnos, 2005, p. 553,554.

> denominam "cristãs". Mas o Novo Testamento nos encoraja a lutar pela unidade de todos os verdadeiros cristãos. [48]

Santidade

Ao escrever sobre o Espírito Santo como uma chama moral, A. W, Tozer (2003, p. 98, 99) destaca que

> o alicerce da experiência de todo cristão verdadeiro deve ser um princípio moral são e sadio. Nenhuma alegria é válida, nenhum deleite é legítimo quando se permite que o pecado exista na vida ou na conduta. Nenhuma transgressão da pura justiça tem a ousadia de justificar-se no campo da experiência religiosa superior. Buscar estados emocionais intensos ao mesmo tempo em que vivemos no pecado é abrir as portas de nossa vida inteira para o autoengano e o juízo de Deus. "Sede santos" (Lv 20.7; 1 Pe 1.16) não é um simples mote que deve ser emoldurado e pendurado na parede. Trata-se de um sério mandamento do Senhor de toda a terra. "Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza" (Tg 4.8,9). O ideal do verdadeiro cristão não é ser feliz, mas ser santo. Somente o coração santo pode ser a habitação do Espírito Santo,[49]

A Igreja é santa.[50] Já vimos no Antigo Testamento que a prosperidade estava diretamente relacionada à santidade do povo de Deus; no Novo Testamento também. Escrevendo aos filipenses, Paulo diz: "Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos" (Fp 1.1). O apóstolo se refere aos crentes de Filipos nessa passagem como santos. "Santo", do grego hagios, é alguém separado para um fim exclusivo. A santidade no Novo Testamento é tanto posicionai como progressiva. No primeiro caso, o crente é santo porque espiritualmente se encontra

---

[48] TOZER, A. W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus.* São Paulo: Editora dos Clássicos, 2003.

[49] TOZER, A. W. *Verdadeiras Profecias para uma Alma em Busca de Deus.* São Paulo: Editora dos Clássicos, 2003.

[50] Wayne Gruden destaca doze sinais que identificam uma igreja pura ou santa: doutrina bíblica, uso adequado dos sacramentos ou ordenanças, aplicação correta da disciplina eclesiástica, adoração genuína, oração eficaz, testemunho eficaz, comunhão eficaz, governo eclesiástico bíblico, poder espiritual no ministério, santidade de vida entre os membros, cuidado pelos pobres e amor por Cristo. (*Teologia Sistemática.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.)

em Cristo e assim participa de sua santidade. Todavia, no seu viver diário ele tem sua parte a fazer, isto é, ajustando-se àquilo que a Palavra de Deus ensina sobre um viver de pureza para Deus. Escrevendo aos coríntios, Paulo corrobora esse fato: "Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2 Co 7.1).

A missão da Igreja

Posto salva-vidas!

Conta-se uma história que numa perigosa costa marítima no Oceano Pacífico onde havia muitos naufrágios havia também um pequeno posto de salvamento. O prédio era extremamente rude, não passando de uma pequena cabana, e havia somente um pequeno barco salva-vidas. Mesmo assim, os membros, que eram poucos, porém dedicados, mantinham uma vigilância 24 horas sobre o mar e, sem egoísmo algum, saíam diuturnamente procurando pelas vítimas dos naufrágios. Centenas de vidas foram salvas por esse pequenino, porém eficaz posto salva-vidas, de forma que acabou ficando muito famoso. Alguns dos resgatados dos naufrágios, além de nativos da localidade, queriam associar-se no pequeno posto e dessa forma prestarem seus serviços, além de contribuírem com dinheiro para o serviço de salvamento das vítimas dos naufrágios. Foram comprados novos barcos, e novas tripulações foram treinadas. O pequeno posto de salvamento ganhou gente nova e ficou mais famoso.

Alguns dos membros do posto de salvamento estavam descontentes com o fato de o prédio ser tão velho e sem nenhuma estrutura de equipamentos. Acharam então que deveria haver um lugar que servisse de um primeiro refugio para os náufragos salvos. Assim, eles substituíram as macas de emergência por camas novas e puseram uma nova mobília no prédio, que teve sua estrutura aumentada. O posto, agora, havia se tornado um lugar de reunião para os membros. Foi posta uma nova decoração e a mobília foi feita a capricho, pois o posto era usado agora como uma espécie de clube. O número de membros interessados em sair em missão de salvamento diminuiu drasticamente. A solução foi terceirizar o serviço de salvamento! A decoração do clube ainda lembrava os salvamentos, e dessa forma foi feito um barco salva-vidas litúrgico nas salas onde eram feitas as

reuniões de admissão ao clube. Por aquele tempo, um grande navio naufragou naquelas águas, e as tripulações contratadas trouxeram barcadas de pessoas com frio, molhadas e semi-afogadas. Elas estavam doentes e sujas, e dentre elas havia negros e amarelos. Os náufragos deixaram o clube um caos! Vendo isso, os administradores do clube mandaram construir um banheiro do lado de fora, onde aqueles que haviam sido vítimas de naufrágios pudessem tomar banho antes de entrar no clube.

Numa reunião posterior a esse naufrágio, houve uma divisão entre os membros do clube. A maioria havia decidido que as atividades de salvamento deveriam ser interrompidas imediatamente por serem desagradáveis e também porque atrapalhavam a vida social do clube. Poucos membros ainda insistiam em dizer que o salvamento de vidas era o propósito principal do clube e chamaram a atenção para o fato de que ele ainda era denominado de "posto de salvamento". Essa minoria inconformada foi derrotada em votação e aconselhada a sair do clube e construir seu próprio clube de salvamento um pouco mais abaixo da costa marítima. Após muitos protestos, eles se desligaram e construíram um novo posto de salvamento.

Passados alguns anos, o novo posto de salvamento vivenciou as mesmas transformações que o antigo tivera. Acabou se transformando em um novo clube, e mais um posto de salvamento foi fundado. A história continuou a se repetir, de modo que, quando alguém visita aquele lugar hoje em dia, encontra dezenas de clubes exclusivos ao longo da costa marítima. Os naufrágios continuam acontecendo com frequência naquele lugar, mas a maioria das pessoas morre afogada.

Ao longo da história da igreja constatamos que essa parábola do posto salva-vidas se repete. Os movimentos restauracionistas ou avivalis- tas surgem como uma tentativa de colocar novamente a igreja em sua rota certa. Não há dúvida de que esse afastamento da igreja dos princípios cristãos está diretamente relacionado à negligência em compreender qual é o seu verdadeiro propósito ou missão. Não há dúvida de que as distorções da mensagem cristã causadas pela teologia da prosperidade é um fator determinante desse processo.

A igreja e o seu propósito

A igreja é uma comunidade adoradora

Em sua Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo dá diretrizes como deve ser o culto cristão: "Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação" (1 Co 14.26). Paulo diz: cada um de vós tem salmo. Salmo aqui é uma referência ao hinário da Igreja Primitiva, embora saibamos que havia também expressões de louvor em línguas desconhecidas entre os primeiros crentes (Ef 5.19; Cl 3.16). O fato é que o culto cristão deve ser feito com adoração. R. G. Rayburn comenta que

> adorar a Deus é atribuir-lhe o valor de que é digno. A igreja de Jesus Cristo é, por definição, uma comunidade de adoração que Deus chamou à existência para ser "casa espiritual... sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1 Pe 2.5). A igreja cristã, desde os seu primórdios, tem se reunido regularmente para a adoração coletiva. Os atos de adoração mais básicos na igreja primitiva — a leitura e a exposição das Escrituras; as orações; o entorar de salmos, hinos e cânticos espirituais; e a observância dos sacramentos — todos derivam do exemplo e do mandamento do próprio Jesus.[51]

A igreja como uma comunidade instrutora e edificadora

O léxico grego de Kittel traz uma importante observação sobre a missão edificadora da igreja. Ao comentar a palavra oikodomê, traduzida como "edificação", diz:

> Aqui a exortação pastoral do indivíduo é a forma na qual ele participa na edificação da comunidade e o desenvolvimento ou crescimento espiritual do irmão. O indivíduo ajuda edificar a comunidade recebendo para si mesmo a exortação do Evangelho e passando isto então para outros. Importante, então, em relação ao termo é: 1. A relação do indivíduo com o todo, 2. O relacionamento mútuo dos membros individuais, 3. O caráter espiritual e carismático do processo de crescimento que aponta a plenitude e perfeição e não será limitado à moralidade ou interpretada erroneamente como condições sentimentais ou emocionais, e 4. A com-

---

[51] *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, Vol. I. São Paulo: Edições Vida Nova.*

preensão teológica. O cristão individual contribui para edificação porque este é no final das contas a verdadeira obra de Cristo.

Nesse mesmo texto de 1 Coríntios 14.26, o apóstolo também diz "cada um de vós tem [...] doutrina". A palavra grega didaché, traduzida aqui como doutrina, é uma referência à instrução que era dada aos crentes através da exposição da Palavra de Deus. Toda igreja bíblica necessita da ação da Palavra de Deus. Pedro exorta aos crentes a desejar ardentemente o genuíno leite espiritual, que era capaz de dar crescimento para a salvação (1 Pe 2.2). E por isso que lemos que a igreja que estava em Antioquia possuía mestres (At 13.1). O próprio Deus os colocou na igreja como um ofício visando ao crescimento dos santos (Ef 4.11). Paulo diz que o propósito disso tudo é a edificação da igreja (1 Co 14.3,26). Outro aspecto que deve ser observado é o lado comunal da Igreja Primitiva quando vendiam suas propriedades e repartiam com os pobres, e não simplesmente o desprezo pelos bens materiais (At 4.32-35). Barnabé, por exemplo, doou uma propriedade (At 4.36-38), mas por outro lado Maria, mãe de João Marcos, continuou com a casa dela (At 12.12).

A igreja como uma comunidade proclamadora

Uma igreja adoradora, instruída na palavra, é uma igreja que proclama. A missão da igreja é pôr em prática a Grande Comissão (Mt 28.19). Fomos chamados para sermos proclamadores das Boas-Novas do Reino de Deus (1 Pe 2.9). Uma igreja que não prega, não evangeliza, não está cumprindo com sua missão. Gene Getz escreve que:

> A igreja existe, portanto, para cumprir duas funções fundamentais — a evangelização (fazer discípulos) e a edificação (ensinar-lhes). Por sua vez, essas duas funções respondem a duas perguntas — primeira: "por que a igreja existe no mundo?" e segunda: "por que a igreja existe como comunidade congregacional? Quando você indaga "Por que a igreja existe no mundo?", você está perguntando o que Deus espera realizar por meio de seu povo à medida que este entra em contato com o mundo incrédulo! Quando você indaga "Por que a igreja existe como comunidade congregacional?", você está indagando o que Deus espera que aconteça aos fiéis à medida que se reúnem como membros do corpo de Cristo.[21]

A igreja é o Israel de Deus, e como tal tem a missão de ser o povo de Deus nesta terra. Dentro do contexto da prosperidade bíblica é importante dizer que todas as bênçãos que Deus tem para seu povo acontecem dentro da esfera da igreja. O importante não é apenas ser abençoado, mas ser abençoado por pertencer à igreja.

5
Capítulo

"SER" É MELHOR DO QUE "TER" — A PROSPERIDADE NO NOVO TESTAMENTO

A transformação das pessoas em mercadoria

Em seu livro Vida para Consumo, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008, p. 20,21) escreveu:

> Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A "subjetividade" do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores — ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta — é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias em que, para citar aquela que talvez seja a mais citada entre as muitas sugestões citáveis de Georg Simmel, os diferentes significados das coisas, e, portanto, as próprias coisas, são vivenciados como "imateriais", aparecendo "num tom uniformemente monótono e cinzento" — enquanto tudo "flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro". A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis "que flutuam com igual gravidade específica" e assim captar o olhar dos consumidores [...] Ser "famoso" não significa nada mais (mas também nada menos!) do que aparecer nas primeiras páginas de milhares de revistas e em milhões de telas, ser visto, notado, comentado e, portanto, presumivelmente desejado por muitos —

> assim como sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas e nas telas de TV, e por isso vistos, notados, comentados, desejados".[52]

As palavras de Bauman são de um realismo impressionante. Elas nos revelam que o consumismo invadiu todos os segmentos da sociedade e com isso transformou as pessoas em simples objetos. Isso não seria tão trágico se as igrejas estivessem fora dessa realidade, o que infelizmente não acontece. Douglas Atkin (2007, p. 12,13) já havia detectado esse fenômeno quando pesquisava dentro das igrejas o que denominou de "culto às marcas":

> Os mundos sagrado e profano aproximam-se cada vez mais, quer gostemos disso ou não. E boa parte dessa iniciativa tem sido tomada pelas organizações religiosas. As chamadas "megaigrejas" (atualmente há mais de setecentas na América do Norte, com três milhões de membros) estão construindo *shopping centers,* para que os pagãos possam pesquisar e escolher uma religião depois de pesquisar e escolher um guarda-roupa ou uma academia de ginástica, a fim de trabalhar o espírito depois de trabalhar o corpo. Algumas dessas florescentes igrejas evangélicas empregam programas clássicos de marketing para atrair novos "clientes" por meio de anúncios publicitários, mala-direta e correio eletrônico. Algumas religiões, ao inaugurar novos templos, usam o mesmo tipo de informação de marketing que *Wal-Mart* ou o *Target* para abrir lojas em bairros onde o número de supermercados é pequeno [...] Essa adoção de instrumentos seculares e comerciais talvez não cause surpresa, uma vez que o mundo religioso parece invejar o comprometimento que as marcas são capazes de gerar.[53]

O ensino neotestamentário sobre a prosperidade é bem explícito. Todavia, um contraste feito entre aquilo que ensina Jesus Cristo e os apóstolos sobre o viver prosperamente, e o que dizem hoje dezenas de mestres modernos sobre esse mesmo assunto, nos passa a ideia de estarmos diante de duas coisas completamente diferentes. Por um lado, temos hoje dezenas de igrejas e pregadores incentivando o consumo e uma vida de acúmulo de bens. Por outro lado, temos o Senhor Jesus e seus apóstolos até desencorajando tal ideia (Mt 6.19; 1 Tm 6.8-10).

---

[52] ZYGMUNY, Bauman. *Vida para Consumo—A Transformação das Pessoas em Mercadoria.* Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

[53] ATKIN, Douglas. *O Culto às Marcas - Quando os Clientes se Tornam Verdadeiros Adeptos.* São Paulo: Editora Cultrix, 2007. Atkin ainda observa que "a verdadeira questão acerca da fusão do secular e do sagrado tornava-se cada vez mais clara à medida que eu pesquisava. As mesmas dinâmicas estão em ação por trás da atração exercida pelas marcas e pelas seitas" (p. 13).

Qual a origem, pois, dessa contradição? Parece não haver dúvidas de que a cultura de hoje tem atribuído um sentido ao viver cristão que em nada se assemelha ao modelo vivido pelos crentes da Igreja Primitiva. *Sucesso e consumo* são termos que definem bem o que seja hoje uma vida próspera.[54] Por outro lado, *prosperidade* no Novo Testamento não está vinculada a uma vida de realização material, mas com a restauração da comunhão com o Senhor que havia sido perdida. Se a ideia que se tem hoje de alguém próspero é a daquele que galgou os degraus do sucesso e da fama, no Novo Testamento ser próspero significa até mesmo a perda desse sucesso e dessa mesma fama (Fp 3.7,8; Lc 18.22; 19.2,8).

O Novo Testamento grego possui dois vocábulos que expressam bem o sentido daquilo que é um viver próspero no Novo Testamento. A primeira palavra, euodoo, é um composto de duas outras: eu, que significa *passar bem*, e *hodos*, significando *caminho*. O sentido, portanto, de *euodoo* é prosperar, ser bem-sucedido (1 Co 16.2; 3 Jo 2).[55] Ainda outros termos que possuem significados semelhantes são: *perisseuo* e *perissos*, ambos traduzidos em nossas bíblias como abundância. A primeira palavra é um verbo, cujo sentido é o de *ter em excesso*, e a última é um adjetivo, que mantém o significado de *mais do que é necessário* (Jo 10.10; Fp 4.12,18). Diante desses fatos, é necessário descobrir aquilo que o Senhor Jesus e seus apóstolos definiram como sendo um viver próspero.

Reino presente e Reino futuro

---

[54] "Chega de comer frango só aos domingos. Chega de dormir com coberto velho e rasgado. Chega de usar dentadura colada com durepox. Chega de usar roupas rasgadas e sapatos furados. Chega de escova de dentes estraçalhada. Chega de carro fundindo o motor. Chega de casa sem acabamento e com goteiras. Chega de comprar quilinhos de mantimentos. Chega de guardar o melhor e usar o pior. Chega de comprar o pior. Chega de ser analfabeto. Chega de televisão preto e branco. Chega de cheque sem fundos e nome protestado. Chega de agiotas e gerentes de bancos. Chega de geladeira e fogão velhos. Chega de cama quebrada e colchão remendado. Chega de dívidas e passar necessidades. Chega de telefone, água e luz cortados. Chega de reformar coisas velhas. Chega de comprar fiado e pagar aluguel. Chega de receber salário mínimo. Enfim! Deus nos livra do pior. É hora do melhor" (Jerônimo Onofre da Silveira, pastor do Templo dos Anjos em Belo Horizonte, conforme citado no livro *Decepcionados com a Graça*, de Paulo Romeiro).

[55] Ethelbert W. Bullinger destaca que a raiz dessa palavra significa "ser conduzido por um bom caminho, ter uma jornada prospera" *(A Criticai Lexicon and Concordance to the English and Greek New Testament.* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.)

O que está, pois, errado com essa teologia que promete uma vida em total saúde, riqueza e sucesso? Ela tem perdido a visão escatológica que marcou o viver dos primeiros cristãos. Embora os primeiros crentes já pudessem desfrutar na vida presente de certas bênçãos do mundo vindouro (Mc 10.29,30), estavam com o coração voltado para o Reino futuro. Isso levou, por exemplo, o apóstolo Paulo a ansiar ainda em seus dias pela Segunda Vinda do Senhor (1 Ts 4.17; 1 Co 16.22).

E essa dimensão escatológica que a Igreja Primitiva possuía que hoje necessitamos resgatar. "Buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). E por isso que a Escritura exorta com frequência a não alimentarmos uma mentalidade de mercado. A Bíblia diz que não podemos confiar nas riquezas (1 Tm 6.17) e que por isso não convém acumulá-las (Mt 6.19). A ideia é que o crente quando põe sua confiança em bens materiais pode cair na tentação da cobiça e até mesmo se desviar (1 Tm 6.9,10). Tiago alerta que a confiança em bens terrenos pode conduzir à opressão (Tg 2.6) e ao engano (Tg 5.4).

"Ser" *versus* "Ter"

O Novo Testamento nos adverte para o perigo da inversão de valores. Para John Benton (2002, p. 14,15), essa inversão pode ser vista a partir da relação fabricante-consumidor. Na análise de Benton,

> houve uma transferência real de poder do fabricante para o consumidor. Em vez de as indústrias paternalistas fabricarem de acordo com sua melhor percepção, agora elas tem de ouvir o consumidor. E, por isso o consumidor sente-se poderoso. Mas este sentimento de poder, de ser capaz de optar sobre como gastar o dinheiro e de ser o centro das atenções é estimulado. As empresas no mercado sabem que não são apenas as coisas materiais que trazem contentamento, mas que a sensação de poder é a principal responsável pela alegria que as pessoas sentem quando compram algo. Portanto, um dos componentes eficazes do consumismo é o prazer por meio do poder [...] podemos pensar no consumismo, então, como um novo evangelho — as boas novas secular. Podemos defini-lo, *grosso modo,* da seguinte maneira: consumismo é aquela promessa de felicidade oferecida pelos bens materiais e serviços que se capitalizam no prazer de escolha de cada consumidor.

O Novo Testamento narra o encontro que Jesus Cristo teve com certo homem (Lc 12.2-5). Nessa passagem encontramos alguém que

estava mais preocupado em "ter" do que "ser". Ele queria "ter", isto é, possuir muitos bens materiais, mas demonstrou total descaso em "ser" alguém zeloso com as coisas espirituais (Lc 12.21). "Ter" está relacionado com aquilo que possuímos enquanto "ser" tem a ver com aquilo que somos. De fato o relato sagrado diz que quando Deus pediu conta da alma daquele homem, ele nada tinha preparado (Lc 12.20). Possuir bens e ter dinheiro é bom, e a riqueza em si não é má. O que fazemos com ela pode sim transformar-se em algo danoso (SI 62.10). De fato, a Bíblia condena o amor ao dinheiro (1 Tm 6.10) e não a aquisição dele. O Novo Testamento cita cristãos que possuíam bens e não os condena por isso, como por exemplo, José de Arimateia (Mt 27.57); Zaqueu (Lc 19.2); Dorcas (At 9.36). Mas quando se trata de riquezas, parece que há um desequilíbrio crônico entre ter e ser. Parece que para muitos ter posses é melhor do que ser um amigo de Deus (Lc 18.24). No livro de minha autoria, intitulado de Defendendo o Verdadeiro Evangelho (2009, p. 170), escrevi:

> Vejamos o Salmo 73, onde essas diferenças conceituais (entre ser próspero e possuir bens) se tornam bem claras para nós. No versículo 3, lemos: "pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios". E no versículo 12 está escrito: "Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas". A palavra riqueza neste último texto traduz o termo hebraico ***shalew***, derivado de ***shala*** e significa "tranquilo", "próspero". O contexto desse Salmo deixa claro que o autor ficou perturbado com a aparente prosperidade dos incrédulos. Como isso podia acontecer, se aqueles que temiam a Deus pareciam viver em dificuldades?
>
> Quando ainda se propunha a entender essa aparente contradição da vida, o salmista encontra a chave que solucionará o problema. "Até que entrei no santuário de Deus; então, entendi eu o fim deles. Certamente, tu os puseste em lugares escorregadios; tu os lanças em destruição", vv.17,18. Ele descobriu que os ímpios têm posses, mas não prosperidade; os ímpios desfrutam de sucesso, mas não de bênçãos divinas. Para o salmista, a prosperidade era mais uma questão de "ser" do que de "ter". Ser amigo de Deus é muito mais importante do que ter aquilo Ele pode nos dar. "Todavia, estou de contínuo contigo, tu me seguraste pela mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho e, depois, me receberás em glória" (SI 73.23,24).[56]

[56] GONÇALVES, José. *Defendendo o Verdadeiro Evangelho.* Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

Esse desejo exacerbado por trás das posses está intimamente relacionado com o exercício do poder. Queremos "ter", isto é possuir, para mostrar quem somos. Alguém já disse que existe muita gente comprando o que não precisa, com o dinheiro que não tem, para mostrar o que não é. Richard J. Foster (2005, p. 77,78) reconhece que

> o poder é insidioso quando está ligado ao orgulho. Entre as pessoas mais perigosas em nossa cultura saturada pela mídia estão os líderes que acreditam na imagem de si mesmos que oferecem à imprensa [...] é claro que todos nós sofremos a sedução da vaidade, não somente os líderes. Mas estes são especialmente suscetíveis hoje por causa de nossa paixão pela mídia. Não é esquisito, por exemplo, que suponhamos, sem questionar, que aparecer na televisão seja um tipo de honra? As vezes, sentimos que a televisão define quem são as pessoas importantes. E uma ideia realmente tola, mas, apesar disso, nos apegamos a ela. Em *Christ and the Media* [Cristo e a Mídia], o escritor inglês Malcolm Muggeridge sugere que, se Jesus estivesse passando pela tentação no deserto hoje, Satanás acrescentaria uma quarta tentação: a de aparecer na televisão em rede nacional.[57]

Esse consumismo fora de controle, e que está estranhamente ligado ao poder, e que é uma das principais marcas da cultura contemporânea, não é algo a-histórico. E um fenômeno que tem suas raízes ligadas ao aparecimento da pós-modernidade. A pós-modernidade é um fenômeno sociocultural relativamente novo, mas está entranhado em todas as redes sociais.[58] Para o pesquisador espanhol Antonio Cruz, é possível traçarmos um perfil dessa cultura consumista a partir de uma análise dos pressupostos da pós-modernidade. Em seu livro *Postmodernidad*, um dos melhores textos

---

[57] *FOSTER, Richard J. Dinheiro, Sexo e Poder — Um Chamado a Renovação Ética. São Paulo: Editora Mundo Cristão.*

[58] Para o pensador britânico Alister McGrath, "o pós-modernismo é geralmente entendido como algo de sensibilidade cultural sem absolutos, certezas fixas ou fundamentos, que se deleita no pluralismo e divergência, e que objetiva pensar profundamente o "estabelecimento" radical de todo pensamento humano" (MCGRATH, Alister. *Paixão pela Verdade — A Coerência Intelectual do Evangelicalismo.* São Paulo: Shedd Publicações, 2007)- Por outro lado, Charles Colson destaca que a pós-modernidade se firma no princípio de que "não existe uma verdade nem um significado objetivo, que somos livres para criar nossa própria verdade desde que entendamos que ela não é nada mais que um sonho subjetivo, uma ilusão confortadora" (COLSON, Charles. *O Cristão na Cultura de Hoje — Desenvolvendo uma Visão de Mundo autenticamente Cristã.* Rio de Janeiro: CPAD, 2006).

sobre esse assunto, ele relaciona quais são os fundamentos dessa cultura pós-moderna:

> *A morte dos ideais* — Não se fundamenta em nada. Carece de certezas absolutas. Das entranhas da democracia surge o indivíduo pós-moderno, individualista e narcisista, mais preocupado consigo mesmo do que com o outro; *Sentimentalismo* — a pós-modernidade significa uma ruptura com todos os formalismos da cultura moderna. Significa a primazia do inconsciente, do corporal, do desejo e do sentimento; *Crise ética* — Não há moralidade, mas sim a busca desenfreada do prazer. Os sentimentos devem ser manifestados sem regras nem limites. O que determina a moralidade são as preferências e os sentimentos de cada um. O fim último da vida é para o pós-moderno conseguir prazer. A sociedade pós-moderna aumenta o número de opções e a possibilidade de escolha. O balcão de ofertas se apresenta ao gosto do cliente. O ideal é fazer idêntico o que era diferente; *Crescimento do narcisismo* - O individualismo da modernidade que era competitivo na economia, sentimental no doméstico, revolucionário no político e artístico, se transformou na cultura pós-moderna em um individualismo puro e duro, sem os valores morais e sociais da família. O próximo já não é o outro, mas eu mesmo. O organismo deve estar sempre jovem e em perfeito funcionamento, igual aos automóveis. Não se aceita a velhice. O velho é aquele que não pode desfrutar de corpo jovem. Daí que os ancião hajam inaugurado essa terrível infância chamada de terceira idade. O corpo assassinou o espírito como Caim assassinou Abel; *O gosto pelo unissex* - as pessoas não se definem por sua existência, mas por sua aparência. O importante hoje não é ser, mas parecer. Mostrar uma boa imagem. Vivemos numa sociedade de aparência, no império do efêmero. Onde o natural cansa e somente o artificial parece seduzir; *Fracasso do desenvolvimento pessoal* - é o culto à popularidade e à aparência. O culto às celebridades é a fé suprema e a força para viver de milhões de jovens ocidentais. Em uma sociedade marcada por famílias cada vez mais desestruturadas, os jovens e adolescentes encontram em um grupo a identificação sócio-afetiva que parece fornecer-lhes essa segurança de que são carentes em seu próprio ambiente familiar. Essa religião também cansa. Não há estrela que dure cem anos, nem pós-moderno que a agüente. Os ídolos caem porque tem os pés de barro. Não se pode suportar por muito tempo a grande desigualdade existente entre admirador e admirado. As estrelas se sucedem velozmente. O que dá prazer não é o sentimento de devoção ao ídolo, senão a realização do adepto. Quando isto não mais realiza deve buscar outro famoso. A vida de muitas pessoas se converte num numero muito grande de ídolos. Se anda à caça do último ídolo carismático; *Modismos* — estamos no reino do passageiro. O império do efêmero. Se anteriormente as ideologias exigiam a seus sustentadores sacrifício e

abnegação, atualmente a moda somente procura o bem- estar imediato das pessoas. Está na moda mudar de ideal, de partido, de equipe, de trabalho, de sexo e de religião. O culto à moda conduz à era do vazio existencial; *Perdida a fé na história* - A antiga crença de certos historiadores de que o conhecimento do passado era a chave do futuro foi substituído hoje pela convicção de que os conhecimentos históricos só apontam a um saber incerto do passado e não dizem absolutamente nada acerca do que está por vir. Esta é precisamente a desgraça do homem pós-moderno. Sem memória coletiva, nem individual, o pós-moderno é um indivíduo sem identidade que renuncia a ela voluntariamente porque não tem consciência de sua importância e não quer utilizar sua capacidade racional para compreender a si mesmo.

Os verdadeiros valores

O Novo Testamento introduz uma nova noção de valor no mundo do primeiro século da era cristã.[59] Os verdadeiros valores são os eternos, e não os temporais. Para o teólogo e filósofo Battista Mondin (2005, p. 34,35), os valores

> são os guias que o ajudam [o homem] a realizar o próprio projeto de humanidade. Eis, portanto, o critério para estabelecer a hierarquia de valores: ele é constituído pela contribuição que uma coisa, uma pessoa, uma ação pode dar para a realização do projeto-homem e do valor-homem. Uma realidade ocupa um degrau tanto mais elevado na hierarquia dos valores quanto maior é a sua contribuição nesse sentido e tanto mais baixo é menor sua contributo. De fato, as hierarquias de valores foram estabelecidas por quase todos os estudiosos com esse critério. E, se as hierarquias aparecem tão contrastantes e disparatadas, deve-se somente ao desacordo que reina entre os filósofos em relação ao projeto-homem. Se aceitarmos o projeto nietzscheano, obtemos uma hierarquia que tem no ápice a vontade de poder. Se acolhermos o projeto marxista, o primeiro lugar na hierarquia de valores cabe ao trabalho. Se assumirmos um projeto freudiano, elaboramos uma hierarquia fundada sobre o primado do prazer [...] Um projeto-homem, para ser fiel a todos os dados de nossa experiência, leva em consideração também a experiência da transcendência e, portanto, no ápice da escala dos valores outro que não o próprio Deus. Ele, já digno da máxima estima, respeito e

[59] Em meu livro *Por que Caem os Valentes?,* escrevi: "podemos dizer que um valor é absoluto quando ele vale para todos os povos, em todas as épocas e em todos os lugares; por outro lado, o valor relativo seria o oposto disso. Um valor absoluto tem validação universal, enquanto aquilo que é relativo não goza dessa prerrogativa" (GONÇALVES, José. *Por que Caem os Valentes:?.* Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 37).

> louvor por si mesmo, é também digno da máxima consideração em relação ao projeto-homem, porque só Ele é capaz de assegurar ao homem a atuação plena do próprio projeto de humanidade.

Dentro desse contexto dos valores as verdadeiras riquezas não são mais as materiais, mas as espirituais. A cultura judaica dos dias de Jesus acreditava que riqueza era um sinal de um favor especial de Deus, e que aqueles que a possuíam deveriam ser tratados com deferência. Esse fato levou os discípulos a verem com assombro a declaração de Jesus falando da dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus (Lc 18.24). Diante disso eles indagaram: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" A crença era que os muitos bens que alguém possuía já era um sinal da salvação.

Essa ideia errada será corrigida nos ensinamentos do Senhor e também nos escritos dos apóstolos. Paulo, por exemplo, falará das "inson- dáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.8 - ARA). No pensamento do apóstolo, os bens espirituais em muito transcendiam aos materiais. Ele diz que Cristo Jesus "foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Co 1.30). Cristo deve ser buscado e almejado porque nEle estão todos os tesouros e riquezas: "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3). E por isso que Paulo teve coragem de perder tudo para ganhar a Cristo (Fp 3.7,8).

A filantropia no contexto do Novo Testamento

J. Jeremias, teólogo e historiador, observa que nos dias de Jesus havia diferentes classes sociais. Havia os ricos, que eram formados pela corte e pela classe mais abastada; a classe média; a classe dos pobres, formada por escravos e diaristas; e ainda uma parte da população que era amparada por auxílio do poder público. Jeremias comenta:

> Os diaristas eram mais numerosos que os escravos. E diarista aquele homem alugado por um rico hierosolimitano como cursor. Os diaristas ganhavam uma média de um denário, com refeição. O pobre que vivia a caçar pombos pegava, cada dia, 4 rolas. Diariamente oferecia duas em sacrifício. O preço de 1/8 de denário a rola em Jerusalém representava um ganho diário de 1/4 de denário. Considerava-se esse ganho como

notoriamente fraco. Catastrófica a situação de um diarista, quando não encontrava trabalho.[60]

Quando a igreja dá início ao seu projeto de expansão por meio de sua ação evangelística, pessoas de diferentes camadas sociais se agregam à nova fé. Pertencentes às classes mais altas havia o clero, formado pelo sumo sacerdote, pelos sacerdotes e levitas. Completando essa camada privilegiada da sociedade havia também os escribas, fariseus e a nobreza leiga. O Novo Testamento registroque pessoas vindas dessas camadas mais abastadas se juntavam à igreja.[61] "E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé" (At 6.7). Por outro lado, temos os menos favorecidos, como os escravos, também se rendendo à fé. Dentro desse contexto havia até aqueles "que nada tinham" (1 Co 11.25). Paulo deu instruções para esses novos crentes dizendo: "Foste chamado sendo servo? Não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião" (1 Co 7.21). Escrevendo a Filemom, Paulo faz um pedido especial por um escravo que ele ganhou na prisão: "Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões" (Fm 10). A igreja era heterogenia em suas classes sociais, mas homogenia em sua fé (At 4.32).

Dons e donativos

Escrevendo aos Gálatas, o apóstolo Paulo recorda que Pedro, Tiago e João, que eram tidos como colunas da igreja de Jerusalém, fizeram-lhe um pedido: "que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com diligência" (G1 2.IO).[62] Os estudiosos observam que essa pobreza entre os crentes primitivos de Jerusalém pode estar associada à escassez de alimentos causada pela fome (At 11.28); ao aumento do número de viúvas pobres; e às perseguições anteriores (At 6.1; 8.1). Nada de pecado pessoal e maldições hereditárias.

Jerusalém era a igreja-mãe, rica em bênçãos espirituais, pois foi de lá que a igreja deu seus primeiros passos para o mundo (Lc 24.49). O

---

[60] *JEREMIAS, Jeochim. Jerusalém no Tempo de Jesus — Pesquisa de História Econòmico-Social*

[61] JEREMIAS*, Jeoachim, Jerusalém no Tempo de Jesus. São Paulo, Editora Paulus.*

[62] J. Jeremias destaca ainda que "a alta percentagem da população que vivia principalmente ou

Espírito Santo e seus dons operaram a partir de Jerusalém (At 1.8). Os gentios de todo o mundo haviam sido abençoados espiritualmente pela fé oriunda de Jerusalém, e Paulo como semeador da boa semente lembra isso. S. McKnight (2008, p. 243)

> põe em destaque que a segunda carta de Paulo aos coríntios contém dois capítulos que tratam, em grande parte, da coleta para os santos (2 Cor 8—9). Incluídas nessas diretrizes estão coisas como a necessidade de disposição generosa (2 Cor 8,12; 9,5-11), a meta de igualdade (2 Cor 8,IS-IS) e a necessidade de boa gestão de fundos (2 Cor 8,12-21).

A igreja gentílica não deveria se esquecer das bênçãos espirituais a partir de Jerusalém. "Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?" (1 Co 9.11). Quem foi abençoado espiritualmente não deve se privar de abençoar com bens materiais seus irmãos necessitados.

Com isso em mente, Paulo começou uma campanha para arrecadar donativos para os crentes pobres de Jerusalém. O Dicionário de Paulo e suas Cartas comenta:

> Evidentemente, assim que saiu de Jerusalém e começou a segunda viagem missionária pelo norte do Mediterrâneo, Paulo iniciou uma campanha de fundos para aliviar a pobreza da comunidade de Jerusalém ("santos" é a referência paulina aos judeu-cristãos) [...] encontramos outro sinal de sua preocupação eml Coríntios 16.1-4, onde ficamos sabendo que Paulo incentivou outras de suas Igrejas a, regularmente, toda semana, pôr de lado fundos, de modo que, quando ele ali chegasse, houvesse uma boa porção para os santos. Ali também ficamos sabendo que representantes oficiais de cada igreja levariam os fundos a Jerusalém.

Muitas igrejas responderam de forma afirmativa ao apelo da coleta: "Porque pareceu bem à Macedónia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém" (Rm 15.26). Por outro lado, Paulo não viu esse mesmo entusiasmo entre os crentes de Corinto e por isso os exorta em sua segunda carta (2 Co 8—9). Não nos esqueçamos de que há muitos irmãos nossos que são ricos de bens espirituais, mas carentes de bens materiais. São eles que necessitam da generosidade da igreja. A prosperidade é também generosidade.

A prosperidade no contexto do Novo Testamento está relacionada a um estado de espírito, isto é, uma vida de um correto

relacionamento com Deus, que resulta em paz interior. Embora possamos ser agraciados com posses de bens materiais, como havia entre os cristãos primitivos, a nossa vida não deve ser direcionada por uma cultura de consumo que busca desenfreadamente a realização apenas do ego, e não de Deus.

6
Capítulo

JESUS E A IDENTIDADE DOS VERDADEIRAMENTE RICOS — A PROSPERIDADE DOS BEM-AVENTURADOS

Buscando a Felicidade

Uma leitura simples no Sermão do Monte nos revelará quem são as pessoas realmente felizes. Para muitos filósofos, a felicidade é inalcançável, pois se trata de algo totalmente contingencial. Alguns são felizes por serem ricos, mas por outro lado, a posse de muitos bens não tem garantido a felicidade de muitos outros. Dentro dessa cosmovisão, a felicidade é algo extremamente relativo. O que tem deixado muitas pessoas felizes tem produzido tristeza em outras. Todavia, não é esse o conceito que encontramos nas bem-aventuranças pregadas por Jesus. Ele parte do princípio de que as pessoas de fato podem ser felizes! E dessa forma que introduz seu sermão (Mt 5) com a palavra *felicidade*. De fato, a palavra latina *beatus*, que deu origem ao vocábulo *beatitude*, traduz a expressão portuguesa *bem-aventurados*. No Novo Testamento grego, o vocábulo usado por Mateus é *makarios,* cujo significado é *feliz e alegria divina e perfeita*. O pano de fundo dessa palavra encontra-se tanto na literatura grega antiga como no hebraico bíblico. Para os gregos, somente os deuses realmente eram felizes, isto é, *bem-aventurados*. Por outro lado, o hebraico *'esher* é traduzido no Salmo 1 com o sentido de *quão feliz são!* O sentido, portanto, é o de alguém *feliz aos olhos de Deus*. Observa- se ainda que na literatura grega clássica a palavra era usada para se referir à *prosperidade material*, mas na literatura sapiencial ela se refere a uma *condição de bem-estar espiritual* com Deus (SI 1.1; 32.1; 112.1). Jesus em seu sermão da Montanha mantém esse último sentido.

Marty n Lloyd-Jones (1989, p. 28) reconhece que

> o grande alvo da humanidade é a felicidade. O mundo inteiro anela obter a felicidade, e quão trágico é observar como as pessoas a estão procurando. A vasta maioria, infelizmente, busca-a de tal modo que essa busca só produz o infortúnio. Qualquer coisa que, mediante a evasão das dificuldades, meramente torne as pessoas felizes por curto prazo, em última análise só tende por intensificar a miséria e os problemas que elas enfrentam. E aí que entra o caráter totalmente enganador do pecado — sempre oferecendo felicidade, mas sempre conduzindo à infelicidade, ao infortúnio e à condenação finais. O sermão do monte, entretanto, diz que se alguém quer ser feliz, aí está o caminho certo. Realmente, somente os bem-aventurados é que são felizes. Essas são as pessoas que realmente deveriam ser congratuladas.[63]

Subindo o monte

> Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem- aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericor- diosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós. (Mt 5.1-12)

Os grandes contrastes: judeus e gentios; Lei e Graça

Para os intérpretes da Bíblia, Mateus escreveu seu Evangelho para os judeus. O propósito era mostrar que Jesus era o Messias ou Ungido pro- metido nas Escrituras do Antigo Testamento. A intenção era, pois, acabar com a tensão existente entre a sinagoga e a igreja.[64] A sinagoga olhava para Moisés, e a igreja, para Cristo. Quem, então, fazia parte da verdadeira comunidade do povo de Deus? Os judeus, que eram os fiéis

---

[63] LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no Sermão do Monte.* São Paulo: Editora Fiel, 1989.

[64] João Batista Gomes, em seu livro *O Judaísmo de Jesus,* argumenta que Mateus deseja mostrar

seguidores de Moisés, ou os cristãos seguidores de Jesus? Para Frank Stagg (1986, p. 90),

> Mateus afirma a validade contínua da Lei, tão importante para os fariseus. O que o aparta deles é a sua declaração de que em Cristo se encontra uma melhor compreensão da Lei (5:21-48; 9:13; 12:3,5,7; 15:3-14; 16:6,11), e o seu verdadeiro cumprimento, em contraste com o mau entendimento e uso errado da Lei por parte dos fariseus (9:4; 15:12-14; 22:18; 23;2). Mateus vê Jesus como o cumprimento da Lei, mas descobrindo sua verdadeira intenção, dando a ela obediência plena, expressa por fim no amor, que se dá em serviço sacrificial.[65]

Para Mateus, portanto, esse conflito não era mais necessário, visto que Jesus como o Messias prometido fora o único que realmente pôde cumprir a Lei na sua integralidade, tornando-se assim o legítimo herdeiro de Abraão (Gn 12.7; G1 3.16). Mateus deixa isso claro ao se referir à fundação da igreja por parte de Jesus, o ungido de Deus (Mt 16.18,19). Para Ele, a igreja, que é formada por judeus convertidos e gentios, era a verdadeira comunidade do povo de Deus (Ef 2.14,16). Não havia, pois, necessidade de tensão, visto que não houve ruptura no cumprimento das promessas do Senhor ao seu povo, mas continuidade. Para ser um abençoado e próspero não era preciso voltar a Moisés, mas permanecer em Cristo.

Por outro lado, como já foi observado, Mateus tenciona fazer um contraste entre a Lei e a Graça (Mt 5.21,22). Para Mateus, Jesus não veio para ser um novo Moisés nem tampouco implantar uma nova lei, mas para cumprir a Lei, coisa que fora impossível alguém fazer. Stagg observou oportunamente que Mateus

> não apresentou Jesus como um "novo Moisés", que tenha dado uma "nova lei". Ele traçou alguns paralelos entre Moisés e Jesus, quer consciente, quer não; mas nunca apresenta Jesus como "filho de Moisés" [...] "Nova lei" não é palavra que interesse a Mateus. Ele não vê, nem poderia ver, Jesus como outorgador de uma nova lei, pois, para ele, Jesus interpreta e cumpre a Lei.

---

aos seus primeiros leitores, à sua comunidade, que ela é, por seguir Jesus, o intérprete autorizado da Lei, a forma verdadeira de judaísmo. Pelo contrário, a comunidade dos fariseus era considerada por Mateus como o Israel infiel e inautêntico. Mateus e sua comunidade, portanto, não rompem com o judaísmo, mas estão, sim, em polêmica, conflito ou disputa com os líderes da comunidade sinagogal (GOMES, João Batista. *O Judaísmo de Jesus.* São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 66).

> Mateus está interessado com a continuidade, tanto quanto com o cumprimento.[66]

Os intérpretes da Bíblia observam que o fato de Mateus vincular, por exemplo, a genealogia de Jesus Cristo como sendo filho de Abraão (Mt 1.1) tem o propósito claro de mostrar que Ele é esse legítimo herdeiro das promessas (Gn 12.7). Por outro lado, a expressão *filho de Davi,* tão frequentemente encontrada em Mateus, garante a continuidade das alianças feitas pelo Senhor com o seu povo, e tem agora o seu cumprimento em Cristo e na igreja.

Dentro desse contexto, ser um bem-aventurado é viver da graça, mesmo sabendo que ela não anula a lei (Mt 5.17-20). A graça, como um favor imerecido de Deus, dá agora condições aos filhos de Deus de viverem as exigências da Lei, mesmo tendo consciência de que não estão mais subordinados aos seus rudimentos (G1 4.3; 4.9; Cl 2.8). Cristo cumpriu a Lei, e quem está nEle vive não mais a Lei de Moisés, mas a Lei de Cristo (G1 6.2), isto é, a lei da liberdade (Tg 1.25; 2.12; G1 5.1; 5.13).[67] Na Lei de Moisés, alguém para ser abençoado necessitava fazer alguma coisa; na Graça, os bem- aventurados são aqueles que não necessitam fazer coisa alguma, visto acreditarem que o Filho de Deus já fez por eles. Philip Yancey diz que a graça "significa que não há nada que eu possa fazer para Deus me amar mais, e não há nada que eu possa fazer para Deus me amar menos .

A graça põe Deus, e não nós, como o agente principal das bênçãos. Recebemos porque Ele graciosamente nos dá, e não porque somos merecedores. A filosofia materialista, consumista e secular sempre põe o homem como o centro de tudo. Ela fomenta o egoísmo, o narcisismo e o individualismo. O escritor Charles Swindoll (2000, p. 41,42) traz uma importante reflexão sobre essa filosofia ao comentar o poema de William Ernest Henley intitulado *Invicto:*

> Saído da noite que me cobre,
> Negro como o Abismo de polo a polo,
> Agradeço aos deuses, sejam eles quais forem,
> Pela minha alma indomável.

---

[66] SATAGG, Frank. *Comentário Bíblico Broadman.* Rio de Janeiro: JUERP.

[67] Veja, por exemplo, os excelentes comentários a esse respeito no *Novo Dicionário de Teologia*

Ao sentir as garras das circunstâncias, Não
estremeci nem gritei em voz alta. Sobre os
golpes dos imprevistos Minha fronte sangra,
mas não se inclina.

Para além deste lugar de rancor e lágrimas Paira
apenas o horror das sombras, Todavia, a
ameaça dos anos Me encontra e me encontrará
destemido.

Não importa quão estreita a porta,
Quão cheio de castigos o pergaminho,
Sou o senhor do meu destino; Sou o
capitão da minha alma.

Swindoll comenta:

Você já ouviu palavras desse tipo, não é? Se você for como eu, deve tê-las ouvido desde criança. Elas parecem tão certas, tão inspiradoras. "Basta se esforçar e você pode fazer tudo sozinho. Pode suportar o que quer que seja. Nada está fora do seu alcance, avance, então... suba mais alto! [...]

[...] O que parece tão certo é, de fato, heresia — aquela que considero a mais perigosa do mundo. O que é? *A ênfase no que fazemos para Deus em vez do que Deus faz por nós.* Alguns se acham tão convencidos do oposto que argumentariam frontalmente. No geral são aqueles afirmam ser este o seu versículo favorito das Escrituras: "Deus ajuda a quem se ajuda" (que não aparece na Bíblia). Falo de matar a graça! O fato é que Deus ajuda os indefesos, os que não merecem, os que são achados em falta, os que deixam de alcançar o seu padrão. Não obstante, a heresia continua mais manifesta agora do que jamais aconteceu na história. Quase todos se consideram "mestres" do seu destino, "capitães" das suas almas. Essa é uma filosofia antiga gravada profundamente no coração humano. E, por que não? Ela apoia o tema predominante de toda a humanidade: o "eu".[68]

Ética e estética

Uma simples leitura do Evangelho de Mateus revela também o conflito existente entre preceitos e princípios? Teologicamente falando, os preceitos são aquilo que se referem às normas ou mandamentos, enquanto os princípios são aquilo que dão fundamentação a esses mesmos mandamentos ou normas. Os preceitos dizem respeito à lei coercitiva ou impositiva, enquanto os princípios dizem respeito ao espírito dessa lei. Os escribas e fariseus, por exemplo, eram apegados

[68] SWINDOLL, Charles. *O Despertar da Graça.* São Paulo: Editora Bom Pastor, 2000.

aos preceitos ou normas, e não aos princípios ou ao espírito por trás da lei (Mt 23.23). O resultado disso é que esse apego rígido às leis ou regras do judaísmo, apenas no seu aspecto externo e não interno, criou uma religião voltada apenas para as coisas externas. É justamente por esse fato que a prosperidade no judaísmo contemporâneo de Jesus era vista apenas por seu aspecto externo.

Esses fatos nos permitem concluir que o judaísmo nos dias de Jesus estava mais preocupado com a estética do que com a ética. A ética é a ciência da conduta, e como tal está preocupada com o comportamento humano, enquanto a estética como ciência da arte e do belo fixa-se nas coisas como elas se apresentam aos nossos sentidos. Em outras palavras, a estética tem a ver com a imagem ou aparência, enquanto a ética lida com o caráter. A ética é comportamental, enquanto a estética é sensorial. A ética olha para dentro e a estética para fora.[69] A religião nos dias de Jesus, assim também como hoje, enxerga apenas o lado externo e considera como próspero o homem que é contemplado com muitos bens materiais, e isso independentemente do caráter.

Ao destacar o perigo de alguém viver em função de uma imagem criada, Harry Beckwith (2008, p. 46) escreveu:

> Em um comercial bem conhecido, o tenista André Agassi certa vez disse que "A imagem é tudo". No mesmo ano, um possível cliente nos pediu para ajudá-lo a cultivar uma imagem. Nós lhe fizemos uma pergunta sobre posicionamento: "O que torna você único em seu setor?"
>
> "Classe. Eu tenho classe", respondeu ele.
>
> Esse comentário pareceu autoanulador. Uma pessoa "de classe" diria isso?
>
> Ele queria que nós o ajudássemos a construir uma imagem.
>
> Você não pode faze isso.
>
> A pessoa por trás do verniz surge com o tempo, se não imediatamente. Quando surge, os outros não mais a conhecem por sua imagem ou essência. Elas a veem como alguém que tentou enganá-las.
>
> Isso foi tentado várias vezes.
>
> Curiosamente, Agassi percebeu a insensatez de suas palavras. Depois de anos, mudou seu corte de cabelo *mullet,* deixou de usar roupas que brilhavam à luz negra e casou-se com Steffi Graf, uma mulher cujo

---

[69] Uma importante diferença sobre a ética fundamentada na personalidade e a ética fundamentada no caráter foi feita por Stephen Covey em seu livro *Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes.* São Paulo: Editora Best Seiler.

> estilo e rosto sem maquilagem sugeria desinteresse pela imagem. Ele se dedicou à caridade e à humanidade, subitamente tão aberto ao mundo quanto o alto de sua cabeça, agora careca.[70]

Definitivamente, uma pessoa não pode viver de sua imagem, mas de seu caráter. O caráter é a nossa essência, aquilo que de fato somos. Tem a ver com os nossos valores. Valores absolutos! Comentei em um dos meus livros:

> Por muitos séculos a ideia de que há valores que são absolutos no campo ético, conforme defendiam os principais filósofos gregos, dominou o pensamento ocidental. A escola sofista fora praticamente esquecida. Isso somente até a primeira metade do século XX. Foi quando surgiu no cenário filosófico o alemão Friedrich Nietzsch. Nietzsch estava disposto a lutar contra tudo e contra todos para provar que não existiam valores absolutos e eternos. Ele advogava a ideia de que é o homem que valora.
>
> [...] O pensamento nietzschiano acabou tornando-se paradigma para esta geração. Jean Paul-Sartre se tornou o seu maior porta-voz. Através das academias, o que pensou e falou esse filósofo alemão, acabou chegando às ruas. Uma onda de ética relativista parece dominar todos os campos da sociedade.
>
> Na verdade, é difícil para o senso comum entender, no atual contexto, que há de fato valores que são universais. Cada um tem a sua verdade. A sua forma de julgar as coisas. A atenção não é mais voltada para princípios morais validos, mas para uma prática fragmentada e privatizada do tipo "fica na tua que eu fico na minha". Todavia, essa forma de pensar tem trazido mais danos do que bem-estar social.[71]

Letra e espírito

Por outro lado, Mateus tem um motivo a mais para destacar nas bem-aventuranças — os bem-aventurados não estavam debaixo da Lei, mas isso não significava que eles não possuíam lei alguma. Viver debaixo de uma lei rígida, olhando apenas para o seu lado exterior e não para o seu interior, isto é, para o princípio que a rege, é legalismo. Todavia, viver sem lei alguma é antinomismo. O antinomista, do grego anti (contra) e nomos (lei), é justamente a pessoa que se levantou contra todo tipo de norma ou mandamento. Para Mateus, os bem-aventurados

---

[70] *BECKWITH, Harry & BECKWITH, Christine. Venda-se: A Arte de Construir uma Imagem.* Editora Best Seiler, Rio de janeiro, 2008.

[71] GONCALVES, José. *As Ovelhas Também Gemem.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

não eram nem legalistas nem antinomistas. Por um lado, eles não estavam mais debaixo das normas e leis do judaísmo, mas por outro estavam debaixo da lei de Cristo. Com frequência aqueles que pregam o evangelho da graça caem na tentação de achar que não estão mais sujeitos a norma alguma. Charles Swindoll alertou quanto a isso:

> Por causa da graça ficamos livres do pecado, da sua escravidão, da sua sujeição quanto às nossas atitudes, anseios e atos. Mas, tendo sido libertos e estando vivendo agora pela graça, podemos na verdade ir longe demais, colocar de lado todo autocontrole e levar nossa liberdade a tal extremo que passemos a servir novamente o pecado. Mas isso não é absolutamente liberdade, isso é desregramento. Sabendo dessa possibilidade, muitos optam pelo legalismo a fim de não serem tentados a viver irresponsavelmente. Má escolha. Quanto melhor seria ter tal respeito pelo Senhor que voluntariamente nos reprimíssemos ao aplicar autocontrole.[72]

Mais uma vez essas palavras de Swindoll nos fazem ver o aspecto externo e interno da religião. O judaísmo farisaico havia favorecido o lado externo da prosperidade e suprimido o seu lado interno. As atitudes externas, como lavar copos, camas ou andar com vestes que demonstravam um viver piedoso eram práticas encorajadas (Mt 23.25,26). Ser próspero nos dias de Jesus era ser possuidor de muitos bens: "Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e folga" (Lc 12.19). É evidente que o ensino de Cristo sobre as bem-aventuranças com sua ênfase nas riquezas espirituais, e não nas riquezas materiais, escandalizou os escribas e fariseus.

Os verdadeiramente felizes

Em seu comentário de Mateus, o judeu convertido ao cristianismo Myer Pearlman descreve as bem-aventuranças como sendo

> o estado de vidas em retidão: aqueles humildes, mansos, misericordiosos, puros de coração e pacíficos. Jesus ensina não depender a felicidade por Ele oferecida do que temos ou fazemos, mas do que somos; e não pode ser importada, mas precisa nascer da alma.[73]

Atentemos para as bem-aventuranças:

---

[72] SWINDOLL, Charles. *O Despertar da Graça.* São Paulo: Editora Bom Pastor.

[73] PEARLMAN, Myer. *Mateus — O Evangelho do Grande Rei.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

1. Bem-aventurados os pobres (Mt 53)

Pobreza aqui não é vista como escassez de bens materiais, mas como uma carência da alma. A palavra grega ptochos fala de carência material. Todavia, para que seus leitores entendessem que o Senhor não estava aqui se referindo apenas a coisas materiais, Mateus coloca como sendo palavras de Jesus a expressão makarioi oi ptochoi to pneu- mati, isto é, bem-aventurados os pobres de espírito (Mt 5.3).[15] Nesse contexto, pobre é quem tem uma carência. Os pobres de espírito, isto é, aqueles que reconhecem suas verdadeiras carências são quem de fato prosperam. O famoso gramático da língua grega A. T. Robertson (2003, p. 27) destaca que:

> Lucas tem somente "os pobres", mas mantém o mesmo sentido que se encontra em Mateus. O termo aqui empregado *ptochoi* é aplicado ao mendigo Lázaro em Lucas 16.20,22 e sugere destituição espiritual (de *ptosso,* agachar-se, pôr-se de cócoras). O outro termo *ptochos é* mais frequente no Novo Testamento, e implica uma pobreza mais profunda que *penes.* "O Reino dos céus" significa aqui o Reino de Deus no coração e na vida. Este é *summum bonum* e o que mais importa.[74]

2. Bem-aventurados os que choram (Mt 5.4)

O choro pode ser motivado tanto por algo interno como externo. Pode ser originado por um estímulo vindo de dentro como também vindo de fora. O bem-aventurado é aquele que chora tanto pela sua própria situação pessoal como também com a do mundo. Como Isaías, ele sente seus próprios pecados, mas também lamenta os pecados do seu próximo (Is 6.5). "Chorar é ter remorso pelos pecados e arrepender-se por eles, renunciar a eles e abandoná-los. Requer nossa inteira confiança na misericórdia de Deus e total empobrecimento de todos os outros recursos. Sintomas da falta desta beatitude são a petulância e o pecado, a falta de seriedade acerca de suas consequências e a presunção do perdão de Deus — "graça barata", como diz Bonhoeffer. Os que "choram serão consolados". O consolo é o papel principal do Messias na restauração do povo, sua terra e o estabelecimento do Reino, como vimos em Isaías 61. [75]

---

[74] ROBERTSON, A. T. Comentário AL Texto Griego Del Nuevo Testamento. Barcelona: Editorial CLIE.

[75] Comentário Bíblico Pentecostal — Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

3. Bem-aventurados os mansos (Mt 5.5)

Marvin Ervin Vicent (1886, p. 37) destaca com muita propriedade que

> os significados pré-cristãos da palavra exibem duas características gerais. (1) Eles expressam conduta externa somente. (2) Eles só contemplam relações entre homens. A palavra cristã, pelo contrário, descreve uma qualidade interna, se relacionando principalmente a Deus.

Na literatura grega a palavra *praeis* (mansos) se refere a alguém que demonstra submissão à vontade de Deus, mesmo quando essa vontade parece contrariar sua vontade pessoal. Não é pieguice, mas submissão consciente à vontade do Senhor. Não é alguém que quando injustiçado questiona a vontade do Senhor ou põe nEle a culpa, mas que se submete à vontade do Senhor. O contexto do Antigo Testamento revela que os mansos eram aqueles que, mesmos injustiçados, confiavam no Senhor como seu legítimo defensor (Is 41.17). Esse ponto de vista será mantido no Novo Testamento (Lc 18.1-8). A prosperidade dos bem-aventurados é medida por esse contentamento. Para *O Novo Comentário Bíblico com Recursos Adicionais,* "refere-se novamente àqueles que são humildes diante de Deus e herdarão não somente as bem-aventuranças celestiais, mas também terão direito ao Reino de Deus que governará esta terra .

4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça (Mt 5.6)

Os léxicos traduzem a palavra *dikaiosune* como estado *daquilo que é e como deve ser* ou ainda como uma *condição aceitável para Deus.* Os bem-aventurados, portanto, são aqueles que demonstram um forte desejo pela justiça divina e a buscam com anseio da alma. O bem-aventurado está consciente de que a verdadeira prosperidade só se realiza com a implantação do Reino de Deus, onde a justiça é superabundante. De acordo com o *Comentário Bíblico Atos*

> os judeus acreditavam que o Senhor também satisfaria as necessidades de seu povo no reino futuro (Is 25.6; 41.17; 55.2), assim como suprira as necessidades dos hebreus durante o êxodo, quando pela primeira vez Deus redimira seu povo (Dt6.ll; 8.7-10). Todavia, o maior objeto de sua aliança deveria ser mesmo o Senhor (SI 42.1; 63.1) e a instrução na sua retidão (SI 119.40,47,70,92,97,103; Jr 15-16).

5. Bem-aventurados os misericordiosos (Mt 5.7)

O léxico grego de Strong traduz essa expressão como: boa vontade ao miserável e ao aflito, associada ao desejo de ajudá-lo. No Novo Testamento, esse termo ocorre com frequência no sentido de perdão. Para se perdoar é necessário possuir um coração misericordioso. O verbo eleethesontai, aparece aqui na voz passiva e mantém o sentido de alguém que acha ou encontrou misericórdia. O seu sentido mais intensificado significa aquilo que causa dó e compaixão pela tragédia e refere-se também ao temor de que aquilo que ocorreu com o outro possa ocorrer também conosco.[76] O bem-aventurado tem um coração perdoador.

6. Bem-aventurados os limpos de coração (Mt 5.8)

O katharos, palavra grega traduzida por puro, é alguém limpo ou inocente de culpa. Barclay (1988, p. 122) comenta que

> os bem-aventurados são aqueles cujos motivos estão absolutamente livres de mistura, cujas mentes são totalmente sinceras, que são completa e totalmente de um só propósito. Que conclamação ao autoexame temos aqui! Esta é a mais exigente de todas as bem-aventuranças. Quando examinamos com honestidade os nossos motivos, ficaremos humilhados, porque um motivo sem mistura de segundas intenções é a coisa mais rara no mundo. Mas a bem-aventurança é para o homem cujo motivo é límpido como a água pura, e com o único propósito de fazer tudo para Deus. Este é o padrão segundo o qual deveremos nos medir, de acordo com o significado desta bem-aventurança.[77]

Isso nos faz perceber que Jesus Cristo fala do puro, mas não é a pureza meramente ritual ou cerimonial. A pureza aludida aqui vem de dentro, visto se originar do coração.

7. Bem-aventurados os pacificadores (Mt 6.9)

A Peshitta, tradução em aramaico feita em 150 d.C., traduz essa expressão como os que fazem a pazl[78] O pacificador é alguém que não

---

[76] RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego.* São Paulo: Edições Vida Nova.

[77] BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova.

[78] *Peshitta em Spanol— Tradución de los Antigos Manuscritos Arameos. Nashville, TN: Holman Bible Publishers, 2006.*

somente ama a paz, mas ele mesmo está envolvido no processo que conduz a ela. A Chave Linguística do Novo Testamento Grego destaca que "o primeiro sentido é que estes são os que efetuam a paz entre Deus e o homem, por meio de Cristo, pela proclamação aos homens da reconciliação do evangelho". [79] Há também referência aqui à paz estabelecida entre homem e homem. O Novo Comentário da Bíblia destaca que aqui "os [versículos] 10 a 12 não deixariam os ouvintes em dúvida quanto à atitude do mundo para o evangelho. O Novo Testamento sempre representa o cristão como alvo de possível perseguição". [80]

8. Bem aventurados os perseguidos por causa da justiça (Mt 5.9)

A. T. Robertson (2003, p. 27) escreve que "apresentar-se como vítima é um artifício mui seguido. O Reino dos céus pertence somente àqueles que são perseguidos por causa da bondade, não aqueles que o são por algum mal cometido". [27]

Aqui se encontra um conceito sobre prosperidade que se contrapõe àquele existente nos nossos dias. Sofrer injustiça, ser perseguido e até mesmo ser martirizado por causa do Reino de Deus é considerado pelo Senhor como um sinal de bem-aventurança. Dificilmente aqueles que se consideram prósperos dentro da teologia da prosperidade admitem esse conceito.

As bem-aventuranças põem em contraste todos os modelos de prosperidade existentes, quer tenham sido vividos nos dias bíblicos quer sejam vividos hoje. A lição é que alguém próspero não é aquele que é medido por fora, mas alguém que é medido por dentro. Deus quer que seus filhos prosperem, mas que essa prosperidade reflita mais uma atitude interior do que simplesmente o acúmulo de bens terrenos.

---

[79] Para Wilfried Haubeck e Heinrich Von Siebenthal, "os discípulos de Jesus, o "príncipe da paz" [cf. Is 9.5s], difundem a sua paz, entre outras maneiras, levando adiante a sua mensagem de paz com Deus, mas também prevenindo divisões, amargura e discórdia e, sempre que possível, promovendo a paz. (*Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego — Mateus a Apocalipse.* São Paulo: Editora Targumim/Hagnos, 2010.

7
Capítulo

PAULO PODE NÃO TER DITO O QUE VOCÊ PENSA QUE ELE DISSE — O REAL SENTIDO DO "TUDO POSSO NAQUELE QUE ME FORTALECE

Como crente, pastor e leitor, já vi, li e ouvi as mais variadas e absurdas afirmações e interpretações acerca da Bíblia e do seu texto. Algumas são apenas desvios doutrinários, outras são flutuações teológicas, enquanto outras são verdadeiras blasfêmias. Já li que Adão, por exemplo, quando estava no paraíso, voava como qualquer ave; que houve uma raça pré-adâmica, descendente ninguém sabe de quem; que a Terra ficou deformada em consequência da queda de Lúcifer; que Davi e Jonas eram homossexuais assumidos; que José do Egito possuiu quatro túnicas; que Saul nunca foi rei, mas apenas príncipe; que Paulo, o apóstolo, era cego; que os seres viventes de Ezequiel eram, na verdade, extraterrestres; que Jesus teria casado com Maria Madalena; que Jesus não conquistou a salvação na cruz, mas no inferno; que Jesus precisou receber a natureza de Satanás quando morreu por nossos pecados e que por isso necessitou nascer de novo; que Deus não conhece todo o nosso futuro; que a Bíblia não é a palavra de Deus, mas apenas a contém; que mulher não vai para o céu, porque ali seremos como os anjos e não existe anjo fêmea, mas somente macho; que as mulheres só serão salvas se receberem um espírito de varão; que Jesus não nasceu em Belém, mas em Jerusalém; que Jesus tem cerca de l,80m de altura; que o mundo acabaria em 1843, 1844, 1914, 1918, 1920, 1975, 1988, 1994, 2000, 2007, 2012, etc.; que a trindade são nove em vez de três; que não precisamos mais orar, mas determinar; que Deus vai transferir para a igreja toda a riqueza do mundo; etc., etc.

Paulo realmente disse o que dizem que ele disse?

O que todas essas interpretações têm em comum? O que as faz semelhantes? Sem dúvida alguma é a forma descontextualizada de entender a Bíblia. São interpretações que não levam em conta os princípios básicos de interpretação da Bíblia. Em outras palavras, nem a hermenêutica nem tampouco a exegese bíblica nortearam a construção desses argumentos doutrinários. Stanley J. Grenz (2007, p. 66) esclarece que a hermenêutica se preocupa "com o entendimento dos papéis e dos relacionamentos singulares entre o autor, o texto, e o público-leitor original e o posterior".[81]

Em palavras mais simples, uma interpretação correta das Escrituras deve levar em conta seu contexto histórico-social.[82] Quando isso não é feito, abre-se a porta para as mais fantasiosas interpretações do texto bíblico. Um exemplo moderno desse tipo de interpretação pode ser encontrado no sentido que tem sido atribuído às palavras do apóstolo Paulo em Filipenses 4.13.

Vejamos o texto bíblico no seu contexto:

> Ora muito me regozijei no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade. Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição. E bem sabeis também vós, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedónia, nenhuma igreja

---

[81] GRENZ, Stanley. *Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Editora Vida, 2007.

[82] Paulo Anglada, ao escrever sobre a função da hermenêutica e da exegese, observa que "modernamente esses termos têm sido usados de forma diferente. A *exegese* se refere ao estudo das Escrituras com vistas a descobrir o sentido original pretendido pelo autor; enquanto a *hermenêutica* designa estritamente o estudo do seu dignificado contemporâneo. Nesse sentido a *exegese* seria uma tarefa inicial histórica, pela qual se busca compreender o que os leitores originais entenderam, enquanto que *hermenêutica* consistiria numa tarefa teológica prática e subsequente, através da qual se busca compreender a relevância da mensagem bíblica para nós, hoje, no contexto em que vivemos". Anglada ainda destaca a importância do método gramático-histórico de interpretação e o descreve como sendo o método que "leva em conta as pressuposições bíblicas quanto à própria natureza das Escrituras e emprega princípios gerais e métodos linguísticos e históricos que são coerentes com o caráter divino-humano da Bíblia" (ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada.* São Paulo: Editora Cultura Cristã).

> comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente. Porque também, uma e outra vez, me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumente a vossa conta. Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus. O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus. (Fp 4.10-19).

Aqui estão as palavras que tem sido o carro-chefe do triunfalismo neopentecostal: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece (Fp 4.13). Essas palavras foram escritas pelo apóstolo Paulo e endereçadas à igreja de Filipos por ocasião de sua segunda viagem missionária (At 16.6-40). G. F. Hawthorne (2008, p. 57) detalha que

> Paulo veio a Filipos em consequência de uma visão que teve quando estava em Trôade. Ele viu "um macedónio" e ouviu-o dizer: "Passa à Macedónia, vem socorrer-nos!". Imediatamente após a visão, Paulo e seus companheiros abandonaram a tentativa de ir para a Bitínia, e em vez disso, decidiram ir à Macedónia, concluindo que Deus os chamara para ali pregar o evangelho (At 16.9,10). Segundo o relato de Atos, o primeiro convertido ao cristianismo em Filipos foi uma mulher, Lídia. Embora fosse pagã, Lídia era uma adoradora de Deus, pois se sentira atraída pelos elevados ideais da religião judaica (At 16.14). Mas, quando ouviu Paulo anunciar o evangelho, como Lucas disse, o Senhor lhe abriu o coração, ela pôs sua fé em Jesus Cristo e junto com sua casa recebeu o batismo (At 16.14,15). Essas pessoas se tornaram o núcleo da Igreja de Filipos e, quando se reuniram na casa de Lídia, demonstraram grande bondade em sua generosa hospitalidade a Paulo e seus companheiros, persuadindo-os a se juntar àquela casa e ali se hospedar.[83]

Os estudiosos da Bíblia estão de acordo que o apóstolo endereçou essa carta à igreja de Filipos por ocasião de seu aprisionamento em Roma. Mas o que essas palavras de Paulo significam não tem tido o mesmo consenso entre os evangélicos. O sentido mais popular dado a ela expõe mais presunção do que confiança; mais triunfalismo do que uma verdadeira fé. Fora do seu contexto, o entendimento que lhe é atribuído é que o crente pode possuir o que quiser, já que é Deus quem lhe garante isso. "Tudo posso" ganhou o

---

[83] HAWTHORNE, G. F. *Dicionário de Paulo e suas Cartas.* São Paulo: Editora Paulus.

sentido de "tenho posse". Passa, então, a ser usado como um mantra que garante a conquista de bens materiais seja em que condição for. Mas será esse o real sentido desse versículo?

Paulo e a adversidade

Como já vimos, uma das regras básicas dos princípios de interpretação da Bíblia é a análise do contexto da passagem que se está estudando. A grande maioria dos erros doutrinários surge por conta da violação desse princípio. O texto ora em estudo não foge a essa regra.

Quando alguém usa as palavras de Paulo para justificar uma vida em total saúde e riqueza e isenta de problemas, evidentemente que está fazendo uso indevido do pensamento do apóstolo. Isso por uma razão bastante simples — antes de declarar sua total suficiência em Cristo, o apóstolo diz: "Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade" (Fp 4.12). Somente após afirmar que passou por situações mais adversas nas quais viveu em escassez e em outras nas quais experimentou abundância é que ele diz poder todas as coisas naquEle que o fortalecia. Ao estudar exaustivamente as palavras de Paulo em sua carta aos filipenses, o erudito William Hendriksen (2005, p. 593) destacou que

> Paulo não é nenhum presunçoso para proclamar: "Eu sou o capitão da minha vida". Nem tampouco é um estoico que, *confiando em seus próprios recursos,* e supostamente imperturbável ante o prazer ou dor, busque com todas as suas forças supor, sem a menor queixa, sua irremediável necessidade. Conhece (pessoalmente) tanto as alegrias quanto as aflições, e aprendeu a permanecer contente. Seu contentamento, porém, tem sua razão em um outro, além de si mesmo. O verdadeiro Manancial ou Fonte da suficiência espiritual de Paulo está mencionado no versículo 13. E essa fonte jamais secará, não importa quais forem as circunstâncias [...] aqueles que rejeitam a Cristo não podem compreender como um cristão pode permanecer calmo na adversidade e humilde na prosperidade.[84]

Dizer, portanto, que Paulo "deu a volta por cima" é forçar a Escritura a dizer uma coisa que ela não diz. Paulo não serve como

---

[84] HENDRIKSON, William. *Comentário do Novo Testamento — Efésios e Filipenses.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005.

exemplo de alguém que começou pobre e terminou rico. Paulo nunca se preocupou por estar por baixo e também nunca se preocupou em ficar por cima. Paulo começou seu ministério fazendo tendas, que era um trabalho duro (At 18.3), e terminou em uma prisão em Roma (Fp 3.12; At 28.30). A prosperidade do apóstolo não dependia da abundância ou escassez de bens materiais, mas da sua suficiência em Cristo. Hendrikson resume .as palavras do apóstolo nesse contexto como segue:

1. Viver em circunstâncias de apertura

O apóstolo de fato sabia o que era passar necessidade, pelo que vemos nas seguintes passagens: At 14.19; 16.22-25; 17.13; 18.12; 20.3; capítulos 21—27; 2 Coríntios 4.11; 6.4,5; 11.27,33. Ele sabia o que era fome, sede, jejum, frio, nudez, padecimentos físicos, tortura mental, perseguição, etc.

2. Ter fome

Fome e sede são com frequência mencionadas juntas (Rm 12.20; 1 Co 4.11; 2 Co 11.27; cf. como anseio espiritual: Mt 5.6).

3. Ter carência

O apóstolo, com frequência, não tinha o necessário. Sua falta de conforto era tanta, que sua situação chegava à mais Ama penúria. Todavia, nenhuma dessas coisas o privou de seu contentamento.

4. Ter fartura

Antes de sua conversão, Paulo era um fariseu preeminente. O futuro se lhe divisava brilhante e promissor. Paulo possuía abundância, e isso de várias maneiras. Todavia, ele tinha carência do tesouro mais precioso: a paz centrada em Cristo.[85]

Alegria na tristeza!

Acerca desse contentamento paulino que deve servir de exemplo para o cristão, John Piper (2003, p. 238,239) observou que

[85] Idem, p. 594.

> o caminho do Calvário com Jesus não é um caminho sem alegria. E uma via dolorosa, mas profundamente feliz. Quando escolhemos os prazeres transitórios do conforto e da segurança, e não os sacrifícios e sofrimento do trabalho missionário, evangelístico, de ministério e amor, estamos nos privando da alegria. Rejeitamos as fontes cujas águas nunca secam (Is 58.11). As pessoas mais felizes do mundo são as que experimentam o mistério de "Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1.27), satisfazendo seus anseios mais profundos e libertando-os para poderem estender ao mundo as aflições de Cristo, por meio dos seus próprios sofrimentos.

Essas palavras de Piper são mais bem compreendidas quando as vemos à luz do contexto da carta de Paulo aos filipenses. Os intérpretes denominam a Epístola aos Filipenses de a "mais alegre" do Novo Testamento. De fato encontramos passagens nessa carta paulina que comprovam essa verdade (Fp 2.18; 4.4-6). Não devemos esquecer que essa carta é denominada de "epístola da prisão", pelo fato de o apóstolo tê-la escrito durante seu período de encarceramento. Todavia, o que mais impressiona é que Paulo demonstrava contentamento mesmo sofrendo perseguição e rejeição (Fp 4.14; 1.7,13,17). O que fica claro é que a felicidade cristã não depende de circunstâncias externas, mas revela um estado de espírito que está em paz com Deus.

Para o apóstolo, a sua prisão estava sendo uma fonte de bênçãos para o progresso do evangelho da mesma forma que a sua liberdade havia sido (Fp 1.13,14). O que importava naquele momento não era uma conquista pessoal, mas ser Cristo Jesus engrandecido pelo seu testemunho, mesmo que este fosse dado de dentro de uma masmorra. Não vemos em Paulo um escapismo triunfalista que nega o sofrimento por meio da confissão positiva do tipo "tudo posso, tudo posso!". Tampouco o vemos lamentando por Deus haver permitido tal situação. O que prevalece é o contentamento em tudo! Somente pessoas amadurecidas na fé são conscientes de que a alegria espiritual pode brotar em meio ao sofrimento (2 Co 12.10). Quando fazemos uma análise sobre o espinho na carne de Paulo (2 Co 12.1-10), descobrimos, por exemplo, que:

> Estava dentro do plano de Deus - "foi me posto", v. 7;
>
> Produz desconforto - "para me esbofetear", v. 7;
>
> Produz humildade - "não me exalte"; Incita à oração - "três vezes pedi ao Senhor", v. 8;

Deixa-nos sensíveis para as coisas espirituais — "Então Ele [Deus] me disse", v. 9;

Revela a graça de Deus - "a minha graça te basta", v. 9;

Molda-nos - "o poder se aperfeiçoa na fraqueza", v. 9;

Faz-nos sentir prazer onde antes só havia dor — "sinto prazer nas fraquezas", v. 10.

Por sua vez, R. C. Sproul (1999, p. 305,306) comenta que

> às vezes, a presença da dor em minha vida traz o beneficio prático de me santificar. Deus trabalha em mim através da aflição. Por mais desconfortável que a dor possa ser, sabemos que as Escrituras nos dizem constantemente que a tribulação é um meio pelo qual somos purificados e conduzidos a uma dependência mais profunda de Deus. Há um benefício a longo prazo que presumivelmente perderíamos não fosse pela dor que somos chamados a "suportar por um pouco". As Escrituras nos dizem para suportar por um pouco, porque a dor que experimentamos agora não pode ser comparada com as glórias reservadas para nós no futuro. Do outro lado, o prazer pode ser narcótico e sedutor, de modo que quanto mais o apreciamos e mais o experimentamos, menos conscientes nos tornamos de nossa dependência e necessidade da misericórdia, auxílio e perdão de Deus. Prazer pode ser um mal disfarçado, produzido pelo Diabo para nos levar à ruína final. Essa é a razão por que a procura do prazer pode ser perigosa. Quer experimentando dor ou prazer, não queremos perder Deus de vista, e nem a necessidade que temos dEle.

A prosperidade dos humildes

Fica bem claro na Epístola aos Filipenses que o segredo do contentamento de Paulo é resultado de sua dependência do Senhor. As suas carências levaram-no a abandonar o orgulho, que era marca de seu antigo viver, para com humildade buscar no Senhor suprir suas necessidades, tanto materiais com espirituais (2 Co 11.18-28).

Geralmente a prosperidade exibida hoje no meio evangélico exprime mais uma atitude de orgulho do que de humildade. O "tudo posso" passou a significar o desvendamento de um segredo que torna aquele que possui sua chave capaz de conquistar o que quiser. Possuir uma casa já não satisfaz, é necessário possuir uma mansão. Possuir um carro 1.0 pode ser um sinal de pobreza; é necessário, portanto, possuir um 4x4 off road. Ser pastor de uma igreja pequena é um testemunho

contra a prosperidade; portanto, faz-se necessário pastorear uma grande catedral. Estamos na época dos pastores *pop stars* e das *mega igrejas!* Não se está afirmando aqui que possuir esses bens seja errado ou pecado, mas a atitude e o objetivo com que se possui pode estar.

Não há como negar que a teologia de filipenses se contrapõe a tudo isso. A competição por *status* que contamina hoje tanto leigos como clérigos é duramente combatida por Paulo: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo" (Fp 2.3). Não podemos concordar com uma prosperidade que fomenta o orgulho. O "tudo posso" que nos esvaziou de tudo.

Fico pensando às vezes em uma igreja que pastorei no sertão piauiense por um espaço de três anos e meio. Aquela é, de fato, uma igreja maravilhosa, acolhedora e que possui um espírito comunitário. Aprendi muito a ser pastor ali! Mas não era porque aquela igreja era numerosa ou porque estava localizada em uma região muito rica. Não, pelo contrário. Aquela era uma das regiões mais carentes do Estado. Nessa época, a estrada possuía pavimentação asfáltica apenas em parte do percurso, e a cidade possuía um sistema elétrico totalmente defasado. As quedas de energia elétrica eram frequentes, e houve período em que o fornecimento de energia ficou interrompido por mais de 20 dias. O sistema de abastecimento de água era precário, logo as interrupções do fornecimento de água também eram constantes Mas eu era feliz e a igreja também! Na época em que fui pastor ali, a renda total da igreja não chegava a ultrapassar quatro salários mínimos. Uma parte dos irmãos era formada por lavradores e donas de casa, e outra parte consistia de funcionários do poder público municipal e estadual.

Ali também havia muitos irmãos carentes na zona rural, e a renda de muitas famílias se limitava ao programa de assistência do *bolsa família* do governo federal. Talvez fosse por isso que naquela cidade não houvesse nenhuma igreja neopentecostal, como ainda hoje não há. Essas igrejas funcionam bem nos grandes centros, onde se valem de truques e técnicas de marketing para convencer os incautos. Ali essas técnicas de marketing não funcionam. O evangelho é pregado de forma nua e crua, pois não há disfarce da mensagem. De nada adiantaria um pastor neopentecostal, por exemplo, dizer "é tudo ou nada", porque o povo carente ali só tem o "nada", e o nada não serve para essas igrejas.

Lembro do humor feito por Chico Anísio com uma dessas igrejas neopentecostais. Ele conta que em um dia de semana uma igreja neopentecostal estava aberta. Um transeunte passou em frente e resolveu parar para dar uma olhada. Enquanto ele olhava, apareceu um obreiro e convidou-o a entrar. Ele então respondeu que não podia entrar. Querendo saber a razão, o transeunte respondeu ao obreiro: "Não posso entrar porque estou duro, não tenho dinheiro!".

Jesus Cristo, nosso exemplo máximo de humildade

Por outro lado, para Paulo, o maior exemplo de humildade não era ele, mas Cristo Jesus (Fp 2.5). Para que sua lição ficasse bem clara, o apóstolo passa a relatar sua compreensão teológica da encarnação do Verbo de Deus. Jesus, mesmo sendo Deus, humanizou-se assumindo a forma de servo (Fp 2.6,7). A encarnação não diminuiu sua divindade, mas acrescentou a sua humanidade. Ele não perdeu seus atributos divinos, mas ao assumir a forma de servo passou a viver os limites vividos pelos homens. O relato lembra a passagem do Evangelho de João em que o Senhor, orando, diz: "E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). Como, pois, demonstrar ostentação diante dos homens e de Deus se o Filho de Deus, mesmo sendo Rei, se tornou servo, e mesmo sendo rico se fez pobre (Fp 2.6; 2 Co 8.9)?

Prosperidade na caridade

"E peço isto: que a vossa caridade aumente mais e mais em ciência e em todo o conhecimento" (Fp 1.9). A palavra "caridade" nesse texto é a tradução da palavra grega *ágape*, cujo significado básico é *amor*. Todavia, o termo grego pode ser traduzido também como *benevolência* e *boa vontade*. Ao traduzir *ágape* por *caridade* nessa passagem bíblica, a tradução ARC põe em destaque o caráter generoso dos filipenses. Caridade aqui tem como sinônimo *generosidade* e não significa de forma alguma que alguém é salvo pelas obras (Ef 2.8). Os filipenses haviam se sensibilizado com a situação de carência do apóstolo e por isso resolveram ajudá-lo (Fp 4.15). O modelo de prosperidade pregado por Paulo soa muito diferente daquele que é adotado hoje. Prosperidade no atual contexto significa "independência". É por isso que vemos os constantes apelos do tipo "Venha conquistar sua independência

financeira". Paulo era próspero e feliz, mas dependeu da ajuda de seus irmãos e demonstrou satisfação por isso.

E interessante analisarmos o "tudo posso" (Fp 4.13) do apóstolo à luz do que ele diz em Filipenses 4.11. A palavra *contentar-me* (ARC) nesse versículo traduz o termo grego *autarkes.* Essa palavra possui como significados na língua original, dentre outros: *independente de circunstâncias externas; contente com a sua sorte ou fortuna, com os recursos que possui, ainda que limitadíssimos.*[86] Paulo havia aprendido a ser contente com tudo ou sem nada. Na filosofia estóica, a palavra era usada para se referir ao homem que aprendera a não depender de ninguém. Os estoicos eram famosos por fazer a felicidade depender deles mesmos e não de fatores externos.[87] Todavia, o pensamento de Paulo desloca esse centro de dependência que se fixa no próprio homem, conforme o pensamento dos estoicos, para colocá-lo em Cristo. Não há dúvida de que essa era a razão de o apóstolo demonstrar gratidão ao filipenses por eles permitirem serem instrumentos de Deus para abençoá-lo. E por isso que Paulo recebe essa ajuda dos filipenses como sendo um *sacrifício agradável e aprazível a Deus* (Fp 4.18). Essa gratidão pela ação dos filipenses foi sem dúvida alguma a principal motivação da carta que lhes foi enviada.

Unidade e prosperidade

---

[86] G. Kittel destaca que essa "palavra é um conceito central na discussão ética do tempo de Sócrates e ainda também um termo gasto pelo uso ordinário. Na filosofia cínica e estóica denota alguém que exercita suficiência em relação às suas próprias possibilidades internas e de quem se torna um homem independente. Dessa forma suficiente em si mesmo e que não necessita de ninguém" (KITTEL, Gerhard (Hrsg.); BROMILEY, Geoffrey William (Hrsg.); FRIEDRICH, Gerhard (Hrsg.): *Theological Dictionary ofthe New Testament.* electronic ed. Grand Rapids, MI : Eerdmans, 1964-cl976, S. 1:466-467).

[87] Por outro lado, Wilton Nelson observa que a "ideia maior dos estoicos era "o homem sábio", o que vive conforme a natureza (ou seja, racionalmente), domina as paixões e suporta serenamente o sofrimento. O fim supremo *(sumu bem)* de sua ética era a felicidade que consiste em viver conforme a virtude que é o bem. Muitas características dos estoicos foram também as doutrinas da igualdade de todas as pessoas e cosmopolitismo. O estoicismo, ainda que austero, podia adaptar-se a muitas das verdades cristãs. Muito da linguagem que Paulo usa no Areópago foi tomada do estoicismo. Contudo, os estoicos de sua época não lhe prestaram muita atenção" (Nelson, Wilton M.; Mayo, Juan Rojas. *Nelson Nuevo Diccionario Ilustrado De La Biblia.* electronic ed. Nashville: Editorial Caribe, 2000, c 1998).

Dentre as muitas recomendações do apóstolo à igreja de Filipos, encontramos esta: "Rogo a Evódia e rogo a Síntique que sintam o mesmo no Senhor" (Fp 4.2). Um fato de fácil percepção na carta aos filipenses é que a felicidade se fundamenta em relacionamentos. Relacionamento vertical e horizontal; com Deus e também com o próximo (Fp 2.1). Qualquer teologia que pregue a prosperidade genuinamente bíblica deve levar em conta a figura do outro. Não existe igreja próspera se por dentro ela está fragmentada. A prosperidade se consolida na unidade. Pensando nisso, Paulo conclui essa carta com um pedido pela unidade da igreja.[88]

Por outro lado, Paulo alerta os filipenses: "Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão!" (Fp 3.2). Uma igreja feliz e próspera é aquela que não somente se mantém coesa por dentro, mas também se guarda das intrusões externas. Os eruditos têm observado que, ao chegar nesse ponto, a carta aos filipenses muda de tom. Segundo a obra *Dicionário de Paulo e suas Cartas,*

> Paulo agora começa um penoso ataque àqueles que subvertem os filipenses — as pessoas que são inimigas da cruz de Cristo. Ele se opõe a qualquer influência que eles possam ter tido, com a afirmação da autoridade dele próprio baseada não em posição, mas em sacrifício [...] não pelo valor dele mesmo, mas pelo valor extraordinário de Jesus Cristo (FP 3.2-21).

Os judaizantes eram uma ameaça constante à igreja nos dias de Paulo, e hoje os modismos e heresias ameaçam da mesma forma. Devemos lembrar que a prosperidade do cristão também acontece no nível doutrinário. Quantos crentes demonstram muita prosperidade material, mas estão contaminados pelo fermento doutrinário? Há saúde física, mas não espiritual.

A Epístola aos Filipenses não ensina a doutrina da prosperidade nos moldes que está sendo divulgada hoje. O "tudo posso" do apóstolo Paulo revela mais dependência do que independência. Paulo era um homem dependente de Deus e por isso aprendeu a não moldar a sua vida espiritual pelas circunstâncias do momento. Cristo era o centro de sua felicidade e satisfação. O mesmo Deus que o fortalecia para viver

---

88 HAWTHORNE, G. F. *Dicionário de Paulo e suas Cartas.* São Paulo: Editora Paulus.

em abundância, era o que o fortalecia quando vivia em escassez. Tudo podemos naquEle que nos fortalece!

8
Capítulo

MUITO MAIS DO QUE POSSUIR JUMENTOS, PRATA E OURO — AS BÊNÇÃOS DE ISRAEL E O QUE CABE À IGREJA

Quando nos referimos às bênçãos que foram prometidas ao Antigo Israel (Dt 28.1-14), logo queremos saber se elas se aplicam à igreja hoje. Que bênçãos foram prometidas a Israel e o que cabe ao povo de Deus hoje? Kenneth E. Hagin, considerado por muitos como o pai da teologia da prosperidade, não tem dúvidas de que todas as bênçãos materiais prometidas ao povo de Deus debaixo da Antiga Aliança pertencem também ao povo de Deus debaixo da Nova Aliança. Em seu livro Chaves Bíblicas para a Prosperidade Financeira (2001, p. 20-24), após citar o texto de Deuteronômio 28.1-14, ele escreveu:

> Várias pessoas questionam: "Bem, Deus disse isso apenas para Israel. As bênçãos por obedecer a Lei de Deus e seus mandamentos não se aplicam a nós".
>
> Lembre-se de que Deus disse: *Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e aos seus filhos, para sempre* (Dt 5.29).
>
> As promessas foram feitas realmente a Israel, baseadas na Antiga Aliança, mas observe o que a Nova Aliança estabelece acerca de cumprir ou obedecer às leis e aos mandamentos de Deus.
>
> **Romanos 13.8**
> A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei.
>
> **Gálatas 5.14**
> Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.
>
> Atente para o que foi dito acima; não deixe esse mandamento fora de sua vida. Israel tinha de guardar os mandamentos de Deus para poder

prosperar; mas, sob a Nova Aliança, também nós temos um mandamento a guardar, a fim de prosperarmos. E o mandamento ou lei do amor.

Observe que Paulo, em suas cartas às igrejas, dirigia-se aos gentios, não judeus; por isso, entende-se que o apóstolo não falava apenas para israelitas. Assim sendo, se amarmos, cumprimos a Lei.

Romanos 13.9,10

Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçaras, e, se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor.

Voltando a Gálatas 3, depreende-se o porquê de não estarmos debaixo da maldição da Lei:

Gálatas 3.13,14,29

Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo e para que, pela fé, nós recebamos a promessa do Espírito [...] E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa.

Qual foi a promessa feita a Abraão? O que Deus lhe prometera?

Essa promessa era de natureza tríplice. Em primeiro lugar, era uma bênção espiritual. Em segundo, uma bênção física. Em terceiro, uma bênção financeira e material.

Se os israelitas, debaixo da Velha Aliança, recebiam as bênçãos divinas por guardarem a lei, assim também nós, debaixo da Nova Aliança, se andarmos em amor, teremos guardado a lei. E as bênçãos também virão sobre nossa vida [...]

[...] Como já mencionei, algumas pessoas afirmam que essa história de prosperidade é coisa do Antigo Testamento. Mas, em vários trechos das Escrituras, comprova-se que as bênçãos de Abraão, inclusive a de prosperidade, são também para nós, que estamos subordinados à Nova Aliança.

Não há dúvida de que a teologia da prosperidade, tal qual a ensinada por Hagin no texto citado, foi aceita sem questionamento por dezenas de igrejas, especialmente as neopentecostais. Voltaremos a comentar sobre essa interpretação de Hagin ainda nesse capítulo. Mas o

fato é que podemos constatar que há dezenas de "igrejas" prometendo por aí bênçãos de prosperidade ao povo. Quase todas essas promessas são fundamentadas em textos isolados ou mal interpretados das Escrituras do Antigo Testamento.[89] Será que precisamos depender somente do Antigo Testamento para sabermos sobre as bênçãos de Deus para o seu povo? Essa pergunta se torna pertinente quando se percebe claramente que a ponte exegética que Hagin tenta estabelecer entre as Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento apresenta problemas insuperáveis.

Mas será que o Novo Testamento não contém bênção nenhuma para o povo de Deus? O Deus do Antigo Pacto não é o mesmo do Novo? Sem dúvida alguma. O problema ocorre quando não se procura enxergar as esferas de competências de cada uma das Alianças. Trata-se de um só povo, mas com promessas de bênçãos diferenciadas. Neste capítulo, procuraremos mostrar através da Bíblia o que foi prometido a Israel e o que cabe à igreja. Para detalharmos isso de maneira mais pedagógica, mostraremos as bênçãos sob seus aspectos: pessoal, nacional e universal.

Abraão e o aspecto pessoal da bênção

Deus trata com o "indivíduo" Abraão

O que antes pertenceu aos judeus e depois foi dado aos cristãos foi prometido primeiramente a Abraão (Gn.12.1).[90] Sem dúvida, ele foi um homem abençoado e as bênçãos que ele contemplou se destinavam

---

[89] O expositor bíblico Warren W. Wiersbe vai para o extremo oposto da teologia da prosperidade quando comenta Dt 28.1-14: "Deus não prometeu riqueza material a seus filhos espirituais, mas abençoou sua igreja com toda sorte de bênção espiritual' (Ef 1.3) e, em Cristo, elevou-nos 'sobre todas as coisas' (Ef 1.20-23). Não devemos aplicar à Igreja as promessas da aliança que Deus fez com Israel' (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo — Pentateuco.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008, p. 585).

[90] Stanley Ellisen comenta: "A vida de Abraão é uma história da dádiva da aliança. Numa série de seis encontros com o patriarca, Javé (Deus da Aliança): 1) estabeleceu a aliança (12.1-3); 2) confirmou-a (12.7); 3) ampliou-a (13.14-17); 4) ratificou-a num ritual (15.8-18); 5) simbolizou-a (17.10); 6) acrescentou seu juramento (22.16-18). Garantida por Deus, não podia ser anulada pelas falhas de Abraão ou de sua descendência" (*Conheça Melhor o Antigo Testamento.* Editora Vida, 2007).

tanto à sua vida pessoal como também ao seu povo. A Bíblia revela que Deus se interessa pelo ser humano como pessoa. Ele leva em conta a nossa individualidade. Com Abraão aprendemos que Deus trata com indivíduos, e não apenas com as massas. Outro aspecto importante a ser lembrado é que as bênçãos contemplavam o presente, mas também apontavam para um futuro. Eram transitórias, mas também apontavam para algo permanente. As bênçãos, portanto, eram tanto temporais como eternas. As bênçãos temporais eram aquelas que diziam respeito à realidade presente ou pessoal do patriarca; por outro lado, as bênçãos eternas se referem àquelas que diziam respeito às promessas com cumprimento futuro.

Quando o Senhor chamou Abraão de Ur dos Caldeus, ele se tornou um nômade (Gn 12.1,2). Nessa jornada, o homem Abraão perdeu a sua pátria de origem, mas recebeu a promessa de ser uma nova nação (Gnl2.2); perdeu amigos, mas recebeu a promessa de receber reconhecimento (Gn 12.2); passou a ser um "errante" pelo deserto, mas recebeu a promessa de proteção divina (Gn 12.3); perdeu o aconchego da família, mas recebeu a promessa de vir a ser uma bênção para todas as nações (Gn 12.3). Esses relatos nos revelam a soberania de Deus na chamada de Abraão e a sua bondade em abençoar ao patriarca em resposta à sua obediência (Gn 13.2; 24.34,35). Abraão não partiu de Ur dos Caldeus à procura de bênçãos materiais, financeiras e nem tampouco de uma vida saudável, mas em resposta ao chamado divino para sua vida. As bênçãos de prosperidade foram uma consequência disso (Gn 24.35; 25.8).

As bênçãos de Deus também têm um alcance social

Por outro lado, as bênçãos têm também seu lado social. De acordo com o texto bíblico, Abraão gozava de um bom relacionamento com aqueles no meio dos quais convivia. "Ouve-nos, meu senhor: príncipe de Deus és no meio de nós; enterra o teu morto na mais escolhida de nossas sepulturas; nenhum de nós te vedará a sua sepultura, para enterrares o teu morto" (Gn 23.6). Abraão não somente possuía bênçãos materiais, mas também sociais. Dentro dessas bênçãos sociais, podemos citar o reconhecimento que o patriarca alcançou ao longo da história, não apenas bíblica, mas também secular. Abraão é reconhecido como um grande líder tanto por judeus como por cristãos e mulçumanos. Não adianta somente possuir bênçãos materiais se

aqueles que estão ao nosso redor não forem abençoados de alguma forma em consequência disso.

Warren W. Wiersbe (2006, p. 144) vê nessa passagem bíblica o testemunho do patriarca e escreve:

> Os homens de Canaã chamava Abraão de "príncipe de Deus" (Gn 23.6). Ele dava um bom testemunho em meio a esses homens, e eles o respeitavam. Apesar de o mundo não ser o nosso lar, como peregrinos e estrangeiros, devemos ter o cuidado de dar bom testemunho para os de fora (1 Ts 4.12; Cl 4.5; 1 Pe 2.1 lss). Esses heteus não adoravam o Deus de Abraão, mas respeitavam o patriarca e sua fé. Na verdade, ofereceram a ele que usasse uma das sepulturas deles (Gn 23.6). Mas Abraão recusou a oferta.
>
> E maravilhoso quando num momento de profunda tristeza o filho de Deus dá forte testemunho aos perdidos. Há uma tristeza natural que todos esperam que manifestemos; porém há também a graça sobrenatural que Deus concede, de modo que possamos nos alegrar em meio à tristeza. Aqueles que não são salvos poderão notar a diferença, e isso nos dá a oportunidade de compartilhar as boas novas do evangelho.

O aspecto nacional da bênção sobre Israel

Quando se faz referência às bênçãos do Antigo Israel como herança de todos os filhos de Deus, alguns fatos não são vistos ou levados em conta. Por exemplo, havia bênçãos dadas a Israel que eram de caráter puramente nacional, isto é, diziam respeito a eles como povo. Por outro lado, havia aquelas de caráter universal e espiritual, que apontavam para um futuro distante.

O alcance geográfico das bênçãos

Como um povo com identidade própria, Israel necessitava de uma terra física para habitar. Na chamada feita a Abraão, o Senhor prometeu fazer dele uma grande nação (Gn 12.2) e dar a terra de Canaã como possessão a seus descendentes (Gn 17.8). Esse aspecto local ou geográfico da bênção é muito importante na história do povo judeu. A terra de Canaã foi prometida a Abraão e aos seus descendentes. Esse fato é visto na lista de bênçãos prometidas ao Israel histórico: "... e te abençoará na terra que te der o Senhor, teu Deus" (Dt 28.8). Essa era uma bênção nacional. A terra pertencia a eles. Esse fato pode ser comprovado pela história, que mostra que muito embora Israel tenha

sido despatriado de sua terra por inúmeras vezes, Deus cumpriu por diversas vezes a promessa de fazer os judeus retornarem à terra santa.

O alcance político das bênçãos

Na lista de bênçãos prometidas ao Israel nação ou histórico, ou ainda étnico, encontramos aquelas de natureza política. Elas diziam respeito ao convívio com nações vizinhas. Primeiramente vemos Israel convivendo em um meio hostil, e que por esse fato dependia da proteção divina: "O Senhor entregará os teus inimigos que se levantarem contra ti feridos diante de ti: por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão diante de ti" (Dt 28.7). Sem a proteção divina, Israel seria incapaz de sobreviver como nação em meio àqueles que os hostilizam.[91] Por outro lado, encontramos I srael recebendo reconhecimento dos povos vizinhos em decorrência das bênçãos do Senhor. Esse temor era traduzido no sentimento de respeito que eles inspiravam: "E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do Senhor e terão temor de ti" (Dt 28.10).

O alcance global das bênçãos

É fácil percebermos que nem todas as bênçãos prometidas a Israel por intermédio dos patriarcas podem ser traduzidas em bênçãos locais, materiais e pessoais. Havia também aquelas de caráter universal e espiritual. Elas teriam um caráter coletivo e apontavam para um futuro ainda muito distante. Quando o Senhor diz a Abraão, por exemplo, que "em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3), a referência é a salvação por intermédio da pessoa bendita de Jesus Cristo (G1 3.8).[92] Essa promessa se cumpriu muitos séculos depois do patriarca. Essas

---

[91] William S. Lasor destaca essa ação de Deus na história de Israel como um ato da soberania de Deus: "Deus tirou Israel do Egito apesar do poder e dos estratagemas do faraó. Deus conduziu Israel pelo deserto, apesar da incredulidade da maioria. Deus lhe deu vitória sobre reis e nações que tentaram barrar seu caminho. Deus transformou as maldições de Balaão em bênçãos. E apesar de o povo não crer de modo algum que conseguiria entrar na terra de Canaã, Deus o levou à margem do Jordão e estava dando instruções para quando entrassem na terra" (LASOR, William S. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1999).

[92] Paul R. House observa que: "A noção de todas as nações serem abençoadas por Abrão sela o plano divino para a renovação dos seres humanos em todo o mundo. Todas as pessoas estão infectadas. Agora Deus escolhe um individuo por meio de quem ele pode revelar seu plano. A fé de Abrão pode substituir as dúvidas de Adão e Eva acerca dos mandamentos de Deus, pode oferecer uma

bênçãos, embora contempladas por Abraão, não foram desfrutadas por ele. Jesus Cristo afirmou: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e se alegrou" (Jo 8.56). Abraão "viu" os dias do Messias, mas não os vivenciou. A bênção era para sua posteridade. O dom do Espírito Santo, por exemplo, é uma dessas bênçãos na Antiga Aliança que só pôde ser vivida na sua plenitude por crentes debaixo do Novo Pacto.

As bênçãos sobre a igreja são de caráter universal

O transitório e o eterno

Já vimos que as bênçãos na Antiga Aliança eram de natureza material, social e também espiritual. Havia bênçãos que diziam respeito à vida pessoal do patriarca Abraão, como também bênçãos destinadas ao Israel nação. Em todos os casos, as bênçãos sob a Antiga Aliança fazem sobressair seu aspecto temporal ou transitório em contraste com aquilo que é prometido para a Nova Aliança, que é eterno e permanente (Hb 8.13; 10.34). Na Nova Aliança, as bênçãos são atemporais, isto é, são eternas. Aquilo que era apenas prometido na Antiga Aliança tem seu pleno cumprimento na Nova. O transitório, efêmero e temporal pertencia ao Antigo Pacto; o permanente, eterno e atemporal pertence ao Novo Pacto (2 Co 3.1-11). Os biblicistas observam que por intermédio de Moisés a Antiga Aliança representava uma organização que era apenas um "tipo"; "temporária", "pedagógica". Isso significa dizer que as bênçãos em sua plenitude estavam reservadas para a Nova Aliança.

O material e o espiritual

O que pertencia a Israel que pode ser desfrutado pela Igreja? Paulo escreveu aos Efésios que Cristo nos "abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais" (Ef 1.3). Como já foi dito, a Antiga Aliança enfatizava o aspecto material, local e transitório das bênçãos; a Nova Aliança sublinha seu lado espiritual, universal e eterno. E evidente que

---

compreensão mais aprofundada de como a cabeça do maligno será esmagada e pode reverter o orgulho e caos internacionais que cercam o episódio de Babel" (HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Editora Vida, 2005).

aquilo que é eterno pode englobar o transitório, assim como algo coletivo pode contemplar algo particular ou individual. Um ônibus que conduz quarenta pessoas, evidentemente comporta a lotação de um automóvel que é de cinco. Dizendo isso de outra forma: As promessas espirituais atendem também as nossas necessidades físicas ou materiais, embora seu real propósito esteja muito além dessa dimensão. O que deve ser destacado é que o material jamais deve sobrepor-se ao espiritual. Por que querer a terra se Ele já nos deu o céu? Querer inverter a ordem das coisas é incorrer em erro! As bênçãos listadas sob a Antiga Aliança, por exemplo, eram nominadas como sendo bois, jumentos, ovelhas, prata e ouro (Gn 24.35; Jó 1.1-3); por outro lado, as bênçãos listadas na Nova Aliança são nominadas como sendo justificação (Gl 2.16; 2.21); herança espiritual de filho de Deus (Rm 8.14; Gl 3.18); vida (Gl 3.21; Rm 8.2); liberdade (Gl 4.8-10; G1 5.1) e o dom do Espírito Santo (Gl 3.2). Isso demonstra que as bênçãos da Nova Aliança se sobrepõem as da Antiga, e que são superiores e exclusivas para os crentes do Novo Pacto (Hb 8.6).[7]

É exatamente nesse ponto que a interpretação sobre a prosperidade bíblica defendida por Kenneth Hagin apresenta problemas de natureza exegética insuperáveis. Todo o seu edifício hermenêutico sobre a prosperidade bíblica se firma sobre o argumento de que temos direito às bênçãos de Abraão pelo fato de que Cristo nos resgatou da maldição da Lei. No seu entendimento, ao nos resgatar da maldição da Lei, Cristo nos tornou aptos a sermos participantes na bênção de Abraão, que na sua exegese é de natureza tríplice:

A. Bênção espiritual;
B. Bênção física;
C. Bênção material e financeira.[93]
D. O que significa, pois, a bênção de Abraão?

Não há nenhuma dúvida entre os intérpretes de que quando Paulo afirma que Cristo nos resgatou da maldição da Lei, ele está se referindo à justificação pela fé e ao recebimento do dom do Espírito

---

93 Esta mesma interpretação é apresentada por Kenneth E. Hagin em seu livro *Redimidos da*

Santo. Ao comentar essa passagem bíblica, o expositor bíblico James Montgomery Boice (1976, p. 460), diz:

> Os dois propósitos são estes: primeiro, que a bênção de Abraão (Paulo está se referindo à justificação como em w. 8,9) pudesse vir aos gentios bem como também aos judeus, e segundo, que todos pudessem receber juntos o dom do Espírito Santo. As últimas duas cláusulas, declarando o propósito para o qual Cristo resgatou os homens da maldição, são coordenadas. Quer dizer, elas expressam a mesma realidade de duas perspectivas. Ambas retornam para o ponto do qual Paulo começou argumentando — isto é, aquela bênção de Abraão, vista hoje na recepção do Espírito Santo, é recebida através da fé somente.

A "maldição da Lei", portanto, não se restringe apenas à passagem de Deuteronômio 28, mas a toda Lei dada por intermédio de Moisés. O argumento de Paulo era que ninguém podia se justificar pela Lei, visto que ela possuía apenas um papel pedagógico de apontar para Cristo. As bênçãos de justificação, tanto para judeus como para gentios, e o consequente recebimento da promessa do Espírito Santo só seriam possíveis por meio da morte de Cristo Jesus, que se tornou maldição em nosso lugar.

Ao comentar sobre as falhas doutrinárias na interpretação de Gálatas 3.13,14,29, feitas por Kenneth Hagin, John Walker (2002, p. 203,204), argumenta que

> Hagin faz uma exegese surpreendente desta passagem. Em síntese, o que ele diz é o seguinte: "Nós somos de Cristo; portanto, somos a semente de Abraão. Se somos a semente de Abraão, então somos herdeiros de todas as promessas que foram feitas a Abraão. E estamos livres de todas as maldições da lei". Cita então Deuteronômio 28, que enumera as bênçãos e maldições sobre aqueles que obedecem ou desobedecem à lei e sintetiza as maldições como sendo pobreza, doença e morte espiritual, e as bênçãos como sendo prosperidade, saúde e vida espiritual. Depois conclui que o crente, por ser filho de Abraão pela fé, pode reivindicar prosperidade, saúde e vida espiritual. Ele não faz nenhuma referência à obra do Espírito Santo [...] Consideramos que há um grande erro nesta exegese, que talvez seja a abertura principal usada pelo inimigo para produzir certos excessos de doutrina e prática no movimento da fé, e que são as causas desta controvérsia feroz. O erro crucial é a interpretação de Gálatas 3.14: "Que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos pela fé o Espírito prometido". Cremos que a bênção de Abraão que nós gentios recebemos através de Jesus

> Cristo *não são riquezas materiais, mas o Espírito Santo.* Cremos que é uma perversão perniciosa dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos seus apóstolos dizer que na Nova Aliança podemos reivindicar as bênçãos materiais daqueles que obedeciam à lei".[94]

Todos os expositores bíblicos concordam que a bênção de Abraão é uma referência clara ao dom do Espírito Santo que havia sido prometido. Paulo já havia feito uma clara alusão a esse fato, quando escreveu:

> Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? Será em vão que tenhais padecido tanto? Se é que isso também foi em vão. Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé? E o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti. De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão. (G1 3.2-9)

Willian Hendriksen (2009, p.159), ao comentar a passagem de Gálatas 3.14, põe isso em evidência:

> Entre todas as pedras preciosas que resplandecem na coroa da Bênção de Abraão (a bênção que ele recebeu), essa, com toda certeza, era uma das mais preciosas, ou seja, que por meio dele — mais precisamente de seu descendente, o Messias — uma multidão inumerável seria abençoada. Por intermédio de Jesus Cristo e de seu Espírito (lit. "o Espírito da Promessa", porém isto significa "o Espírito Prometido", cf. At 1.4,5; Ef 1.13), o rio da graça (cf. Ez 47.3-5; SI 46.4; Ap 22.1,2) prosseguiria seu curso sem fim, abençoando primeiramente aos judeus, mas em seguida aos homens de toda raça, quer judeus quer gentios. Sim, o rio da graça fluiria, pleno, abundante, refrescante, frutificante e gratuito

---

[94] WALKER, John. *A Igreja do Século XX—A História que não Foi Contada.* São Paulo: Editora Atos, 2002. Walker ainda destaca que "apesar de Kenneth Hagin ser um homem humilde com um estilo de vida simples, alguns ministérios que levam esta mensagem que é da vontade de Deus ser rico têm assumido um escandaloso estilo de vida luxuosa, o qual se tornou em grande tropeço ao evangelho de Jesus Cristo. Cremos que Hagin é um consagrado homem de Deus, mas uma falha grave em sua doutrina básica tem produzido escândalos e controvérsias. Só podemos concluir que "um inimigo tem feito isso" (Mt 13.28). Apesar de Hagin nunca ter tido essa intenção, o inimigo confundiu-o na palavra a fim de produzir prejuízo à causa de Cristo e à restauração da igreja" (idem, p. 204).

> para todos. E para receber essa bênção, ou seja, a concretização da promessa — "Eu serei o seu Deus" —, tudo quanto de que necessitamos é da fé, da confiança no Cristo crucificado, pois foi no Calvário que as chamas da ira de Deus esgotaram toda sua fúria, e portanto os crentes de todas as tribos, línguas, povos e nações são salvos para todo o sempre![95]

Podemos concluir então que Deus não tem bênçãos para nós hoje e que a pobreza deve ser idealizada, e, ainda, que o Novo Testamento condena o crente possuir bens ou desfrutar saúde? Não, não é isso. A Escritura mostra que havia crentes na Igreja Primitiva que possuíam bens, eram influentes (Lc 19.2; Jo 3.1; 19.39) e saudáveis (3 Jo 2), mas não se deve esquecer que na igreja havia também crentes carentes e ainda outros que adoeceram (G12.20; 1 Co 11.22; 2 Tm 4.20; 1 Tm 5.23).

O expositor bíblico M. J. Evans (2009. p. 611) põe em evidência esse princípio bíblico da superioridade das bênçãos do Novo Testamento sobre as maldições do Antigo Testamento quando diz:

> O ensino do NT reflete a perspectiva do AT sobre o caráter relacional da bênção e da maldição. A bênção final e mais importante é a de pertencer a Deus, sendo parte de seu povo, membro da sua família. A única verdadeira maldição é estar fora do relacionamento com Deus, fora da comunidade da bênção. Nos contextos temporais, tanto as bênçãos quanto as maldições podem ser descritas em termos materiais, mas a dimensão material é secundária. Embora coisas ruins possam acontecer, e de fato acontecem, a quem pertence ao Reino, quem faz parte do povo de Deus não pode estar debaixo da maldição; pelo contrário, é abençoado.[96]

Escrevendo aos filipenses, o apóstolo Paulo afirmou: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20). Embora o cristão não tenha como evitar o lado "temporal" da vida — isto é, necessita dos bens daqui para viver —, seu olhar deve estar na sua redenção futura. Jesus sabia da sedução que os bens terrenos podem exercer sobre nós e por isso advertiu: "Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Mt 6.21).

---

[95] HENDRIKSEN, William. *Gálatas — Comentário do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

[96] EVANS, M. J. In: *Novo Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Editora Vida, 2009.

9
Capítulo

OS DESERDADOS E OS HERDEIROS DE TUDO — A HERANÇA DA TRIBO DE LEVI E O SACERDÓCIO REAL

A Bíblia revela em diversas passagens o caráter santo de Deus. De fato, um dos seus atributos mais citados na Bíblia é o da sua santidade (Is 57.15). Os sacerdotes entram na história bíblica para fazerem a função mediadora entre o povo e o seu Deus:

> Então disse o Senhor a Arão: Tu, e teus filhos, e a casa de teu pai contigo, levareis sobre vós a iniquidade do santuário; e tu e teus filhos contigo levareis *sobre vós* a iniquidade do vosso sacerdócio. E também farás chegar contigo a teus irmãos, a tribo de Levi, a tribo de teu pai, para que se ajuntem a ti e te sirvam; mas tu e teus filhos contigo *estareis* perante a tenda do Testemunho. E eles farão a tua guarda, a guarda de toda a tenda; mas não se chegarão aos utensílios do santuário e ao altar, para que não morram, tanto eles como vós. (Nm 18.1-3)

Dentro desse contexto, o Senhor escolheu a tribo de Levi para oficiar como sacerdote. Essa tribo não recebeu bens materiais como posse, mas teria o Senhor como a sua herança:

> Disse também o Senhor a Arão: Na sua terra possessão nenhuma terás, e no meio deles, nenhuma parte terás; eu *sou* a tua parte e a tua herança no meio dos filhos de Israel. E eis que aos filhos de Levi tenho dado todos os dízimos em Israel por herança, pelo seu ministério que exercem, o ministério da tenda da congregação. (Nm 18.20,21)

Ao comentar sobre essa função sacerdotal da tribo de Levi, como uma comunhão de função, e não como um elo de habitat, Roland de Vaux (2004, p. 398) destaca que

> é exatamente assim que a Bíblia apresenta, em sua última redação, o sacerdócio israelita. Os descendentes de Levi, o filho de Jacó, foram separados para exercer as funções sagradas, por uma iniciativa positiva de Deus, Nm 1.50; 3.6s. Eles foram tomados por Deus, ou dados a Deus, em lugar dos primogênitos de Israel, Nm 3.12; 8.16. Segundo Nm 3.6, eles estão a serviço de Arão, mas segundo Ex 32.25-29, eles foram estabelecidos contra Arão que tinha encorajado a idolatria do povo; por fim, segundo o texto atual de Dt 10.6-9, foi após a morte de Arão que eles foram escolhidos por Moisés.

Consequentemente, eles têm um lugar especial entre o povo: eles não são recenseados como as outras tribos, Nm 1.47-49; 4 inteiro; 26.62. Eles não têm parte em Israel, Nm 18.20; Dt 18.1, e não recebem nenhum território na partilha de Canaã, pois "é Iahvé que é sua herança", Js 13.14,33; 14.3-4; 18.7, mas são previstas para eles contribuições, os dízimos, Nm 18.21-24, e bens de raiz nas diferentes tribos, as cidades levíticas, Nm 35.1-8; Js 21.1-42; 1 Cr 6.39-66. Assim, os membros do sacerdócio são chamados corretamente os filhos de Levi ou levitas.

Dentro dessa tribo, um ramo recebe a promessa de um sacerdócio perpétuo, que lhe subordina os outros levitas, acantonados nas funções inferiores do culto; é a família de Arão, irmão de Moisés, Ex 29.9,44; 40.15. O sacerdócio passa, pois, aos filhos de Arão, Eleazar e Itamar, Nm 3.4, a promessa é renovada a Fineias, filho de Eleazar, Nm 25.11- 13. De acordo com 1 Cr 24.3, o sacerdócio de Siló, depois de Nob, depois o de Jerusalém até a expulsão de Abiatar, representa a descendência de Itamar. Zadoque, que substituiu Abiatar, 1 Rs 2.35, está ligado a Arão por Eleazar, e sua família mantém o sacerdócio até a queda do Templo, 1 Cr 5.30-41; 6.35-38; Ed 7.1-5.[97]

Por outro lado, no contexto do Novo Testamento encontramos o sacerdócio de todos os crentes e não apenas de uma família (Ap 1.6): "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós que, em outro tempo não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia" (1 Pe 2.9). Aquilo,

---

[97] DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.

portanto, que somente os sacerdotes levitas podiam fazer, agora é estendido a todos aqueles que são selados com o sangue da Nova Aliança (Hb 10.19,20). Na Nova Aliança, o sacerdócio real possui uma herança maior e é instituído com base em promessas ainda melhores (Rm 8.17; Hb 8.6). Todavia, embora possamos perceber que aspectos da função sacerdotal sejam mantidos no Novo Testamento, o mesmo não pode ser dito de sua forma. O comentarista bíblico P. Ellingworth (2009, p. 1139,1140) põe isso em evidência quando diz que

> além de Jesus, nenhum membro individual de uma comunidade cristã é descrito como sacerdote no NT.[98] Só nos tempos pós-bíblicos, alguns termos para denotar líderes cristãos vieram a ter o significado de um oficio como o do sacerdote do AT; entre esses, estão o grego *presbyteros*, literalmente "ancião", mas também traduzido por "sacerdote". Entretanto, a comunidade cristã como um todo é descrita como "sacerdócio real" (1 Pe 2.9, cf v.5), isto é, um povo santo dedicado ao serviço de Deus e seu Reino. Essa linguagem lembra a de Êxodo 19.6; outros textos do AT, como Gênesis 12.1-3; Is 2.2-4 e Salmos 96, representam Israel tendo função mediadora, portanto, em sentido mais amplo, sacerdotal [...] Êxodo 19.6, provavelmente, também influenciou Apocalipse 1.6: "[Cristo] nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai", e 5.10 e 20.6, que também se referem à dignidade real e sacerdotal da comunidade cristã.[99]

A herança dos levitas

O sacerdócio

Vimos, pois, que a Escritura registra que: "Disse também o Senhor a Arão: Na sua terra possessão nenhuma terás, e no meio deles nenhuma parte terás; eu sou a tua parte e a tua herança no meio dos filhos de Israel" (Nm 18.20). Essa referência revela que os levitas não teriam herança entre seus irmãos, mas o Senhor seria a sua herança.

---

[98] O catolicismo romano sem nenhuma base neotestamentária restaurou o antigo sistema sacerdotal do Antigo Testamento, de forma que uma das doutrinas mais fundamentais da Nova Aliança, que é a do sacerdócio universal de todos os crentes, foi totalmente desvirtuada. Essa realidade permaneceu de forma arbitrária até o surgimento da grande Reforma Luterana de 1517, onde a doutrina do sacerdócio universal foi novamente ajustada ao ensinamento do Novo Testamento. De acordo com a Epístola aos Hebreus, todos os crentes, e não apenas uma elite sacerdotal, pode entrar na presença de Deus sem a necessidade de um mediador humano (Hb 10.19,20).

[99] ELLINGWORTH, P. In: *Sacerdotes — Novo Dicionário de Teologia Bíblica.* São Paulo: Editora Vida, 2009.

O Senhor deu como herança à tribo de Levi o sacerdócio. Dentro desse contexto, a Bíblia data a origem do sacerdócio levítico ao período mosaico (Ex 25—40). Os levitas, termo derivado do hebraico Levi, designa o nome de um dos filhos de Jacó com Lia (Gn 29.35).[100]O termo levita aparece 80 vezes no Antigo Testamento e 3 vezes no Novo Testamento. De dentro dessa tribo o Senhor escolheu a família de Arão para oficiarem como sacerdotes. O fato de Arão pertencer à tribo de Levi garantia que os verdadeiros sacerdotes eram levitas. Como regra geral, todo sacerdote era levita, mas nem todo levita era sacerdote.

Por outro lado, a palavra hebraica Cohen, traduzida como sacerdote dentro desse contexto, mantém o sentido na língua original de alguém que se põe em pé diante de Deus para ministrar. O termo aparece mais de 700 vezes nas páginas do Antigo Testamento e cerca de 80 vezes no Novo Testamento.[101] A Escritura revela que a instituição do sacerdócio levítico estava associada ao culto no Tabernáculo. Foi para oficiarem no santuário móvel que Deus escolheu a tribo de Levi, mais especificamente a família de Arão, para oficiarem como sacerdotes (Ex 25—40). Havia três divisões no sistema sacerdotal levítico. O primeiro grupo era formado pelo sumo sacerdote, o segundo pelos sacerdotes propriamente ditos e o terceiro pelos levitas comuns. Esses "levitas comuns" eram aqueles que pertenciam à tribo de Levi, mas que não haviam sido escolhidos para oficiar no santuário. A função deles era prestar auxílio aos sacerdotes. Atuavam, pois, como uma espécie de serviço geral. Em contraste com os levitas comuns, somente os sacerdotes possuíam a atribuição de ministrar sacrifícios no altar.[102]

---

[100] Roland de Vaux destaca que "as relações antigas dos levitas com Judá e o sul são suficientemente claras. Segundo as tradições sobre a estada no deserto, foi lá que os levitas foram separados para o culto e foram estritamente associados a Moisés, que é um deles. Moisés certamente esteve no Egito, e os levitas com ele, o que explica a proporção surpreendente de nomes egípcios de levitas" (DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004, p. 408).

[101] TENNEY, Merril C. *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

[102]De Vaux observa que "na época patriarcal não havia sacerdócio. Os atos de culto, especialmente o ato central que é o sacrifício, eram realizados pelo chefe da família, Gn 22; 31.54; 46.1. Os próprios patriarcas sacrificavam nos santuários que frequentavam [...] O sacerdócio só aparece num estágio mais avançado de organização social quando a comunidade escolhe alguns de seus membros para a guarda dos santuários e a realização de ritos que vão ficando complexos" (DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004).

Dízimos e ofertas

Por outro lado, a Escritura também registra: "E eis que aos filhos de Levi tenho dado todos os dízimos em Israel por herança, pelo seu ministério que exercem, o ministério da tenda da congregação" (Nm 18.21). Os israelitas deveriam retirar parte dos seus bens e ganhos para a manutenção dos levitas. Esse dízimo era dado como reconhecimento do ministério sacerdotal dos levitas. A palavra hebraica nachalab, traduzida aqui como herança, significa possessão, propriedade, quinhão. Os levitas não teriam herança da terra, todavia, como reconhecimento dos serviços espirituais prestados, deveriam receber o seu quinhão. O livro de Números registra que além dos dízimos os levitas também teriam direito às ofertas (Nm 18.8-11). De fato, a palavra hebraica abodah, traduzida em nossa Bíblia como ministério, tem o sentido de: trabalho, serviço, serviço de Deus. Os hebreus foram instruídos que os serviços prestados no santuário deveriam ser reconhecidos também como trabalho.

Esse conceito do ministério como trabalho de tempo integral será reconhecido no Novo Testamento (1 Co 9.1-13). Ao comentar a passagem de 1 Coríntios 9.3-6, o comentarista bíblico Simon Kistemaker (2004, p. 404) destaca que

> sempre que possível, os pastores e missionários devem trabalhar em tempo integral na pregação e no ensino da Palavra de Deus. Por sua vez, as pessoas a quem eles servem devem sustentá-los financeiramente, para que estes pastores e missionários possam cobrir suas necessidades cotidianas. Embora ministérios de confecção de tendas tenham seu lugar e seu propósito, o povo de Deus deve levantar os fundos necessários para cuidar das necessidades dos seus pastores e missionários.[103]

Sem dúvida, a teologia do Novo Testamento aponta para um ministério de tempo integral (At 6.1,2). Todavia, aquilo que aparece como uma exceção no Novo Testamento, isto é, o ministro "fazedor de

---

[103] KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento — 1 Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

tendas", é idealizado por muitos ensinadores como o modelo ideal de ministério.[104] Paulo

José F. de Oliveira (1999, p. 126-129) inverte os pólos da teologia bíblica ao fazer a exceção virar regra. Em outras palavras, enquanto Kistemaker e outros teólogos veem a teologia do Novo Testamento mostrando a necessidade de o obreiro dedicar o seu tempo na sua integralidade ao ministério, ele defende que esse tempo pode ser dividido com outro trabalho secular: "Existem carreiras seculares onde um obreiro cristão pode prestar um serviço extraordinário e contribuir de uma forma bem mais positiva do que se ele permanecer simplesmente o tempo todo dentro da igreja".[105]

Ele, no entanto, como já destaquei em outro lugar deste livro, admite o ministério de tempo integral, mas não como um modelo ideal. Isso fica claro quando ele diz:

> Isso não quer dizer que seja proibido a uma comunidade ter obreiros que ela sustente de forma integral, ou que missionários sejam enviados a lugares distantes de suas casas sustentados por suas igrejas, ou que obreiros que se dedicam à coordenação de muitas comunidades conservem o status atual. O que é necessário é mudar a ótica com que se vê a questão, e adotar posturas mais modernas, mais flexíveis, mais diversificadas.[106]

Acredito que essa tese defendida por Oliveira se justifica pelo fato de ele escrever mais como um profissional do que como um pastor, mais como um historiador do que como um teólogo.[107]

---

[104] De 1987 a 2004, trabalhei como servidor público federal, sendo que nove desses anos pertenci aos quadros da Polícia Federal. Em 2001, recebi a chamada de Deus para o ministério pastoral e a partir dessa data passei a me dedicar ao ministério de tempo integral. Estou completando dez anos de ministério pastoral e tenho dificuldades em ver um pastor que divide o seu tempo com outra atividade secular exercer o seu ministério de uma forma eficiente. Conheço dezenas de outros pastores que deixaram suas carreias profissionais; uns eram oficiais das forças armadas, outros altos executivos de instituições financeiras, e abandonaram tudo para se dedicarem totalmente ao ministério da Palavra.

[105] *OLIVEIRA, Paulo José E Desmistificando o Dízimo — O que a Bíblia realmente Ensina sobre o Dízimo. São Paulo: ABU Editora, 1999.*

[106] Idem, p. 129.

[107] Na página 115 do seu livro *Desmistificando o Dízimo,* Paulo José F. Oliveira diz: "não tenho a pretensão de escrever um tratado detalhado de doutrina, pois não sou teólogo, mas quero tão

O sacerdócio levítico e a sua natureza

Chamada divina

De acordo com Hebreus 5.1,4, o sacerdócio levítico era uma escolha divina. Os sacerdotes eram escolhidos diretamente por Deus, e não eleitos por uma assembleia popular. De acordo com o registro sagrado, ninguém podia tomar essa prerrogativa para si mesmo, mas somente aqueles a quem Deus chamasse. Quando Uzias entrou no Templo do Senhor para queimar incenso, função exclusiva dos sacerdotes, foi punido com lepra (2 Cr 26.18).[108]

Intercessão e mediação

Através de Êxodo 19-5,6, observamos que Israel era uma nação sacerdotal. A própria instituição do sacerdócio não eliminou essa prerrogativa divina, mas a reforçou. No entanto, a nação falhou em viver à altura dos padrões de santidade estabelecidos para uma nação sacerdotal que representaria o Altíssimo diante das outras nações. Os sacerdotes são estabelecidos para demarcar a fronteira entre o sagrado e o profano. Eram eles que agora representariam o povo diante de Deus e fariam o papel de mediadores e intercessores (Ex 28.12). Observa-se que o sacerdote representava a nação, e a sua falha significava a falha da nação. De Vaux comenta:

> O sacerdote é um mediador como são também o rei e o profeta. Mas estes últimos o são por um carisma pessoal, como escolhidos de Deus, o sacerdote o é em si: o sacerdócio é uma instituição de mediação. Esse traço essencial se achará no sacerdócio da Nova Lei, participação no sacerdócio do Cristo Mediador, Homem e Deus, Sacerdote único e Vítima perfeita.[109]

---

somente mostrar as atitudes básicas de conduta coerentes com uma leitura sadia e não deformada dos textos bíblicos".

[108] De acordo com Hebreus 5.4, o sacerdote era chamado por Deus; todavia, nesta era em que a forma parece suplantar a função, o ofício parece tomar o lugar da unção, devemos refletir nas palavras de Roland de Vaux quando diz que "Não havia uma ordenação' de sacerdotes, eles assumiam sua função sem que um rito religioso lhes conferisse uma graça ou poderes especiais. Mas, por suas próprias funções, o sacerdote era santificado e sacralizado" (DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004).

[109] DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.

Sacrificar

O sacerdote levita possuía a função de oferecer sacrifícios a Deus conforme exigidos na Lei (Nm 28.4; 6.17). Os sacrifícios visavam reconciliar os homens com Deus, e para que isso pudesse ser aceito uma vítima inocente necessitava morrer. Basicamente todo sistema levítico se firmava sobre os sacrifícios de animais (Hb 9.22). Esses sacrifícios, evidentemente, não resolviam o problema do pecado, mas apontavam para,um sacrifício superior que seria realizado pelo Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo (Jo 1.29).

Instrução

De acordo com Deuteronômio 33.10, o sacerdote levita possuía a função de instruir o povo de Deus na observância dos princípios da Torá. Essa instrução levaria o povo a diferenciar entre o santo e o profano (Lv 10.10) e a se conduzirem de forma adequada diante de Deus (Jr 18.18). A função sacerdotal, portanto, concernente à instrução da lei, não era apenas para realçar seu valor cerimonial, mas apontar para os princípios que fundamentavam essas práticas.

Revelação

A Bíblia refere-se ao Urim e ao Tumim como instrumentos usados pelos sacerdotes para saber qual era a vontade de Deus sobre determinado assunto (Ex 28.30; Lv 8.8). Os intérpretes chamam a atenção para o fato de que esses instrumentos não possuíam nenhum poder mágico, mas deviam sua eficácia ao relacionamento íntimo que o sacerdote possuía com Deus.[110]

---

[110] De Vaux, ao comentar sobre a função do sacerdote como oráculo divino, diz que: "No antigo Israel, ia-se ao santuário para 'consultar a Iahvé', e o sacerdote era um entregador de oráculos. E significativo que em Dt 33.8-10 a função oracular dos filhos de Levi seja mencionada antes do ensino da Torá e antes do serviço do altar. No deserto, os israelitas se dirigiam a Moisés para consultar a Deus', Ex 8.15; e se ele se deixa ajudar no exercício da justiça, por conselho de Jetro, ele mantém para si o encargo de levar a Deus os litígios do povo, Ex 18.19. Quem quisesse 'consultar a Iahvé' ia à Tenda, na qual Moisés entrava sozinho e conversava face a face com Iahvé, Ex 33.7-11. Mas este era um privilegio pessoal de Moisés, Nm 12.6-8, que os sacerdotes não tinham, cf. Nm 27.21. Eles consultavam a Deus por meio do éfode e de Urim e Tumim" (DE VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004, p. 388).

O sacerdócio do Cristão

A realeza do sacerdócio cristão

Já vimos o caráter transitório e imperfeito do sistema sacerdotal levítico. A Epístola aos Hebreus detalha a necessidade da substituição do sacerdócio arônico, visto que este não resolvia o problema do pecado (Hb 10.4). Havia, portanto, a necessidade de uma ordem sacerdotal superior ao levítico para atender aos propósitos de Deus. Somente um sacerdócio eterno e perfeito poderia atender a essas exigências. O sacerdócio arônico era transitório e imperfeito, visto que seus oficiantes, além de estarem sujeitos à morte, eram também pecadores (Hb 7.27).

Somente uma ordem sacerdotal superior resolveria esse problema. A ordem sacerdotal de Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, atende a essas exigências (Gn 14.18-20; Hb 7.1-10). E da ordem de Melquisedeque que Cristo Jesus herda o seu sacerdócio; um sacerdócio imutável, santo, perfeito e que não podia ser interrompido pela morte (Hb 7.23,26). Como sumo sacerdote de uma Nova Aliança, Ele entrou no santuário superior, não na terra, mas no céu, e ofereceu a si mesmo a Deus como sacrifício (Hb 9.24). E através do seu sacrifício, que não pode mais se repetir, Ele nos constituiu reino de sacerdotes (Ap 1.6). Somos agora sacerdócio real (1 Pe 2.9).

O sacerdócio real, assim como o levítico, também possui a sua herança. Mas não se trata apenas de um tipo ou sombra das coisas vindouras, conforme eram lembradas pelo sacerdócio arônico, mas a concretização dessas promessas.

A natureza do sacerdócio real

a) Sacrifícios espirituais

Na Nova Aliança os sacerdotes, isto é, todos os crentes, oferecem a Deus sacrifícios espirituais (1 Pe 2.5; Rm 15.16). A Epístola aos Hebreus e o livro de Apocalipse associam esses sacrifícios espirituais como elementos do culto cristão, tais como adoração e louvor (Hb 13.15; Ap 5.8; 8.3). Essa adoração é superior àquela feita pelo sacerdote levita, visto acontecer por meio do Espírito Santo (Fp 3.3; Ef 6.18; Rm 14.17; 15.16). R. T. Beckwith ressalta que esses sacrifícios espirituais dos cristãos incluem também o testemunho cristão, o servir, donativos

para os pobres, atitudes compreensivas, expressões de devoção como fé, consagração da vida por amor ao evangelho.

Os sacrifícios agora não são mais de animais ou de coisas tangíveis, e sim uma correta atitude interna que revela o seu real valor diante de Deus (Rm 12.1,2). Não necessitamos voltar à Antiga Aliança para ser prósperos, nem tampouco necessitamos ressuscitar seus elementos que eram apenas símbolos da Nova Aliança, tais como o altar do sacrifício, a arca da aliança, a presença do sal no culto, etc., visto que a nossa adoração se concretiza por meio do Espírito Santo (Rm 8.1,2).

b) Serviço

A adoração do sacerdote real não é apenas subjetiva, mas reveste- se de praticidade quando o seu servir alcança o próximo. Isso leva em conta o testemunho de sua fé diante do mundo, bem como práticas sociais que atestam a realeza dessa fé (Tg 2.18,20,26). Esse servir, como já vimos em lições anteriores, incluía também a prática de recolher donativos para os mais pobres (Fp 4.18; Hb 13.16). Além do seu lado espiritual, há também o lado social do servir cristão.

Sem dúvida, a teologia da prosperidade, com sua ênfase exagerada no bem-estar financeiro, tem deformado o conceito bíblico do serviço cristão. Não acredito nesse modelo teológico que pretende tirar o crente da pobreza simplesmente por meio de Campanhas e mais Campanhas de Prosperidade Financeira. Até onde pude observar, essas "campanhas" são muito boas para tirar tudo do pobre, mas ineficientes para lhes acrescentar alguma coisa, exceto mais dívidas. Não é por falta de carentes que vamos deixar de exercer o nosso serviço cristão. De acordo com Jacques Attali (2001, p. 319,320), a pobreza se constitui no

> Principal desafio político do século XXI. Ao passo que o crescimento mundial é o mais alto da história humana, deverá dobrar até 2030 o número dos que serão obrigados a viver com menos de 1 dólar jDor dia. A pobreza afetará um terço da população do Sul, sobretudo na África sub- saariana e na Ásia. E voltará ao Norte pelos movimentos migratórios [...]

[...] Hoje, 1,3 bilhão de seres humanos vive com menos de 1 dólar por dia, a metade no Sahel, na América andina e ao pé do Himalaia; 2,8 bilhões de pessoas dispõem de menos de 2 dólares por dia. Na Europa oriental e na Comunidade de Estados Independentes, 120 milhões vivem abaixo do limite da pobreza estabelecido em 4 dólares por dia. Nos Estados Unidos, um quarto dos habitantes vive abaixo do limite de pobreza. No total, 840 milhões de adultos e 160 milhões de crianças são subnutridos; 1,2 bilhão não têm acesso a água potável; 13 milhões de pessoas morrem de fome ou subnutrição anualmente; dois terços dos seres humanos não dispõem de qualquer proteção social.[111]

Todos esses dados vêm somente confirmar as palavras de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo: "Porque sempre tendes os pobres convosco e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes" (Mc 14.7).

c) Altruísmo

O apóstolo Paulo acreditava que altruísmo cristão também era uma forma de adoração a Deus (Fp 2.17). Ele não tinha nenhum receio de se sacrificar pelos seus irmãos na fé (2 Co 12.15). Paulo estava consciente de que se fosse morto por causa do seu testemunho cristão, ainda assim Deus seria glorificado através desse gesto.

Um dos males que uma visão distorcida da prosperidade bíblica traz é justamente a eliminação desse altruísmo cristão. A falsa prosperidade fomenta o individualismo e o orgulho.

d) Devoção

Escrevendo aos Filipenses, Paulo diz: "Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, completai o meu gozo" (Fp 2.1,2). O sacerdote real é alguém que deve

---

111 ATTALI, Jacques. *Dicionário do Século XXI*. São Paulo: Editora Record, 2001. Attali propõe algumas medidas que, na sua ótica, ajudarão a diminuir a pobreza mundial: organização de uma nova revolução verde, para permitir o desenvolvimento da silvicultura e da pecuária; instauração de uma democracia responsável, permitindo que os pobres invistam em si mesmo; capacitar cada um a criar riquezas, fornecendo para isso os microcréditos necessários; organizar o acesso universal aos serviços sociais de base (educação primária para todos, alimentação, saúde), para reduzir a mortalidade infantil e materna.

possuir um íntimo relacionamento com Deus. Ele é um devoto. A prática devocional deve ser algo natural na sua vida (1 Tm 4.7).

Talvez a vida devocional seja a mais sacrificada dentro do contexto de uma visão distorcida da prosperidade bíblica. A busca pela presença de Deus é substituída por dezenas de técnicas de marketing, que em vez de se fundamentarem na Palavra de Deus, se firmam em fórmulas que não passam de mantras.

Deus deu como herança à tribo de Levi o sacerdócio. Eles não herdaram uma parte da Terra Prometida como as outras tribos, mas tiveram o privilégio de serem ministros do santuário. Todavia, o sacerdócio levítico era de caráter transitório e agia apenas como um tipo do sacerdócio perfeito realizado por nosso Senhor Jesus. Em Cristo, o sacerdócio se tornou imutável e eterno. Por meio de seu sacrifício vicário, fomos feitos sacerdócio real e como tal temos acesso direto à presença de Deus, sem a necessidade de um intermediário humano. Nisso reside a superioridade da Nova Aliança.

10
Capítulo

O MAPEAMENTO GENÉTICO DE UM MONSTRO — O SURGIMENTO DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Recentemente em um programa de TV, um grande pregador de autoajuda demonstrou toda a sua insatisfação com aqueles que dizem estar a igreja evangélica passando por uma crise. Disse que a igreja evangélica brasileira não está passando por crise nenhuma, e usou os fatores de crescimento numérico e financeiro da igreja como exemplo evidente dessa prosperidade. O teólogo Luiz Alexandre Solano Rossi (2008, p. 122,123) destaca que essa forma de avaliar a igreja, tomando por base a eficiência, é uma das características da teologia da prosperidade. Rossi observa que esse sistema de avaliação não é propriamente da igreja, mas das empresas de. fast-food, e cita como exemplo a rede McDonalds. Em sua análise vivemos uma verdadeira McDonaldização da teologia. Rossi comenta:

> E necessário explicar o conceito de McDonaldização e sua aplicação no modo de elaborar teologia. George Ritzer desenvolveu o conceito de McDonaldização em seu livro *The McDonaldization of Society.* Para ele o McDonald's é usado como exemplo maior — o paradigma — de um extenso e abrangente processo de McDonadizaçáo, que é: "o processo pelo qual os princípios dos restaurantes de *fast-food* chegam para dominar
>
> mais e mais setores da sociedade Americana, e também o resto do mundo" (2002:201). A importância deste processo de McDonaldização pode ser vista a partir de algumas particularidades e menciona apenas uma, como exemplo: o "índice Big Mac" publicado anualmente pela prestigiosa revista, *The Economist:* ele indica o poder de compra de várias moedas ao redor do mundo, com base no preço local (em dólar) do

sanduíche Big Mac. O Big Mac é utilizado como referência porque ele é um produto vendido em pelo menos 115 países.[112]

Seguindo o pensamento de George Ritzer, Rossi apresenta os quatro pressupostos básicos nos quais se firma a economia do McDonalds e como a teologia da prosperidade os cristianizou. Segue um resumo deles:

> *1.* Eficiência
>
> Deus é transformado em um grande *Shopping Center***.** Uma máquina de venda extremamente eficiente. Rossi destaca que a eficiência é claramente vantajosa para os clientes (fiéis), que podem obter o que necessitam mais rapidamente e com menos esforço.
>
> *2.* Calculabilidade
>
> O pensamento religioso, assim como o econômico, não está isento de ficar obcecado por números e quantidade. Nesse modelo as vidas das pessoas passam a ser medidas pelo que podem adquirir e comprar. Rossi observa que nós passamos a viver no perigoso reino do calcular, contar e quantificar.
>
> *3.* Previsibilidade
>
> Aqui a teologia se torna prescritiva, centenas de testemunhos de "sucesso" são postos como exemplos a serem seguidos por todos aqueles que desejam prosperar. Deus fica limitado a operar de acordo como o modelo que é vendido pelos profetas da prosperidade.
>
> *4. Controle*
>
> As pessoas são ensinadas a não pensar, mas somente "crer". Dessa forma fica mais fácil a manipulação dos fiéis que procuram seguir a risca o que o mestre lhes ensinou.[113]

Esses fatos nos mostram que a teologia da prosperidade inspira preocupação para todo cristão que leva a sua fé a sério. Myer Pearlman (2007, p. 252) nos adverte ao dizer:

> O vento suave da prosperidade é mais perigoso do que os tempestuosos. Eles nos dão um falso senso de suficiência própria e, imperceptivelmente, afastam a pessoa de sua dependência de Deus. Daí surge uma crise que revela todas as suas fraquezas espirituais. Estamos desfrutando de bom tempo em nossa vida? Graças a Deus por isso!

---

112 ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Jesus Vai ao McDonald's — Teologia e Sociedade de Consumo.* São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

113 Veja uma análise detalhada sobre esses pressupostos no livro *Jesus Vai ao McDonald's,* p. 124- 140.

> Todavia, dediquemo-nos àquilo que fortalece a nossa espiritualidade enquanto é possível (Mt 7.24-29).[114]

Não há dúvida de que a teologia da prosperidade, também denominada de "confissão positiva", se constitui uma ameaça à igreja cristã. De acordo com esse ensino, é possível ao cristão viver em total saúde e prosperidade financeira. Ao pregar que os cristãos não precisam sofrer, adoecer e que podem enriquecer a custa de sua fé, esse ensino tem produzido uma geração de crentes materialistas. Deus se tornou refém de leis espirituais as quais Ele supostamente teria criado. O segredo é saber como usar essas leis para conseguir o que quiser. Uma das fórmulas mais usadas é a da determinação, fórmula essa que carrega consigo a força de mandar até mesmo em Deus!

Ainda nos anos 90, uma crítica ácida à teologia da prosperidade foi feita pelo pastor David Wilkerson em uma série de mensagens pregadas em Nova York, Estados Unidos da América. Ao refletir sobre a conversão do apóstolo Paulo, Wilkerson diz:

> Tivesse Saulo sido salvo em nosso tempo, ele teria sido sugado para o nosso mundo de engodo com uma "blitz" dos veículos de comunicação, um livro de sucesso de livraria, e convites para dar o seu testemunho a igrejas por toda parte [...]
>
> [...] nesse cenário, entraria um mestre carismático da prosperidade e do sucesso. "Irmão Saulo, trouxe-lhe um exemplar autografado do meu último livro, *Direitos da Aliança*. Estou aqui para dizer-lhe que Deus deseja que o novo Saulo prospere e goze sempre de boa saúde. Se você aprender os meus segredos para o sucesso e a prosperidade, você não terá de chorar e agonizar como vem fazendo nestes últimos dias. Reivindique seus direitos! Tudo o de que você necessita é fé! Ela é tudo que você tem de pedir"! A isto Saulo responde: "Lamento, irmão! O Senhor me está mostrando muitas coisas grandiosas que devo sofrer por causa do seu nome. Estou à espera de Ananias. Não posso reivindicar nada, fazer nada, ir a parte alguma até que ele venha e imponha suas mãos sobre mim. Deus me dirá o que fazer a seguir". O mestre responderia: "Mas você não passa de um bebê em Jesus! Tenho caminhado com ele há muito tempo e tenho conhecimento da revelação. Deixe-me ensinar-lhe!"

---

114 *PEARLMAN, Myer. Atos —A Igreja Primitiva na Força e na Unção do Espírito. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.*

A resposta simples de Saulo é: "Tudo o que sei é que ele me apareceu e conversou comigo!"[115]

A gênese da teologia da prosperidade

Gnosticismo

Entre os séculos I e II d.C., a igreja cristã teve que refutar um ensino que demonstrou ser nocivo para a fé evangélica — o gnosticismo} Os registros históricos apresentam o gnosticismo como uma crença que tem sua origem antes de Cristo, e está associada aos babilónicos, gregos, sírios e egípcios. Esse ensino afirmava que a matéria era má e o espírito bom. Esse dualismo existente entre matéria e espírito, crença herdada do antigo platonismo, levou seus adeptos a negarem a realidade da matéria. Já que a matéria não era real, o sofrimento também não passava de ilusão. A sua influência sobre os cristãos da Igreja Primitiva pode ser percebida na crença que negava a natureza humana de Cristo. Em outras palavras, Cristo sendo bom não poderia habitar em um corpo material que era mau. Essa forma de crer levou o apóstolo João a combatê-los de modo veemente (1 Jo 2.23; 4.2,3,15).[116]

Os gnósticos também ensinavam que somente os iniciados nesse movimento poderiam de fato obter o verdadeiro conhecimento. Na verdade, a palavra gnosticismo traduz o termo grego gnosis — conhecimento. No entanto, como destacam John Piper e Justin Taylor (2007, p. 30), esse conhecimento, na verdade,

> não era, de fato, o conhecimento intelectual — ainda que estivesse, frequentemente, acompanhado de complexa especulação filosófica. Era mais uma percepção privada, uma revelação interior, uma iluminação espiritual, vinda de dentro. Não era tanto o conhecimento de Deus que era buscado, pois Ele era considerado como sendo inefável, distante,

---

[115] *WILKERSON, David. David Wilkerson Exorta a Igreja — Um Chamado à Obediência e a Humildade. São Paulo: Editora Vida, p. 159.*

[116] Em seu comentário da Primeira Epístola de João, o erudito presbiteriano James Montgomery Boice destaca que João, ao escrever sua carta, "está pensando principalmente a respeito dos falsos mestres, os gnósticos, a igreja para a qual ele está escrevendo com o objetivo de fundar sua própria igreja. Ele os chama de ânticristos', e mostra os contrastes ente eles e os verdadeiros filhos de Deus" (MONTGOMERY, James Boice. *As Epístolas de João.* Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 80,81.

> afastado e inatingível [...] eles estavam muito mais interessados em buscar o que estava dentro do indivíduo.[117]

Dessa forma, somente aqueles iluminados teriam de fato acesso ao real conhecimento. Havia, portanto, o conhecimento obtido pelos sentidos e aquele obtido pelo espírito. Somente aqueles que possuíam essa última forma de conhecimento, isto é, por revelação, eram de fato iluminados. O perigo evidente desse tipo de conhecimento por revelação é a doutrina do cânon aberto. E o que considero mais grave — a criação de outro cânon com a mesma autoridade da Bíblia e às vezes superior a ela. Em outras palavras, alguém pode receber uma suposta revelação e querer com ela moldar a crença e a vida das pessoas. E exatamente isso que temos presenciado nos últimos anos. Não faltam profetas que asseguram terem recebido da parte de Deus uma nova revelação e a partir dela procuram moldar o ensino bíblico de tal forma que o mesmo se ajuste ou adéque as mesmas.

Não duvido de forma alguma que Deus, por intermédio do Espírito Santo, continue a guiar o seu povo. Paulo mesmo ensinou à igreja de Corinto que uma das atribuições do Espírito Santo era fazer conhecida a mente de Deus por meio de revelações (1 Co 14.26,30). Todavia, essas manifestações do Senhor, que operam por meio dos dons do Espírito Santo, nunca acrescentam nada às Escrituras, mas operam de acordo com seus princípios confirmando o que está escrito. Muito diferente dos profetas da prosperidade que recebem revelações totalmente contraditórias em relação à Bíblia Sagrada.

Novo Pensamento

A história do pensamento filosófico da escola conhecida como Novo Pensamento é bem longa. Na verdade o Novo Pensamento é uma criação de Phineas Parkhurst Quimby (1802-1866). Phineas Quimby estudou espiritismo, ocultismo, parapsicologia e hipnose. Na verdade Quimby havia estudado hipnose com Freidrich Anton Mesmer, médico austríaco, que acreditava que uma pessoa hipnotizada formava um campo magnético em torno de si. Quimby, além de panteísta e universalista, acreditava também que o homem tem parte na

---

[117] PIPER, John & TAYLOR, Justin. *A Supremacia de Cristo em um Mundo Pós-Moderno.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

divindade. Acreditava ainda que o pecado e a doença existem apenas na mente. Mary Baker Eddy (1821-1910), fundadora da Ciência Cristã, tornou-se discípula de Quimby após ser curada por ele.

George A. Mather (200, p. 340,341) resume a crença do Novo Pensamento como segue:

> *1. Verdade*
>
> A busca pela verdade é um processo contínuo. O cristianismo se afasta desse pensamento no momento em que diz ser Deus o autor de toda a verdade e que a mesma está reunida nas declarações proposicionais da Bíblia.
>
> *2. Deus*
>
> Não faz distinção entre criatura e criador. Diferentemente, o cristianismo revela que Deus é imanente e transcendente, isto é, Ele criou todas as coisas, mas não se confunde com elas.
>
> *3. Humanidade*
>
> A humanidade possui uma natureza divina. Buscar a Deus é olhar para dentro de si mesmo. A Bíblia revela que Deus é totalmente distinto da humanidade caída.
>
> *4. Pecado*
>
> E uma ilusão da matéria. Não existe pecado contra Deus. Todo pecado e enfermidade são ilusões da mente. Se você mudar o seu pensamento, pode então curar a si próprio.
>
> *5. Jesus Cristo e a salvação*
>
> Jesus foi um mestre, mas não o Salvador da humanidade. A salvação consiste em descobrir o ser divino que está dentro de si.[118]
>
> *6. Confissão positiva*
>
> A ponte entre as crenças do Novo Pensamento, Ciência Cristã e a fé evangélica foi feita primeiramente por E. W. Kenyon e posteriormente por Kenneth E. Hagin. Kenyon foi um cristão devoto, mas durante sua jornada bebeu muito dos ensinos da Ciência Cristã. Os historiadores da igreja registram que ele frequentou a escola de oratória de Charles Emerson. Emerson é tido pelos pesquisadores como um colecionador de religiões, inclusive fazia parte de sua coleção a Ciência Cristã. Por intermédio de Emerson, Kenyon conheceu *os* ensinos de Mary Baker, fundadora da Ciência Cristã. Por outro lado, Kenneth E. Hagin, que foi um pastor batista e posteriormente um zeloso pastor das Assembleias de Deus, foi influenciado por Kenyon, de onde obteve a maioria dos seus ensinamentos. Hagin fundou seu próprio ministério e tornou-se

[118] MATHER, George & NICHOLS, Larry A. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

independente das Assembleias de Deus, passando a divulgar a teologia da prosperidade ou confissão positiva.

Na sua Rhema Study Bible, Bíblia de Estudo comentada por Kenneth E. Hagin, ele explica o que significa confissão positiva:

> Poucos cristãos percebem o lugar que a confissão ocupa no plano das coisas de Deus. E é lamentável que sempre que usamos a palavra "confissão", as pessoas invariavelmente pensam de confessar pecados, fraquezas e faltas. Isso é o lado negativo de confissão. Há um lado positivo, e a Bíblia tem mais para dizer sobre os aspectos positivos de confissão que o negativo! O dicionário diz que confessar significa "reconhecer ou possuir, reconhecer fé". Confessar, de acordo com o dicionário, significa fazer confissão das faltas da pessoa, mas também diz que significa fazer confissão da fé da pessoa. O Novo Testamento fala de quatro tipos de confissões: (1) os ensinos de João Batista e Jesus relativo à confissão dos pecados dos judeus; (2) a confissão do pecador hoje; (3) a confissão do pecado do crente quando ele está fora da comunhão com Deus; e (4) a confissão de nossa fé na Palavra de Deus.[119]

É exatamente nesse último modelo de confissão que se percebe as maiores distorções do ensino bíblico. Em vez de se firmar na Palavra de Deus, muitos crentes se apoiam somente em seus desejos, que na maioria das vezes são a expressão apenas de um desejo de consumo!

A teologia da prosperidade e seus principais ensinos

Divinização do homem

A partir de uma interpretação equivocada de Salmos 82.6, os teólogos da prosperidade criaram a doutrina dos "pequenos deuses". Kenneth Kopeland, um dos mais proeminentes pregadores da teologia da prosperidade, afirmou certa feita: "Cachorros geram cachorros, gatos geram gatos e Deus gera deuses".[120]

A intenção dessa doutrina é ensinar a "teologia do domínio". Sendo deus, o crente agora pode dominar sobre a terra! A Bíblia, ao contrário, diz que o homem é estruturalmente pó (Gn 2.7,19; 103.14). No capítulo 12 aprofundaremos a nossa reflexão sobre esse tema. Em seu mapeamento sobre a teologia da prosperidade, Ricardo Mariano

---

[119] HAGIN, Kenneth. *Rhema Study Bible, lesson 12: Confession: Key to Unlocking Faith,* Kenneth Hagin Ministries, P.O. Box 50126, Tulsa, Oklahoma 74150-0126. USA.

[120] Conforme citado por Paulo Romeiro em *Supercrentes.* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998.

observa que os mestres as confissão positiva "afirmam que, quando o homem 'nasce de novo', ele adquire a própria natureza dina. Logo, torna-se deus". Ricardo Mariano, pesquisador e sociólogo da USP, resume o pensamento dos principais teólogos da prosperidade:

> "Quando o homem nasce de novo, ele toma sobre si a natureza divina e torna-se, não semelhante, mas igual, exatamente igual em natureza com Deus. A única diferença entre o homem e Deus torna-se em magnitude, Deus é infinitamente divino e nós finitamente divinos. O crente é uma encarnação de Deus exatamente como o é Jesus de Nazaré", defende Ken- neth Hagin [...] "Você não tem Deus morando dentro de você. Você é Deus", afirma Kenneth Kopeland (citado em Gondim, 1993:88, 85).
>
> "Tu és filho de um pai. E se tu és filho de um pai, tu tens as mesmas características e qualidades deste pai [...] fomos feitos um pouco menores que Deus [...] Tu és deus, com letra minúscula [...] Esta é uma congregação divina. Esta é uma congregação de deuses", assegura Miguel Ângelo (*Vós Sois Deuses,* 22.9.91, fita k7 de sermão).
>
> "Nós perdemos muitas bênçãos de Deus por não conhecermos a Palavra de deus [...] Se você tem a Palavra de Deus, você é poderoso. Se você não é poderoso, Deus não está com você. Nós somos seres humanos, mas quando assumimos a Palavra de Deus é como se nós fossemos deuses poderosos. O crente tem que agir, operar, como se fosse um Deus (sermão de R. R. Soares, 7.12.91)".

Conhecimento adquirido por revelação

Como já foi dito, essa é uma herança gnóstica da teologia da prosperidade. Os gnósticos colocavam o conhecimento místico ou por revelação como sendo superior àquele adquirido pelos sentidos. Na verdade, para os gnósticos não era possível conciliar razão com revelação. Os seguidores da teologia da prosperidade superestimam o conhecimento revelacional e chegam até mesmo a pô-lo em pé de igualdade com a Bíblia. Para os crentes ortodoxos o cânon encerrou-se com a inclusão do último livro da Bíblia — o Apocalipse. Todavia, aqueles que acreditam numa revelação que tem o mesmo valor da Escritura creem que o cânon ainda está aberto. Essas revelações não só vão além da Bíblia, mas também acabam acrescentando novos elementos que supostamente ajudarão no seu entendimento. Está aberto dessa forma o caminho para as heresias. A Bíblia, contudo, diz que nada pode ser

posto em pé de igualdade com a Escritura nem ser acrescido a ela (Ap 22.18).

Demonização da salvação

Esse ensino chega ao extremo de dizer que Jesus, quando morreu na cruz, assumiu a natureza de Satanás. Dessa forma os proponentes da teologia da prosperidade acabam colocando o Diabo como coautor da salvação. Dizem que Jesus Cristo teve que nascer de novo no inferno a fim de conquistar a salvação. Assim, a salvação não aconteceu na cruz quando Jesus bradou "Está consumado!", mas somente quando Ele voltou do inferno onde teria derrotado Satanás em seu próprio terreno. Para os teólogos da prosperidade, quando Jesus bradou "Está consumado", Ele se referia ao fim da Antiga Aliança, e não ao cumprimento do processo da salvação na cruz. A Bíblia diz que a salvação foi conquistada na cruz por Jesus e que o Maligno não tem parte com Ele (Mt 27.51; Jo 14.30).

Negação do sofrimento

Os crentes não precisam mais sofrer. Todo sofrimento já foi levado na cruz do Calvário, e o Diabo deve ser responsabilizado por toda e qualquer situação de desconforto entre os crentes. Aqui há uma clara influência da Ciência Cristã que também não admitia a existência do sofrimento. A Bíblia diz que o cristão não deve temer o sofrimento nem tampouco negá-lo (Cl 1.24; Tg 5.10).

John Ankerberg e Dillon Burroughs (2010, p. 53) escrevem que

> o sofrimento geralmente não é uma experiência agradável. No entanto, o bem pode ser encontrado em tempos de sofrimento, até mesmo nas situações mais extremas. Em nosso livro *DefendingYour Faith* (Defendendo a sua Fé), compartilhamos algumas razões por que às vezes as pessoas experimentam o sofrimento:
> Para nos tornarmos exemplos para os outros.
> Para melhor nos compadecermos dos outros.
> Para permanecermos humildes.
> Como uma ferramenta de aprendizado.
> Para dependermos do poder de Deus.
> Para crescermos no nosso relacionamento com Cristo (desenvolvendo o fruto do Espírito — Gálatas 5.22,23).
> Para revelar a necessidade da disciplina de Deus em nossa vida.

Para promover a obra de Cristo (como quando os maus tratos a um missionário abrem oportunidades para impactar outros com o amor de Cristo).
Um grande exemplo pode ser encontrado em Filipenses 1.12-14, onde lemos:
"Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus" (Fp 1.12-14).

A teologia da prosperidade e seu efeito colateral

Profissionalismo no ministério

A primeira consequência danosa que a teologia da prosperidade causou pode ser vista nos púlpitos. O ministério que anteriormente era vocacional se tornou algo meramente profissional. Os pastores passaram a ser vistos agora como executivos bem-sucedidos! O carreirismo profissional suplantou a vocação espiritual. O pastor passa a desenvolver sua atividade como qualquer outro profissional liberal, e não como um ministro de Deus. Na verdade, ele não mais pastoreia (1 Pe 5.2), mas gerencia sua igreja. Esta passa a ter a mesma dinâmica administrativa de uma grande empresa.

Os velhos princípios que deram origem ao papado católico agora se encontram dentro do arraial protestante. Alister McGrath observou que uma das razões que fez eclodir a grande Reforma Protestante do século XVI foi a elitização e enriquecimento do clero.[121] Para muitos obreiros, o simples título de pastor já não é suficiente; precisa-se acrescentar mais alguma coisa: apóstolo, bispo, pastor presidente, superintendente, chefe de setor, etc. Infelizmente o ofício tomou o lugar da unção e a forma suplantou a função.

Espiritualidade mercantilista

A fé se tornou um bem de consumo como o é, por exemplo, uma TV de LCD. Os antigos adoradores foram transformados agora em consumidores. Correntes e mais correntes de prosperidade financeira estão na ordem do dia de dezenas de igrejas, e todas superlotadas com

---

121 MACGRATH, Alister. *As Origens Intelectuais da Reforma.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

seus clientes. Já existem até mesmo igrejas que contratam institutos de pesquisas para verificar se abrir uma igreja em determinado bairro é viável. Pode ser que não seja lucrativo (1 Tm 6.5).[122]

Ênfase no sentimentalismo

A teologia da prosperidade deixou os sentimentos à flor da pele. O que vale hoje é o conhecimento sensorial e as emoções fortes. Aqui o mais importante não é o que a Bíblia diz, mas o que o crente sente. Se algo é sobrenatural, espetacular e tremendo, então é aceito sem se questionar se é bíblico ou não. Vale mais a emoção do que a razão. A Escritura, no entanto, mostra que não devemos superestimar nossas emoções nem tampouco anular nossa razão (1 Co 14.23; 14.14,15; Rm 12.1,2).[123]

Narcisismo e hedonismo

O narcisista é aquele que só pensa nele e nunca nos outros (Fp 2.4). Na verdade, o mito grego de Narciso diz que ele ficou admirando a sua própria beleza que era refletida pelas águas de um lago. Ficou tão

---

[122] Foi exibido em um programa jornalístico de uma grande rede de televisão brasileira a negociação de uma igreja feita por dois pastores. Na negociação, um dos interessados na aquisição da igreja queria garantias de que receberia o templo com os crentes dentro. Além de assegurar que o barganhador receberia o templo "com crente e tudo mais", o vendilhão também garantiu que o negócio seria vantajoso, já que o dízimo dos crentes tinha tudo para crescer.

[123] Em um discurso no *Billy Graham Center,* Charles Malik disse: "Devo ser franco com vocês: o antiintelectualismo é o maior perigo que o cristianismo evangélico enfrenta. A mente, compreendida em suas maiores e mais profundas faculdades, não tem recebido suficiente atenção. No entanto, a formação intelectual não ocorre sem uma completa imersão, durante anos, na história do pensamento e do espírito. Os que estão com pressa de sair da universidade e começar a ganhar dinheiro, trabalhar na igreja ou pregar o evangelho não têm ideia do valor infinito de gastar anos dedicados à conversação com as maiores mentes e almas do passado, desenvolvendo, afiando e aumentando o seu poder de pensamento. O resultado é que o terreno do pensamento criativo é abandonado e entregue ao inimigo. Quem, entre os evangélicos, pode enfrentar os grandes pensadores seculares em seus próprios termos acadêmicos? Quem, entre os estudiosos evangélicos, é citado pelas maiores autoridades seculares como fonte normativa de história, filosofia, psicologia, sociologia ou política? O modo evangélico de pensar tem uma mínima oportunidade de se tornar dominante nas grandes universidades da Europa e da América que modelam toda a nossa civilização com seu espírito e suas ideias? Por uma maior eficácia no testemunho de Jesus Cristo, bem como em favor de sua causa, os evangélicos não podem se dar ao luxo de continuarem vivendo na periferia da existência intelectual responsável" (MORELAND, J. P. & CRAIG, William Lane. *Filosofia e Cosmovisão Cristã.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2005).

maravilhado pelo reflexo de sua imagem que caiu dentro do lago e se afogou. A teologia da prosperidade tem gerado milhares de crentes narcisistas. Estão morrendo e matando os outros. Por outro lado, o hedonista é aquele que vive em função dos prazeres. O prazer não é um mal em si, mas quando se transforma na principal razão da existência se torna pecaminoso.[124]

Modismos

De vez em quando aparece uma nova onda no meio dos crentes. São modismos teológicos para todos os gostos. Antes era o cair no espírito; os dentes de ouro; a unção do riso, etc. Atualmente a lista está bem maior. Devemos observar que Deus é soberano para fazer cair a quem ele quiser; para dar dente de ouro se assim o desejar ou ainda para levar o crente a se alegrar nEle. Na história do pentecostalismo clássico há dezenas de relatos, fartamente documentados, que atestam esse fato. Quando isso ocorria era como resultado de uma ação soberana de Deus. O erro está em querer transformar em norma aquilo que ocorre como consequência de uma ação exclusiva de Deus. O Espírito Santo é livre para operar como quiser (1 Co 12.11).[125]

Queda dos ideais

Outra consequência terrível causada pela teologia da prosperidade no meio do arraial evangélico é a queda dos ideais cristãos. Ao criar essa mentalidade de mercado e transformar os crentes em consumidores, a teologia da prosperidade acabou esvaziando os ideais do Reino de Deus. Para que buscar o céu se é possível possuir tudo aqui na terra? A escatologia bíblica é trocada por uma teologia puramente pragmática (Cl 3.2).

---

[124] Vez por outra aparecem na mídia "congressos evangelísticos" e de "avivamento" feitos dentro de grandes navios cruzeiros ou na Terra Santa. Não há nada de errado em fazer turismo em um navio ou em Israel, mas algo está errado quando se dá uma roupagem espiritual a isso, somente para vender o pacote de passagens ou aumentar a conta financeira de um pregador famoso. Por que não fazem essas turnês nas favelas ou nos rincões nordestinos?

[125] Veja o verbete "Modismos Pentecostais e Fenômenos Pentecostais". In: ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

Para o sociólogo Ricardo Mariano (2005, p. 158), a teologia neo-pentecostal

> está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isso ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco versando acerca da mais grandiosa promessa das religiões de salvação: a redenção após a morte. Além de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, autossacrifício, isto é, a "mensagem da cruz" — que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança do justo no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus —, a teologia da prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema tradicional no cristianismo, mas definitivamente fora de moda, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo.[126]

Prosperidade é bíblica, mas os excessos criados por uma teologia que fomenta o materialismo não é. Devemos nos resguardar das excrescências criadas pela teologia da prosperidade no que concerne à doutrina cristã. Nenhum crente necessita aderir às formulas inventadas pelos pregadores da prosperidade para poder prosperar. A verdadeira prosperidade vem como consequência de um correto relacionamento com Deus que é fruto de um coração obediente.

---

[126] *MARIANO, Ricardo. Neopentecostais — Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil São Paulo: Edições Loyola.*

11

Capítulo

QUANDO "DAR" É MELHOR DO QUE "RECEBER" — O DÍZIMO E AS OFERTAS COMO FONTES DE DE PROSPERIDADE MATERIAL

A história de "Zé Durão"

Certa vez ouvi em uma convenção de pastores um trovador contar a história de "Zé Durão", mas é a versão na sua forma de narrativa que reproduzirei neste capítulo.[127] "Zé Durão" simboliza aquele tipo de crente que ainda é muito comum em nossas igrejas: concorda com o dízimo, mas se exime da sua prática. Vamos acompanhá-lo no decorrer do ano:

> 1º mês - Não contribui com os dízimos porque faltou liquidar algumas dívidas do ano anterior. 2º mês - Ao receber o pagamento, pagou todos os devedores, fez compras e não sobrou dinheiro; lamentou não ter separado o dízimo em primeiro lugar. Prometeu não agir assim no próximo mês. 3º mês - Foi impossível dar o dízimo, pois a esposa adoeceu e teve de comprar remédios. 4º mês - Separou o dízimo, mas foi obrigado a emprestá-lo a um irmão necessitado que não pagou até hoje. Sabe, família é família! 5º mês — Precisou do dinheiro para pagar uma prestação atrasada, não pôde dar o dizimo. 6º mês — Deu uma pequena oferta para a igreja, pois a situação não estava muito boa. 7º mês — Foi convidado para uma festa de aniversário, teve muitas despesas, não deu o dízimo. 8° mês — Precisou reformar casa, comprou material de construção, a situação "apertou". 9º mês — O dinheiro com que poderia dar o dízimo teve de dar ao pedreiro; ficou para o próximo mês. 10° mês

[127] GASQUES, Jerônimo. *As Sete Chaves do Dízimo — Segredo a Ser Descoberto.* São Paulo: Editora Paulus, 2008.

> - Agora, ia separar o dízimo. Neste mês, ainda não vou dar, mas no mês seguinte darei, haja o que houver. 11º mês — Foi mandado embora do emprego, infelizmente não poderia dar o dízimo, pois ficou desempregado. 12° mês — Prometeu ao Senhor que, se lhe desse um bom emprego, no próximo ano seria dizimista fiel.[128]

A história é bem divertida, mas o assunto que ela aborda é muito sério. Quando se trata de dízimos e ofertas, o que se observa são posições polarizadas: uma parte transforma o dízimo em algo extremamente meritório. A ideia, por exemplo, de enxergar o dízimo como uma troca fica evidente nas palavras de um determinado pregador, que assegura:

> Deus promete ao dizimista ricas bênçãos e, dentre elas, a de repreender o devorador. Certamente Deus está se referindo a todo espírito de miséria, de pobreza e de injustiça que rouba, mata e destrói o homem. Existem demônios atuando sob a direção de Satanás no sentido de levarem os homens à miséria e à pobreza indignas [...] O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da Sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos dEle bênçãos sem medida [...] Quando damos nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos. E maravilhoso saber que Deus deseja ser nosso sócio e que podemos ser sócios de Deus em sua missão de salvar o mundo. Ser sócios de Deus significa que nossa vida, nossa força, nossos dons e nosso dinheiro passam a pertencer a Deus, enquanto suas dádivas como paz, alegria, felicidade e prosperidade passam a nos pertencer.[129]

Um bispo de uma famosa igreja apresenta uma visão sobre o dízimo ainda mais radical, em que a ideia de barganha parece ficar evidente:

> Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de "promessa é dívida" se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...] Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores [...] Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar dEle aquilo que prometeu? O

---

[128] Idem.

[129] Conforme citado por Ricardo Mariano no livro *Neopentecostais — Sociologia do Novo Pente- costalismo no Brasil,* p. 161. Os itálicos são meus.

> dizimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar.[130]

Por outro lado, outra parte não menos significativa não vê razão nenhuma para sustentar a prática do dízimo nos dias de hoje. Jerônimo Gasques (2008, p. 79-84) observou que essa última parte, formada por não dizimistas, costuma apresentar oito justificativas para se abster da prática do dízimo:

> *Justificativa teológica* — "Não sou dizimista porque o dízimo é da lei. E eu não estou debaixo da lei, mas sim da graça".
> *Justificativa sentimental* - "Não sou dizimista porque ainda não senti ou tive vontade, e a Bíblia diz que deve ser dado com alegria, e não com tristeza".
> *Justificativa financeira* — "O que eu ganho não sobra ou mal dá para o meu sustento".
> *Justificativa assistencial* — "Prefiro dar meu dízimo diretamente aos pobres. Prefiro eu mesmo administrar meu dízimo".
> *Justificativa política* — "Eu não entrego os meus dízimos porque eles não estão sendo bem administrados".
> *Justificativa míope* — "A igreja é rica e não precisa do meu dízimo".
> *Justificativa contábil* — "Não tenho salário fixo e não sei quanto ganho".
> *Justificativa eclesiológica* — "Não sou membro da igreja".[131]

Com extremos tão bem definidos, é necessário, portanto, analisarmos com cuidado o que a Bíblia ensina sobre a prática dos dízimos e ofertas. Essa análise visa não somente fundamentar um correto juízo de valor sobre essa prática, mas nos fazer conhecer os seus princípios, que ao longo da história do povo de Deus fez com que ele prosperasse.

O vocábulo *dízimo* quer dizer *a décima parte*, e traduz a palavra hebraica *rna''aser* e a grega *apodekatoo*.[132] No contexto bíblico, refere-se àquilo que é devolvido ao Senhor, quer seja a parte de uma determinada

---

[130] Conforme citado por Ricardo Mariano no livro *Neopentecostais — Sociologia do Novo Pente- costalismo no Brasil,* p. 162. Os itálicos são meus.

[131] *GASQUES, Jerônimo. As Sete Chaves do Dízimo — Segredo a Ser Descoberto. Op.cit.*

[132] *Walter Bauer traduz apodekatoo como: dízimo, dar um décimo de alguma coisa (Gen 28.22; Mt 23.23; Lc 11.42) (BAUER, Walter. A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago: The University of Chicago Press). Semelhantemente, o léxico Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament traduz como dar, pagar, a décima parte de alguma coisa. (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, p. 591).*

produção, quer seja de outra propriedade (Pv 3.9). Por outro lado, o vocábulo *oferta* traduz o hebraico *terumah* e o grego *doron,* com o sentido de *contribuição* ou *oferta alçada.* A lei mosaica não criou a prática do dízimo, mas apenas lhe deu conteúdo e forma. Isso foi feito por meio das diversas normas ou leis que a regulamentaram. Na verdade, a prática das ofertas já era observada nos dias de Abel (Gn 4.4); e da mesma forma o dízimo já era praticado pelos patriarcas Abraão e Jacó (Gn 14.20; 28.22). O profeta Malaquias associa a prosperidade do povo de Deus à devolução dos *dízimos* e das *ofertas* (Ml 3.10,11).[133] Esse mesmo princípio é destacado no Novo Testamento quando Paulo diz que Deus é poderoso para tornar abundante em toda graça aqueles que demonstram voluntariedade em contribuir para o Reino de Deus (2 Co 9.8).

Dízimos e ofertas no contexto bíblico da Antiga Aliança

A quem o dízimo era entregue

De acordo com a Lei de Moisés, os dízimos deveriam ser entregues aos sacerdotes e levitas, legalmente constituídos para o ministério do culto (Nm 18.21-32). O código mosaico, portanto, limitava a essa tribo o sacerdócio e as benesses advindas dele. A razão dada nas Escrituras para isso é que a tribo de Levi não ganhou herança da terra com as demais tribos, e como eram ministros dedicados inteiramente ao serviço do tabernáculo, necessitavam ser mantidos pelas demais tribos. Roland de Vaux (2004, p. 417,418) destaca com precisão que

> é uma regra universal que o sacerdote viva do altar: ele tem sua parte dos sacrifícios que aí são oferecidos, fora o holocausto, que é inteiramente consumido. A história dos filhos de Eli, 1 Sm 2.12-17, lembra o direito dos sacerdotes segundo o costume de Siló: em cada sacrifício, o servo do sacerdote vinha pegar uma porção na panela onde cozinhava a carne. O erro dos filhos de Eli não era que eles tomassem a sua parte, mas que eles,

---

[133] O jornal *Folha de São Paulo,* do dia 06 de maio de 2007, divulgou o resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa *Data-Folha.* Nessa pesquisa, o *Data Folha* perguntou aos fiéis de diferentes religiões: "Costuma contribuir financeiramente com a sua religião. O resultado obtido foi o seguinte: Dos que ganham até dois salários mínimos a porcentagem é de 80%; no que diz respeito aos que ganham mais, não chegou à casa de 77%. Ficou assim, por religião: católico 75%; evangélico pentecostal, 89%; evangélico não pentecostal, 87%; espírita, 44%; umbanda, 58%; candomblé, 67%; e outra religião, 73%".

> contrariamente ao uso, exigissem da carne crua, antes mesmo que a gordura tivesse sido oferecida sobre o altar: assim eles se serviam antes que tivesse servido a Iahvé.[134]

O local onde o dizimo poderia ser devolvido

A lei mosaica determinava um local central para a devolução das contribuições do povo de Deus. Durante a peregrinação no deserto, o santuário principal era o local escolhido para o recolhimento das contribuições do povo, e posteriormente, com a construção do Templo, Jerusalém passou a ser esse local (Dt 12.1-14; 14.22-29).

O que poderia ser objeto de dízimo

De acordo com o livro de Levítico, os dízimos eram tanto de bens agrícolas como também de animais (Lv 27.30-34). A lei previa também que os bens agrícolas poderiam ser convertidos em dinheiro, desde que fossem acrescidos 20% do seu valor. Essa medida impedia que alguém obtivesse vantagem pessoal com as coisas de Deus. Todavia, essa regra não se aplicava em relação aos rebanhos de animais (Lv 27.31,33).

Dízimos e ofertas no contexto do Novo Testamento

O dízimo, preceito e princípio

Há uma leitura equivocada por parte de muitos crentes no sentido de que debaixo da Nova Aliança estamos desobrigados da prática do dízimo. Essa opinião é fundamentada na tese de que o dízimo era um dos muitos rudimentos da Lei de Moisés. Esse é um pensamento equivocado pelo fato de o dízimo ser anterior à Lei (Gn 14.20; 28.22). No período mosaico, o dízimo aparece como um preceito, mas no patriarcal a sua prática se fundamenta antes como um princípio. Neil R. Lightfoot (1981, p. 165) observa que

> o significado do dízimo pago por Abraão pode ser visto quando lembramos que o dízimo levítico era baseado numa obrigação legal; os dízimos tinham que ser pagos em cumprimento da lei. Mas Abraão pagou

---

[134] DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.

> voluntária e espontaneamente o dízimo, um tributo à grandeza pessoal de Melquisedeque.[135]

Os preceitos mudam ou desaparecem, todavia os princípios são imutáveis e permanentes. Nos patriarcas o dízimo ocorre não em função do preceito ou mandamento, mas em razão do reconhecimento do princípio da bondade e dependência divina (Gn 14.20; 28.22).

Aqueles que ainda hoje creem que o Antigo Testamento exige a prática do dízimo, mas que o Novo não contém essa exigência, devem observar que a natureza do culto e seus fundamentos no Novo Testamento não mudaram.[136] Mudou apenas a forma do culto, mas não a sua função. O culto levítico com seus milhares de rituais já não existe, todavia o princípio do sacerdócio continua ainda hoje (1 Pe 2.9; Ap 1.6). Passou o sacerdócio de Arão, ficou o sacerdócio do cristão (Hb 4.14-16; 10.11,12; 1 Pe 2.5,9; Ap 1.6). A justificativa que alega que o cristão não está mais debaixo do preceito legal do dízimo mosaico é falha por não levar em conta que o cristão permanece ligado ao princípio moral do dízimo abraâmico. Abraão, o pai dos que creem, devolveu o seu dízimo de forma espontânea e voluntária antes do preceito legal (Gn 14.20), o que deve servir de modelo para todos os crentes. A Bíblia mostra claramente que a ordem sacerdotal a quem Abraão entregou seu dízimo é eterna, ao contrário da ordem do sacerdócio levítico, que era transitória (Hb 5.10; 7.1-10; SI 110.4).[137]

---

135 LIGHFOOT, Neil R. *Hebreus — Comentário Bíblico Vida Cristã.* São Paulo: Editora Vida Cristã, 1981.

136 Antonio Neves de Mesquita, antigo professor de Antigo Testamento e hebraísta, observa que "o povo que não ama a sua religião não contribui para ela. Para suprir do necessário os levitas, Deus determinou que o dízimo fosse consagrado ao culto; e não era só o dízimo, pois que havia as ofertas de várias categorias, as primícias dos frutos, os sacrifícios, de que também comiam os sacerdotes, e muitas outras maneira de manter o culto [...] Se as igrejas evangélicas consagrassem os dízimos ao sustento do culto, parece que seria bem diferente a situação religiosa do ministério [..] parece que Deus não mudou o plano de sustento da religião, mas o povo é que tem mudado tudo. Os pastores sentem-se constrangidos ao ensinar o povo a pagar os dízimos para sustento do culto, por parecer que estão advogando em causa própria; e outros que poderiam ensinar sobre esta matéria não o fazem por omissão" (MESQUITA, Antonio Neves de. *Estudo nos Livros de Números e Deuteronômio,* p. 133).

137 Até mesmo o dízimo mosaico estava firmado sobre princípios que iam muito além do seu aspecto meramente legal ou normativo. Princípios tais como soberania, bondade, fidelidade e misericórdia de Deus, etc. podem ser vistos claramente em textos bíblicos sobre o dízimo tanto antes como depois da lei. O próprio sacerdócio levítico, por ser transitório, possuía um caráter tipológico quando apontava

Portanto, aqueles que não reconhecem mais o preceito da obrigatoriedade concernente ao dízimo, como ensinou Moisés, deveriam se submeter ao princípio da voluntariedade como exemplificou Abraão.

O dízimo no ensino de Cristo

Os Evangelhos foram escritos no contexto da Antiga Aliança, embora já prenunciassem o reino vindouro (Mc 1.15). Dessa forma, encontramos os pais de Jesus trazendo ao Templo a oferta requerida na lei para a apresentação dos primogênitos (Lc 2.22-24). Por outro lado, Mateus — que escreveu para os judeus e no contexto da Nova Aliança — destaca que Jesus não veio destruir a lei, mas para cumprir (Mt 5.17). Como um cumpridor da lei, Ele não apenas reconheceu a observância da prática do dízimo, mas até mesmo a recomendou (Mt 23.23). O escritor Paulo José E de Oliveira (1999, p. 87), argumenta que Cristo aqui nessa passagem não deu sua aprovação ao dízimo, pelo contrário, a reprovou: "Por que interpretar essas palavras de Jesus como uma aprovação do dízimo, quando na verdade elas são uma condenação dessa oferta, pelo menos na forma deturpada como os fariseus o praticavam?"[138]

Mas será que Jesus de fato condenou o dízimo? Não é isso que a erudição bíblica tem percebido. Isso pode ser demonstrado na exegese que A. T. Robertson, erudito norte-americano, fez desse texto. De fato, Robertson, que é considerado mundialmente como a maior autoridade em grego bíblico do século XX, ao comentar esse texto diz: "Jesus não condena o dízimo. O que si condena é praticá-lo descuidando-se, no entanto, do mais importante *(ta baruterá).* Os fariseus eram cuidadosos com o exterior; cf Lucas 11.39-44".[139]

---

para uma ordem sacerdotal superior, imutável e eterna — a ordem de Melquisedeque. A Bíblia diz que Levi, na pessoa de Abrão, pagou dízimos a Melquisedeque (Hb 7.9).

138 OLIVEIRA, Paulo José F. *Desmistificando o Dízimo — O que a Bíblia realmente Ensina sobre o Dízimo.* São Paulo: ABU Editora, 1999. Mesmo não concordando com todos os argumentos de Oliveira, devemos reconhecer o valor da sua pesquisa sobre a prática do dízimo, que sem dúvida é a mais completa e exaustiva feita até o presente momento. Todavia, não há como deixar de perceber que seus argumentos refletem claramente uma "Teologia da Revolta". Como Oliveira, reconheço também que há abusos, não poucos, sobre essa prática e procurei mostrar isso. Na minha concepção, faltou o autor analisar mais profundamente o momento de transição nos quais os primeiros cristãos se

O dízimo no ensino de Paulo

Nas epístolas, Paulo fez referência ao dízimo levítico para extrair dele o princípio de que o obreiro é digno do seu salário (1 Co 9.9- 14; Lv 6.16,26; Dt 18.1). Se o apóstolo não reconhecesse a prática do dízimo em seus dias como legítima, jamais teria usado esses textos do Antigo Testamento para provar a validade do seu argumento. A. T. Robertson, ao comentar o texto de 1 Coríntios 9.14, afirma:

> Assim como Deus deu ordens acerca dos sacerdotes no Templo, do mesmo modo o Senhor Jesus deu ordens para aqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho *(ek to euaggeliou zein)*. Evidentemente, Paulo estava familiarizado com as palavras de Jesus em Mateus 10:10; Lucas 10:17ss., tanto em sua forma oral, como escrita. Apresentou claramente o argumento em favor do salário do ministro para todas as épocas.[140]

Nas epístolas, por exemplo, temos vários textos de Paulo condenando a circuncisão, uma prática que assim como o dízimo era anterior a lei, mas não encontramos nos escritos desse mesmo apóstolo um único versículo condenando a prática do dízimo. A falta de um ensino normativo de Paulo sobre o dízimo deve ser visto da mesma forma que ele o faz em relação, por exemplo, às doutrinas da trindade e do batismo no Espírito Santo. Todas são doutrinas genuinamente bíblicas, mas Paulo não normatizou nenhuma delas. Dizer que Paulo era contra a Trindade ou o batismo no Espírito Santo por não usar essas expressões em seus ensinos é um erro. Da mesma forma é um erro imaginar que Paulo era contra o dízimo porque não se referiu a ele

---

encontravam — a transição entre a sinagoga e a igreja. Isso explica, por exemplo, por que Paulo, mesmo sem ser legalista, observou o voto de nazireado, uma prática sem dúvida alguma da lei mosaica (At 21.23-26). Seria Paulo um judaizante por haver rapado a cabeça? Não, de forma alguma. Isso nos leva à conclusão de que a observância do voto de nazireado por parte do apóstolo dos gentios teve suas razões contextuais dentro da Igreja Primitiva. Uma análise sobre o suposto "silêncio" de Paulo sobre o dízimo necessita também levar em conta suas razões contextuais. Paulo, por exemplo, queria que a igreja se conscientizasse de que ele, como obreiro de Cristo, necessitava receber ajuda financeira, mas por uma razão contextual, isto é, não queria parecer "pesado", se privou desse direito (1 Co 9.1-15). Veja o meu livro *Defendendo o Verdadeiro Evangelho* (Rio de janeiro: CPAD, 2009) para uma discussão sobre as práticas judaizantes.

[14] ROBERTSON, A. T. *Comentário al Texto Griego dei Nuevo Testamento.* Barcelona: Editorial CLIE. Os itálicos são meus.

[15] *ROBERTSON, A. T. Comentário al Texto Griego dei Nuevo Testamento. Barcelona: Editorial CLIE.*

de forma explícita.[141] Simon Kistemaker (2004, p. 416), erudito de tradição reformada, ao comentar 1 Coríntios 9.13, destaca que o pensamento de Paulo era fazer os coríntios entender que

> as provisões para os sacerdotes e levitas são as mesmas para os pregadores do evangelho. Não a forma, mas o princípio por trás dessas providências precisa ser observado. Não deveria haver diferença nenhuma.[142]

Um dos princípios claros do dízimo abraâmico era a voluntariedade. Abraão entregou os 10% por gratidão; Levi por coerção! Kistermaker (2003, p. 270) trata desse aspecto da voluntariedade do dízimo quando diz:

> "O Novo Testamento, no entanto, não apresenta imposições específicas sobre o dízimo", mas destaca que na época do Antigo Testamento, o dízimo era usado para sustentar o sacerdote, o levita e as cerimônias religiosas do santuário. No Novo Testamento, Jesus ensina que "o trabalhador é digno do seu salário" (Lc 10.7); Paulo repete essa regra tanto indiretamente quando diretamente quando ele escreve sobre o auxílio financeiro daqueles que proclamam o evangelho (1 Co 9.14; 1 Tm 5.17,18).[143]

---

[141] Em seu livro *Desmistificando o Dízimo — O que a Bíblia realmente Ensina sobre o Dízimo,* o autor Paulo José F. de Oliveira argumenta que "Paulo não se refere ao dízimo uma única vez que seja" (p. 95). Todavia, como escreve Claude Geffré em seu livro *Crer e Interpretar—A Virada Hermenêutica da Teologia,* "o argumento do silêncio *é um* mau argumento". Poderíamos alegar também que "a Bíblia não se refere à palavra 'Trindade' uma única vez que seja". Sem dúvida, não podemos construir uma exegese segura sobre a prática do dízimo no Novo Testamento, fundamentados apenas no argumento do silêncio. Paulo, por exemplo, silencia sobre a doutrina do milênio, no entanto esse é um ensino claramente demonstrado no livro de Apocalipse 20.1-10. Como diz o *Comentário Bíblico Moody,* "a posição de Paulo em deixar que a prudência determine os princípios' em certos setores é uma questão tão delicada que muitos não o tem compreendido". Para um entendimento mais detalhado sobre princípio e preceito, veja o meu livro *Defendendo o Verdadeiro Evangelho* (Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 143-148).

[142] KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento — 1º Coríntios.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

[143] KESTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento — Hebreus.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

Princípios que fundamentam a prática dos dízimos e das ofertas nas duas Alianças

Reconhecer a soberania e bondade de Deus

Um dos princípios básicos da prática do dízimo é que Deus é soberano sobre todas as coisas. Tudo vem dEle e é para Ele (Ag 2.8; Cl 1.17). Quando o crente devolve a Deus o seu dízimo, está demonstrando com esse gesto que é reconhecedor de que o Senhor é a sua fonte de tudo, inclusive de sua prosperidade. A exclamação de Melquisedeque — "Bendito seja o Deus Altíssimo" — foi respondida por Abraão com a devolução do dízimo (Gn 14.20).

Esse princípio pode ser observado nas leis concernentes ao dízimo dos produtos de origem agrícola bem como dos rebanhos de animais (Lv 27. 30-34). Deus é criador dos céus e da terra e de tudo o que há neles (SI 24.1; Is 48.13). O gesto do cristão em devolver parte daquilo que Deus lhe concedeu demonstra esse reconhecimento.

Reconhecer a dependência de Deus

Alguns filósofos não gostam da ideia de o homem ser dependente de alguma coisa, muito menos de Deus. Jean-Paul Sartre, filósofo francês, dizia que o homem está sozinho no universo! Ele está desolado e deve se virar sozinho. Por outro lado, Nietzsch, filósofo alemão, acusava o cristianismo, inclusive Paulo, de implantar nos homens aquilo que ele chamava de "moral de escravo". Em outras palavras, o cristianismo fazia os homens se tornarem humildes e dependentes, o que segundo ele era um equívoco. Na sua visão o homem era uma fera e devia "botar os bichos" para fora!

O princípio da devolução do dízimo vai contra tudo isso, pois ele nos faz reconhecer que somos dependentes de Deus. Se temos alguma prosperidade é porque o Senhor foi generoso conosco (Gn 33.11). Infelizmente alguns crentes ignoram esse fato e agem como se as suas conquistas fossem apenas mérito de seus esforços (Jz 7.2).

Reconhecer o valor do próximo

O livro de Deuteronômio registra que havia um tipo de dízimo que deveria ser repartido entre os pobres (Dt 14.28,29; 26.12-15). Esse

era um dízimo comunitário e era praticado a cada três anos. O propósito é mostrar apreço pelos menos favorecidos. Dentro desse contexto, devemos reconhecer algumas dimensões do dízimo: *religiosa*, ligada à manutenção dos templos, obreiros, etc.; *social*, ligada à manutenção das obras assistenciais da igreja; *missionária,* ligada ao propósito de levar o evangelho a todas as pessoas; *patrimonial,* ligada à regularização de obras, aquisição, edificações, funcionários.[144]

Dízimos e ofertas como fontes de bênçãos

Os dízimos, ofertas e votos que eram feitos a Deus no Antigo Testamento jamais devem ser interpretados como uma prática de barganha. A ideia de que Deus nos dará algo em *troca* ou que Ele agora *é devedor,* ficando na *obrigação de pagar tudo que nos deve,* porque *como dizimistas nos candidatamos a receber as bênçãos sem medida,* caracteriza sem dúvida alguma a prática da barganha. O barganhista faz esperando receber algo em troca. Ele condiciona a sua fé em Deus ao cumprimento dos seus desejos. Em outras palavras, se Deus fizer o que o barganhista pede ou necessita então ele em contrapartida também fará o que prometeu. E o que no capítulo 12 denomino de "troco na troca".

Um dos textos bíblicos muito usado para justificar essa prática é Gênesis 28.10-22, quando Jacó fez um voto ao Senhor:

> Partiu, pois, Jacó de Berseba, e foi-se a Hará. E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por sua cabeceira, e deitou-se naquele lugar. E sonhou: e eis era posta na terra uma escada cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Senhor estava em cima dela e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque. Esta terra em que estás deitado ta darei a ti e à tua semente. E a tua semente será como o pó da terra; e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul; e em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra. E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra, porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito. Acordado, pois, Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. E temeu e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a Casa de Deus; e esta é a porta dos céus. Então, levantou-se Jacó pela manhã, de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua

[144] *Veja mais detalhes em As Sete Chaves do Dízimo.*

> cabeceira, e a pôs por coluna, e derramou azeite em cima dela. E chamou o nome daquele lugar Betei; o nome, porém, daquela cidade, dantes, era Luz. E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer e vestes para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor será o meu Deus; e esta pedra, que tenho posto por coluna, será Casa de Deus; e, de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo.

Uma leitura equivocada do hebraico original está por trás desse erro de interpretação. Clyde T. Francisco (1987, p. 277), erudito em Antigo Testamento, observa que

> é muito mais razoável traduzir voto, como o hebraico permite, de forma que "o Senhor será o meu Deus" seja parte da prótase (a cláusula "se"): "Se Deus for comigo... me guardar... me der... e o Senhor for o meu Deus, então esta pedra...".[145]

Por outro lado, o comentarista bíblico Warren W. Wiersbe (2008, p. 161) acrescenta que o "se" que aparece em várias traduções no versículo 20 também pode ser entendido como "uma vez que". Jacó não estava negociando com Deus; estava afirmando sua fé em Deus. Uma vez que Deus havia prometido cuidar dele, ficar com ele e levá-lo de volta ao lar em segurança, Jacó afirmaria sua fé em Deus e buscaria adorá-lo e honrar somente ao Senhor.[146]

Essas explicações são necessárias porque nos permitem ver as bênçãos de Deus, decorrentes de nossa fidelidade, como devem ser vistas, isto é, sem aquela ideia de troca tão comum em muitas igrejas. Nas Escrituras, portanto, é possível verificarmos que as bênçãos de Deus alcançam os dizimistas e ofertantes.

Multiplicação

Tanto o Antigo como o Novo Testamento demonstram que Deus reconhece e recompensa a fidelidade do povo de Deus. Quando o crente é liberal em contribuir com o Reino de Deus, uma consequência natural do seu gesto é a bênção da multiplicação dada pelo Senhor. Deus promete derramar bênçãos sem medida e fazer abundar em toda graça (Ml 3.10; 2 Co 9.6-10). Paulo reconhece que a generosidade dos

---

145 FRANCISCO, Clyde T. *Gênesis— Comentário Bíblico Broadman.* Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
146 WIERSBE, W. Warren. *Pentateuco.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008.

crentes é como sementes que estão sendo plantadas e são vistas por Deus como atos de justiça. Essa semente que foi plantada em solo fértil não apenas crescerá, mas será multiplicada pelo Senhor.

Proteção

Uma das necessidades básicas do ser humano é a de ser protegido. Proteção tanto na vida pessoal como na profissional. A Escritura revela que Deus se interessa e cuida da proteção dos seus filhos. A Bíblia também mostra que essa bênção da proteção está sobre os negócios do crente que é generoso em contribuir com seus bens para a causa de Deus (Ml 3.11). O profeta Ageu denunciou a infidelidade do povo no Antigo Testamento e responsabilizou-a como a causa da falta de prosperidade entre o povo (Ag 1.3-11).

Por outro lado, lemos no livro de Êxodo que uma das bênçãos de Deus sobre o seu povo era a proteção contra as doenças (Ex 15.26). Havia, portanto, uma bênção específica concernente à saúde. Todavia, o texto é claro em condicionar essa bênção à obediência aos mandamentos de Deus e à guarda de todos os seus estatutos (Ex 15.26). É lógico que a prática do dízimo como uma das leis do código mosaico estava incluída na observância desses preceitos.

Restituição

A Bíblia mostra que o Senhor é um Deus de restituição (Nm 5.7; Jl 2.25). Israel, como uma sociedade de economia agrícola, tinha suas lavouras constantemente atacadas por pragas que as devoravam. A Bíblia mostra essas pragas como sendo gafanhotos em diferentes estágios de desenvolvimento. A consequência natural dessa invasão de insetos era a destruição da lavoura. Para que a nação sobrevivesse era necessário a restituição feita por Deus daquilo que fora perdido (Jl 1.4; 2.25; Na 3.16). Malaquias associa o devorador como aquele "que consome o fruto da terra" (Ml 3.11). A referência aplica-se num primeiro plano às pragas de gafanhotos já citadas e em um segundo plano a toda ação do mal sobre o povo.

Provisão

Na Antiga Aliança Deus prometeu "derramar bênçãos sem medida" sobre o seu povo (Ml 3.10). Na Nova Aliança, Ele deseja que o

crente tenha "ampla suficiência" (2 Co 9.8). A prosperidade bíblica é viver na suficiência de Cristo (2 Co 3.5; 9.8). Essa suficiência é vista como sendo a provisão de Deus para seus filhos. Deve ser lembrado, no entanto, que essa suficiência não deve ser confundida simplesmente com a aquisição de posses materiais, mas ter na vida material o necessário para viver com dignidade e na espiritual, paz com Deus (Fp 4.11; 2 Ts 3.16). Por toda a Escritura observamos o cuidado do Senhor no sentido de prover para o seu povo aquilo que é necessário para o seu viver.

Vimos, pois, que a prática dos dízimos e ofertas sempre esteve presente na história do povo de Deus. Evidentemente que fica para nós o princípio de que somos abençoados não porque contribuímos, mas contribuímos porque já somos abençoados. Deus reconhece a voluntariedade do crente em contribuir para o seu Reino, e por graça e misericórdia derrama sobre nós a suas muitas e ricas bênçãos.

12

Capítulo

O TROCO NA TROCA — O PERIGO DE QUERER BARGANHAR COM DEUS

Uma teologia de supermercado

Desde o primeiro capítulo deste livro, venho mostrando que a prosperidade bíblica se alicerça fundamentalmente em um correto relacionamento com o Senhor. Quando fórmulas, técnicas ou quaisquer outros meios substituem a comunhão do crente com o seu Deus, então o caminho para uma fé deformada está aberto. Esse modelo teológico que ignora a existência humana e não leva em conta a soberania de Deus sobre a história tem produzido uma geração de crentes superficiais. E o que é pior — tem se tornado quase que exclusivamente o único tipo de fé conhecida. O cristianismo ortodoxo tem sido empurrado para a periferia da fé. A química resultante da mistura desse modelo teológico com o princípio bíblico da retribuição tem originado uma excrescência dentro do protestantismo evangélico — a Teologia da Barganha.

Os pressupostos da Teologia da Barganha já são perceptíveis no Antigo Testamento, nos argumentos defendidos pelos amigos de Jó: Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú. E possível vermos na teologia desses homens uma relação distorcida entre pecado e punição. Em palavras mais simples, eles defendiam a tese de que por traz do sofrimento de Jó estava algum tipo de pecado cometido, porém ainda não conhecido. Algo semelhante àquilo que é pregado em muitas igrejas neopentecostais. Luiz Alexandre Solano Rossi (2008, p. 75) comenta:

> A teologia da retribuição está assumindo a sua forma e assim permanecerá durante o desenrolar de todo o livro de Jó. O bomem pode, sim, ser conduzido a agir por interesse: se ele faz o bem, recebe a felicidade; se pratica o mal, recebe a infelicidade. A vida de fé está a um passo de se transformar em uma relação comercial. A fé pode estar sendo vista a partir de uma prateleira de supermercado, ou seja, Deus se apresentaria como um negociante. A consagrada expressão brasileira do "toma lá, dá cá" se encaixa perfeitamente nessa situação [...] Contra essa teologia da retribuição ele (Jó) tem um único argumento: sua experiência pessoal e sua observação da história, na qual a injustiça permanece impune. Sua observação e intuição são corretas: existem somente homens situados no espaço e no tempo, no sentido de que vivem em uma época precisa em um contexto social, cultural e econômico preciso [...] Vejamos um resumo de seus discursos: a) Elifaz sugere que Jó é um pecador; b) Baldad diz abertamente que seus filhos morreram por seus pecados; c) Sofar assegura a Jó que seu sofrimento é menos do que ele merecia; d) Eliú afirma que o sofrimento tem um caráter pedagógico. Eles representam perfeitamente o modo mais comum de se mascarar a verdadeira fé bíblica: a ideologia, a ortodoxia e o heroísmo convencional.[147]

O troco na troca

Pois bem, os léxicos da língua portuguesa trazem os termos *trocar* e *negociar* como significados da palavra *barganha.* Dentro de um contexto comercial, o barganhista é aquele que leva vantagem em uma transação feita. No contexto religioso, barganhar é usar a fé para obter vantagens pessoais. A ideia por trás é a da troca. O devoto não busca a divindade simplesmente com o coração de um adorador, mas com o sentimento de um mercador. Hoje, com a explosão do neopentecostalismo, a velha prática da barganha voltou com força para o meio das igrejas evangélicas. A fé virou uma poderosa moeda de troca e Deus passou a ser visto como um realizador de sonhos narcisísticos.

Barganhar, uma prática muito antiga

> Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção, recebendo o galardão da injustiça; pois que tais homens têm prazer nos deleites cotidianos; nódoas são eles e máculas, deleitando-se em seus enganos, quando se banqueteiam convosco; tendo os olhos cheios de adultério e não cessando de pecar, engodando as almas

---

[147] ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Jesus Vai ao McDonald's — Teologia e Sociedade de Consumo.* São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

> inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição; os quais, deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça. Mas teve a repreensão da sua transgressão; o mudo jumento, falando com voz humana, impediu a loucura do profeta. (2 Pe 2.12-16)

A história bíblica narra que na rota do êxodo rumo à Terra Prometida, os israelitas entraram em confronto com outras nações. Uma dessas nações eram os moabitas que possuíam Balaque como rei (Nm 22.4). Balaque ouvira falar das conquistas dos hebreus e, temendo ser derrotado por eles, entrou em aliança com os midianitas. O passo seguinte foi alugar os serviços de Balaão, um falso profeta e adivinho da cidade de Petor na Mesopotâmia. O propósito era que este invocasse maldições sobre o povo de Deus (Nm 22.6).

A primeira comitiva enviada por Balaque não obteve êxito, pois Balaão foi proibido por Deus de acompanhar os mensageiros de Balaque (Nm 22.12). O Senhor mostrou a Balaão que ele não poderia amaldiçoar um povo que já era abençoado. O rei dos moabitas não desistiu, e enviou uma caravana com pessoas mais nobres e com promessas de honrar mais ainda e recompensar a Balaão. Balaão cede e vai com os mensageiros, mas prometendo fazer somente aquilo que Deus permitisse. Na trajetória, ele é repreendido quando Deus permite que seu animal de carga fale em voz humana. Balaão instrui o rei Balaque a fazer sete altares e por três vezes tentou amaldiçoar os israelitas, mas em vez de amaldiçoar foi forçado por Deus a abençoar (Nm 24.17).

Vendo-se proibido por Deus de amaldiçoar o povo que Deus mesmo abençoou, Balaão muda de estratégia e passa agora a instruir Balaque a pôr tropeço no caminho do povo de Deus por meio da fornicação e corrupção (Nm 31.16). Balaão não conseguiu amaldiçoar, mas induziu o povo de Deus ao pecado. Os apóstolos Pedro e João mostram que Balaão "amou o prêmio da injustiça" e induziu o povo de Deus a se "contaminar" (2 Pe 2.15; Ap 2.14). O adivinho fez do sagrado um negócio para obter ganhos pessoais.

A história se repete

Por outro lado, a história registra que no século XVI Lutero, até então monge católico, se levantou contra o clero quando este promovia a venda de indulgências. Ele descobriu que a salvação é pela graça e nin-

guém pode barganhar com Deus (Rm 1.17).[148] Sentindo a necessidade de construir a basílica de São Pedro, a igreja católica empreendeu uma campanha para arrecadar fundos. Foi feita uma barganha com a fé dos devotos que eram instruídos a depositar suas ofertas com a promessa de terem em troca a libertação das almas de parentes que se encontravam no purgatório. Foi esse episódio que fez com que explodisse a Reforma Protestante de 1517. O que levou Lutero a romper com a igreja institucional foi a iluminação que recebeu do Espírito Santo sobre a passagem de Romanos 1.16,17, quando ministrava um curso sobre essa epístola na Universidade de Wittenberg em 1512. De fato, como bem observou C. Leonard Allen (1998, p. 120,121),

> ele ficou estupefato: pela fé, não por obras; pela fé, não pela austeridade monástica; pela fé, não pela meticulosidade das confissões [...] munido dessa nova convicção, Lutero dispôs-se a contestar qualquer um que tornasse o amor e a aceitação por parte de Deus dependentes da justiça humana. Ele atacou os negociadores de indulgências por venderem a graça de Deus por preço determinado.[149]

A Reforma provocou mudanças na igreja e na cultura ocidental, mas os séculos passaram e os seus princípios caíram no esquecimento. Novamente nos deparamos no contexto evangélico com a velha prática da barganha. Estamos presenciando um verdadeiro festival de "toma lá dá cá". Há uma rifa da fé, e quem der mais tem a promessa de conseguir muitas bênçãos. Até mesmo a Bíblia que em anos passados foi o instrumento da Reforma está sendo usada como moeda de troca. Em troca das bênçãos de Deus se oferece aos crentes "toalhinhas", "água do rio Jordão", "sabonetes ungidos", etc.

---

148 Alister McGrath observa que "um elemento fundamental da vocação reformadora de Lutero foi a convicção de que não eram os princípios morais da igreja cristã que precisavam de uma reforma, mas sua Teologia" (MCGRATH, Alister. *As Origens Intelectuais da Reforma.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, p. 66).

149 Allen, C. Leonard & HUGHES, Richard T. *Raízes dã Restauração: A Gênese Histórica do Conceito de Volta à Bíblia.* São Paulo: Editora Vida Cristã, 1998.

A Teologia da Barganha e seus pressupostos doutrinários

A teologia que fomenta a barganha com Deus tem como um dos seus pressupostos a doutrina do *direito legal* do crente. Segundo essa crença, ao morrer na cruz, Jesus Cristo conquistou para os crentes muitos direitos.[150]Cabe agora ao cristão se conscientizar da existência deles e reivindicar para si a concretização desses direitos. A posse da bênção passa agora a ser um direito líquido e certo, e não algo que está condicionado à vontade divina. A doutrina do direito legal deu amplos poderes ao crente, a ponto de ele agora poder usá-lo até mesmo como moeda de troca. Acreditam que Deus não tem o direito de dizer não a quem Ele conferiu o direito de exigir. O devoto ganha direitos; Deus perde o seu! Promessas de curas e prosperidade são feitas àqueles que descobriram essa "doutrina" e fazem uso dela.

Já é bastante conhecida entre os crentes a famosa doutrina da *Determinação.* Não é mais preciso orar, e sim determinar. Deus criou leis espirituais, e o crente deve saber como usar essas leis. Segundo essa exegese, Jesus não teria dito "tudo quando pedirdes em meu nome", mas "tudo o que exigirdes ou determinardes em meu nome" (Jo 14.13). Embora não exista nada no texto grego que corrobore esse ensino, os pregadores da prosperidade insistem que assim deve ser.[151]

Não podemos nos curvar diante da ideia que diz ser Deus obrigado a obedecer a supostas leis que Ele teria criado. Deus é Senhor de tudo e não é refém de lei alguma (Is 55.8).

Cabe dizer aqui que a expiação de Cristo proveu para o cristão a bênção da cura tanto da alma como do corpo (Mt 8.16,17; 1 Pe 2.24). A cruz de Cristo proveu também o direito à vida eterna bem como a provisão para uma vida plena (Jo 10.10). Mas isso não significa dizer que o crente não passará por adversidades, sofrimentos nem tampouco que ele não irá adoecer nunca mais. A redenção total só a teremos com a ressurreição dos corpos (Fp 3.11; 1 Pe 1.3).

---

[150] O filósofo Jostein Gaarder, autor do *best seller O Mundo de Sofia,* em uma entrevista dada à TV Cultura, disse que "hoje se fala muito em direitos humanos, mas já é hora de se criar uma declaração universal dos deveres humanos".

[151] Veja uma exegese aprofundada que eu fiz sobre esse assunto no livro de minha autoria: *Defendendo o Verdadeiro Evangelho* (Rio de Janeiro: CPAD, 2009). Ali eu refutei à luz da gramática grega os argumentos da teologia da prosperidade sobre a doutrina da Determinação.

O reino dos homens — a teologia do domínio

Segundo essa teologia, a volta de Jesus só ocorrerá após a igreja haver dominado o mundo e o ter subjugado. Dessa forma, a igreja precisa conquistar todos os espaços possíveis na sociedade a fim de que possa dominar.[152] Diz que isso ainda não ocorreu por faltar consciência de que é isso que Deus quer para a igreja. Os crentes do passado se acomoda- ram por não terem atingido a maturidade suficiente que lhes permitiria a posse dessas verdades. A escatologia é esvaziada quando o seu foco no futuro é ofuscado pelo desejo do domínio agora. A teologia desce do céu e passa a se firmar na terra. Até mesmo Israel perde o seu lugar na profecia bíblica, uma vez que foi suplantado pela igreja, que agora o substituiu.

Recentemente o líder de uma igreja lançou o livro *Plano de Poder— Deus, os Cristãos e a Política,* onde é possível percebermos alguns dos pressupostos da teologia do domínio. Na página 20, ele escreve que

> ainda nos dias atuais, há muitas pessoas que, apesar de confessarem uma fé cristã, não conseguem identificar e assimilar o objetivo de Deus sobre esse aspecto para o seu povo (o projeto de poder político de nação).
>
> Lamentavelmente, esse senso de percepção tem faltado a muitos cristãos, que hoje somam no Brasil uma população de cerca de 40 milhões de pessoas, que vem crescendo a cada dia (esse dado aproximado é referente ao número de evangélicos só no Brasil, e não no mundo). É um enorme potencial, mas essas pessoas, em sua maioria, encontram-se como um gigante adormecido. Elas precisam despertar ao toque da alvorada; mais que isso, ouvir o mesmo que Deus falou para Gideão: "Vai nessa tua força". Em outras palavras: "Emancipem-se!" A emancipação

---

[152] E preocupante o número cada vez maior de pastores que trocam a vocação pastoral pela parlamentar. Sem dúvida, Deus tem escolhido crentes para ocupar diferentes lugares na sociedade, inclusive na esfera política. Todavia, Ele escolheu os pastores para "aperfeiçoar os santos" (Ef 4.12), isto é, para pastorearem! Será que vale a pena trocar o púlpito pela tribuna; o sermão pelo discurso; a Bíblia pela Constituição; o cajado pelo palanque e a Igreja pelo Congresso? Isso parece estar na contramão do ensino de Jesus (Mt 9.37,38) e do que Paulo ensinou a Timóteo (2 Tm 2.4). Ignora também o parecer apostólico em Atos 6.4. Seria muito mais interessante vermos crentes deixando a política partidária para abraçar a chamada ministerial, e não obreiros deixarem a chamada pastoral para abraçar a vocação parlamentar. A história da Igreja está aí para provar que a química resultante da união entre Igreja e Estado tem demonstrado ser extremamente danosa. Por outro lado, quando isso acontece se cristianizam os métodos da política secular, o que Maquiavel denominou de "os fins justificam os meios", acreditando-se que eles são adaptáveis à realidade institucional da igreja.

começa com o amadurecimento individual, o inconformismo com certas situações, o consenso em um ideal e a mobilização geral.[153]

O autor ainda argumenta que esse é um projeto de todos os evangélicos e por isso

> as questões ideológicas e doutrinárias denominacionais devem ficar à parte; do contrário, deixaremos de cumprir algo que é comum a todos nós cristãos: executar o grande projeto de nação idealizado e pretendido por Deus. Até porque temos percebido, por parte da sociedade, que ser evangélico no Brasil ainda é como ser estrangeiro no Egito no dias de Faraó.[154]

Ele diz em seu livro que o projeto de nação por ele abordado não se trata de um projeto teocrático:

> Essa proposta não deve ser vista como um modelo de poder teocrático ou semiteocrático como o Brasil historicamente parece ser. O Estado é laico e deve continuar a ser; do contrário as liberdades ficam ameaçadas e os preconceitos tendem a se estabelecer. Os evangélicos sabem muito bem o que isso significa, ou seja, o que é sofrer preconceitos.

Todavia, por todo o seu livro, ele cita os nomes de José do Egito, Moisés e Daniel como exemplos de homens que fizeram parte do projeto de nação de Deus no passado, e que no atual momento os evangélicos estão inseridos nesse projeto. Dessa forma argumenta:

> Quando se trata dos votos dos evangélicos, estamos diante de dois interesses: o interesse dos próprios cristãos em ter representantes genuínos e o interesse de Deus de que seu projeto de nação se conclua. Tudo, exatamente tudo a esse respeito depende dos escolhidos a compor essa nação. Na verdade, desde o início desse intento os entraves nunca forma causados pela ação de Deus, mas sim pelas ações das pessoas designadas a elaborar e concluir esse grande projeto [...] o Brasil tem uma população de aproximadamente 40 milhões de evangélicos. Terminamos aqui chamando a atenção deles para que não deixem que essa potencialidade seja desperdiçada.

---

153 Idem.

154 Idem, p. 52.

O autor diz que não está pregando a existência de um Estado teocrático, mas a ideia de um governo onde os evangélicos dão as cartas está em evidência.

Essa teologia fracassa diante das palavras de Jesus: "O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui" (Jo 18.36). Por outro lado, a tese defendida no livro *Plano de Poder* está fundamentada em uma falsa premissa. Ela ignora a soberania de Deus na história e parte do pressuposto de que a escravidão dos hebreus no Egito poderia ter sido evitada ou abreviada. Já vi pregadores dizer na TV que o cativeiro poderia ter durado apenas um ano! Isso se os hebreus tivessem tido antes consciência do seu grande potencial. Mas uma simples leitura bíblica nos revela que o Senhor já havia revelado a Abraão, quatrocentos anos antes da ida dos hebreus para o Egito, que o cativeiro se estenderia por um período de quatrocentos anos (Gn 15.13). Vale aqui lembrar o que Paulo Romeiro escreveu (1995, p. 164), pois continua atual:

> Sim, concordo com todas as letras que precisamos e devemos ter cristãos envolvidos na política e ocupando cargos de liderança que venham a influenciar positivamente a sociedade no seu todo, e não apenas a igreja ou ao grupo que o elegeu. Cabe aqui uma sugestão do sociólogo Paul Freston: "nossa preocupação tem que ser com a promoção do *Evangelho* e não com a promoção dos *evangélicos"*. Precisamos de candidato evangélico e não de candidato dos evangélicos [...] Robison Cavalcante alertou, com sabedoria, num de seus livros: "Devemos nos precaver das tentações *teocráticas:* o governo de um *Aiatollah* protestante, que dividiria o bolo do Estado entre nós". E há ainda outra questão: temo não estarmos anda preparados para atuar de forma saudável numa sociedade pluralista com a nossa, onde o tamanho das pressões exige dos candidatos evangélicos uma postura que muitos deles ainda não possuem.[155]

A igreja e a redenção do Brasil

Por ocasião das eleições de 2010, uma pregadora renovou o anseio de ver no Palácio do Planalto um presidente de confissão evangélica. Em um artigo intitulado de "A Redenção do Brasil Virá pela Igreja", a revista *Proclamar* traz as palavras dela:

---

[155] *ROMEIRO, Paulo. Evangélicos em Crise — Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1995.*

Em 1989, ao terminar um encontro de "Guerreiros", tive uma forte experiência. Havíamos orado pelas eleições daquele ano. Ia me ajoelhando para a oração final, quando recebi uma clara palavra em meu espírito: "Tira os olhos dos candidatos. Nenhum deles é meu escolhido. A redenção do Brasil virá pela igreja". Tive uma visão espiritual do mover de Deus na nação que traria um grande crescimento da igreja e um crescente número de servos Seus ocupando os postos de comando da nação.

Em 2002 recebi uma nova palavra em oração: "Antes que surja um presidente evangélico o PT governará..." Fui tomada de convicção de que chegara a vez do PT e Lula seria eleito. Foi um ano em que fui aos quatro pontos extremos da nação, do Caburaí ao Chuí e do Monte Moa ao Cabo Branco, chorando seus pecados e pedindo perdão a Deus por eles, proclamando que a nação lhe pertence por direito de criação e de herança. Comecei um jejum de três anos por Brasília (comia apenas alimentos crus). No mesmo período o Pai falou-me para investir em Brasília e que a redenção do Brasil passa por Brasília. Segui o chamado "roteiro místico de Brasília", passando por diversas sedes de organizações das trevas, intercedendo pela nação e proclamando o senhorio de Cristo. Começamos também a declarar que Brasília não será mais conhecida como "capital da nova era", mas como "Capital da Adoração" [...] Finalmente, em setembro de 2008, no Monte Carmelo, em Israel, recebi uma palavra do Senhor: "Em 2009 planta-te em Brasília. Não viajarás. Concentra-te em Brasília".

Foi o que fiz, e desta vez devotei-me a estabelecer turnos de adoração, cobrindo o maior número de horas possível, dia e noite, em pura adoração e proclamações das promessas de Deus sobre a nação. Chamei a isto "Ministério Sala do Trono".

Certo dia disse, de passagem: "Pai, disseste que antes que viesse um presidente evangélico o PT governaria. Não vejo um servo Teu no cenário político com perfil de presidente. O PT continuará no poder?" Não recebi qualquer impressão em meu espírito e deixei o assunto de lado.

Um dia, ao abrir o computador, vi a manchete do convite do PV à Senador Marina Silva para uma conversa com vistas a um possível futuro lançamento de seu nome à candidatura presidencial. Naquele momento, foi como se um filme passasse diante de mim e, tomada de surpresa, bradei: "E ela, Pai?". Pensando nos paradoxos, disse: "Isso parece coisa Tua!" Isto é, escolher "as coisas que não são para confundir as que são". Ali recebi em meu coração uma forte responsabilidade de sustentar esta causa em oração e prontifiquei-me a ser a sua intercessora pessoal, convicta de que Deus a tem preparado para um tempo como este [...]

Portanto, venho clamando pelo dia em que o Planalto seja ocupado por alguém verdadeiramente habitado pelo Espírito Santo e sensível à sua voz. Diante dessas experiências narradas em síntese, e outras, venho acompanhando, dede o início, todo o progresso político que envolve a

> Senadora Marina Silva, orando por ela todo o tempo e com ela em diversas ocasiões. Desde o primeiro momento tive a percepção de que entravamos numa batalha sem precedentes, de que nunca estivemos tão perto do cumprimento de um sonho, mas de que tínhamos de reunir forças, determinação e trabalho em duas direções: oração e mobilização.[156]

É possível que no futuro esse anseio possa se cumprir, mas no mo mento isso é impossível! Enquanto escrevo estas linhas, acabou de ter minar o primeiro turno das eleições para presidente, e a senadora Ma rina Silva não foi eleita.

Por outro lado, a ideia do *domínio* não se limita ao poder político mas ao financeiro também. Segundo essa crença, Deus transferirá para igreja toda a riqueza do mundo incrédulo. Em seu livro *A Ultima Gran de Transferência de Riquezas,* Morris Cerullo (2009, p. 67-70) escreve:

> Agora nós precisamos conversar sobre a transferência de riquezas do ímpio para VOCÊ!
>
> *A riqueza do pecador é depositada para o justo. — Provérbios 13.22*
>
> Você se lembra de que, em um capítulo anterior deste livro, eu lhe contei que um sonho sempre precede uma grande transferência de riqueza?
>
> Nós temos um tremendo sonho — um plano, um objetivo, uma visão do futuro — vindo de Deus.
>
> Nossa visão do futuro é que o mundo inteiro será evangelizado e ouvirá o Evangelho.
>
> Assim como os irmãos de José, os religiosos nos dirão que somos pretensiosos. Eles dirão que não há condição de o nosso sonho se transformar em realidade. Mas estamos firmes por causa do que Deus nos contou. Ele nos contou que você e eu levaremos o Evangelho até os confins da terra.
>
> Não importa como estão suas circunstâncias atuais. Não interessa o que nos aconteça que possa aparentemente no impedir. Deus nos deu um sonho! E, como José, conservaremos esse sonho precioso bem junto ao nosso coração. Nós perseveraremos mesmo face à adversidade e à perseguição.
>
> Você se lembra de que eu disse que uma revelação deve preceder uma grande transferência de riqueza? Deus nos revelou como Ele abençoará o mundo inteiro com o Evangelho. Nós compartilhamos esta

[156] Revista *Proclamar*, ano III, N° 27, agosto de 2010, p. 10,11. Teresina, Piauí.

revelação juntos, você e eu. Deus usará você e eu para alcançarmos este mundo, juntos!

Assim como Deus revelou a Moisés o Seu poder para livrar os hebreus, Ele nos deu uma revelação do Seu poder para livrar o mundo inteiro do pecado!

Você se lembra de que disse antes que o único jeito para receber algo de Deus era fixar os seus olhos no seu reino? Nossos olhos estão focados conscientemente nEle e no Seu reino! Verdadeiramente, as palavras de Jesus estão gravadas em nosso coração:

Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu.

- Mateus 6.10

Agora é tempo da grande transferência final de riquezas. Creio que Deus está se preparando para liberar o maior fluxo de riquezas de um lugar para outro na história da humanidade!

Agora é o tempo para a riqueza dos ímpios ser transferida para os justos! Não fique confuso. Deus não vai apenas deixar cair uma sacola de dinheiro no seu colo. Ele é muito mais criativo do que isso.

Os planos de Deus para você têm a ver com o seu caráter e a maneira como você pensa. Deus está se preparando para lançar um fluxo de poder criativo aos Seus santos, para começar a liberar a última grande transferência de riquezas!

Eis o que diz a Bíblia:

Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, que ele é o que te dá forças para adquirires poder, para confirmar o seu concerto, que jurou a teus pais, como se vê neste dia.

- Deuteronômio 8.18

Deus está concedendo ao Seu povo o PODER para conseguir riqueza. Ele está remodelando a própria maneira de esse povo pensar — a própria maneira de conduzir os negócios. Deus está infundindo PODER no Seu povo!

Por quê? Não é só para que as pessoas vivam em alguma mansão luxuosa, nem para que possam dirigir carros de último tipo.

Deus está DRENANDO as riquezas do mundo para a Igreja e INUN- DANDO-A, a fim de que ela se levante em poder para a colheita do tempo final! [...]

[...] Muitos não foram abençoados financeiramente porque Deus sabe que eles confiaram no dinheiro, não em Deus, para suprir suas necessidades.

Deus não está procurando pessoas cujo objetivo seja enriquecer. Já existem pessoas suficientes com esse propósito no mundo. Deus está procurando pessoas que queiram seguir a justiça, a piedade, a fé, o amor,

> a paciência e a mansidão. Deus está procurando pessoas com CARATER![157]

Estas palavras de Cerullo necessitam serem analisadas. Primeiramente devo dizer que também acredito que o mundo inteiro precisa ser evangelizado e que a igreja não deve medir esforços para que esse fim seja alcançado. Inclusive investindo pesado em missões. Mas tenho dificuldade de ver isso acontecendo por meio de uma transferência de riqueza do ímpio para o crente. O maior exemplo de esforço evangelístico e missionário que se tem conhecimento na história da igreja foi feita pelos apóstolos, especialmente Paulo. Não há nada no Novo Testamento dizendo que Deus transferiu os bens do mundo para a igreja a fim de que esta pudesse evangelizar os perdidos. O exemplo de transferência de riquezas deveria ser fundamentado em Paulo, e não em Moisés. Paulo foi um gigante espiritual e fez muito por missões, mas o seu testemunho foi de que Deus usou os recursos dos próprios crentes para suprir suas carências e apoiar o seu trabalho missionário (Fp 4.16). Não há nada no Novo Testamento mostrando que Deus tomou do mundo incrédulo para dar a igreja e nem tampouco sugerindo que Ele o faria isso no futuro.

O perigo de barganhar com Deus

O perigo de ter um Deus imanente, mas não transcendente

A *imanência* é um dos atributos de Deus e se refere à presença de Deus na criação, embora Ele não possa ser confundido com ela (2 Co 6.16). Podemos ver Deus nas coisas criadas (SI 19.1), mas isso não significa dizer que tudo é Deus, como, por exemplo, faz a doutrina panteísta. Por outro lado, a doutrina da *transcendência* diz que Deus de fato está nas coisas criadas, mas não pode ser confundido com ela (Rm 9.20). Deus é transcendente, isto é, está acima das coisas as quais criou (Is 55.8,9). Em outras palavras, Deus não é uma parte do mundo, nem

---

[157] CERULLO, Morris. *A Última Grande Transferência de Riquezas.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2009.

tampouco o mundo é divino. Deus existe independentemente das coisas criadas.[158]

A doutrina da barganha atropela esses princípios teológicos quando afirma a imanência de Deus, isto é, Deus de fato está aqui em nosso meio, mas ao mesmo tempo nega a sua transcendência quando faz desaparecer a sua soberania. Deus passa a se comportar como um mero mortal. Dentro dessa concepção, a ação de Deus se assemelha à de um garçom que vive para servir seus clientes sempre exigentes.

O perigo de transformar o sujeito em objeto

A teologia da barganha tem a rara capacidade de transformar aquilo que é sujeito em mero objeto. Transforma gente em mercadoria e a fé em um grande negócio. O próprio ser humano é coisificado e transformado em uma mercadoria. Zygmunt Bauman (2010, p. 33) descreve a cultura de hoje como

> feita de *ofertas,* não de *normas*. Como observou Pierre Boudieu, a cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/ desejos/ exigências, não de coerção. Essa nossa sociedade é uma sociedade de consumidores.[159]

Observa-se hoje que muitos pregadores da mídia e fora dela mantêm seus ministérios não para a glória de Deus, mas para atenderem a uma demanda do mercado. E um evangelho que procura satisfazer vontades, e não necessidades. O culto que à luz da Bíblia deve ser em torno de Deus, o nosso objeto de culto, passa agora ser agora o culto ao objeto. Isso quer dizer que os bens materiais passam a ser a razão de viver das pessoas. E a adoração à criatura em vez do Criador (Rm 1.24).

A fetichização dos símbolos religiosos

Simples objetos passam agora a ter um grande "poder mágico". A água não passa de uma combinação de elementos químicos em sua fórmula, mas se ela foi retirada do rio Jordão e consagrada sete sextas-feiras na campanha da prosperidade, então ela agora é "muito forte" para a operação de um milagre. Uma toalha não passa de uma pequena peça de pano, mas se ela tiver enxugado o rosto do homem de

---

[158] GRENZ, Stanley. *Dicionário de Teologia.* São Paulo: Editora Vida, 2007.
[159] BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário.* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

Deus, então agora ela está energizada e pode fazer coisas inimagináveis. O dízimo e as ofertas são reconhecidos como deveres para os cristãos, mas se eles forem enviados para saldar as dívidas do programa de televisão que ameaça a todo instante sair do ar, então eles ganham o *status* de semente que foi plantada. A promessa é que após certo tempo se converterá em grandes bênçãos para quem o enviou. Essa prática assemelha-se a velha idolatria que fazia um simples pedaço de pau ganhar o *status* de deus (Is 44.14-17).

O perigo da espiritualidade fundamentada em técnicas, e não em relacionamentos

A teologia da barganha tem como efeito colateral a transformação do relacionamento com Deus em algo meramente técnico. Para que gastar horas buscando a Deus em oração se é possível encurtar o caminho por meio de fórmulas de fé que têm o poder de colocar Deus na parede? A fé reduz-se a uma fórmula e Deus a um bem de consumo. O relacionamento com Deus deixa de existir e é substituído por um jogo de interesses em que se objetiva levar vantagem em tudo. Esse ensino nefasto tem o mérito de transformar a vida cristã em algo meramente superficial. Aquilo que Paulo ensinou sobre a piedade (1 Tm 4.7) perde a sua razão de ser para se tornar uma mera formalidade.

Não podemos cair na tentação de querer barganhar com Deus. Isso por uma razão bastante simples: não temos nada de real valor para propor em troca. O profeta Isaías chegou a afirmar que até os nossos mais altos atos de justiça não passam de trapos de imundície diante dEle (Is 64.6). Para sermos abençoados, necessitamos dEle, que em nenhum momento se nega a nos abençoar, desde que demonstremos a atitude correta diante de sua face (2 Cr 7.14).

13

Capítulo

O VIVER EM PLENITUDE — MUITO ALÉM DAS TEOLOGIAS DA PROSPERIDADE E DA MISÉRIA

Justo Gonzalez, historiador da Igreja e teólogo, ao fazer um mapeamento sobre a pobreza na história do cristianismo, observou que

> a tradição cristã sempre sustentou que a pobreza, no sentido literal de carecer dos recursos necessários para a vida como o alimento, o abrigo, as vestes, etc., não é resultado da vontade de Deus, mas do pecado — mesmo que não necessária ou exclusivamente o pecado dos pobres. Na literatura patrística, em geral, fala-se da pobreza como resultado da riqueza extrema e do uso egoísta do poder por parte de alguns e exorta, repetidamente, os cristãos a comparti- lharem seus bens com os necessitados. Durante a Idade Média, tais exortações eram tão radicais como foram antes e, portanto, limitava-se a convidar os ricos a darem esmolas aos pobres. Depois da Reforma, conforme o capitalismo se desenvolveu, popularizou-se a ideia segundo a qual os pobres o são como resultado de suas decisões, de sua desídia e de sua falta de criatividade, enquanto os ricos o são graças às próprias boas qualidades.[161]

Essas palavras de Gonzalez nortearão a nossa reflexão sobre a prosperidade neste capítulo. E fácil perceber que dentro da tradição cristã quando o assunto tratado é um viver próspero, quer seja através da posse de bens materiais, quer seja através do desfrutar de saúde plena, não há unanimidade de pensamento. Muitos acreditam que uma vida

---

[161] GONZALEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia.* Editora Hagnos, 2009.

abundante deve suprimir toda dor, pobreza e sofrimento. Por outro lado, outros acreditam que não se deve possuir nenhum bem material, mas viver em completa pobreza. Todavia a resposta para esse conflito de ideias passa necessariamente por um entendimento correto sobre o valor das realidades material e espiritual. Como um ser com espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23), o homem possui necessidades tanto materiais como espirituais. A vida abundante não nega o valor dos bens materiais, afirmando a supremacia do espírito sobre a matéria, e, dessa forma, considerando pecado a aquisição de bens ou posses. Por outro lado, não nega também o valor das coisas espirituais, afirmando que a matéria seja a única realidade existente e que a busca dos valores espirituais são desnecessários. A Bíblia mostra a necessidade de se buscar um equilíbrio entre essas duas realidades.

Não podemos negar a realidade material

Tudo a nossa volta é formado de matéria. A física quântica revela que até mesmo a luz, que é formada por partículas (*fótons*), é material.[162]Não há como fugirmos da realidade da matéria. A Bíblia ensina que o homem também é feito da matéria (Gn 2.7). Dinheiro, bens e posses são coisas extremamente materiais. Mas será que há algum mal em possuir dinheiro, riqueza ou posses simplesmente por se tratarem de bens materiais? Não há nada na Escritura que condene o crente possuir dinheiro, bens e ser próspero. Na realidade, a Escritura mostra princípios que devem conduzir o cristão a uma vida que prime pelo contentamento. A Bíblia condena o "amor ao dinheiro" e põe esse "amor" como sendo a raiz de todos os males (1 Tm 6.IO).[163] Mas o

---

[162]"*As* noções de que massa é uma forma de energia e a velocidade da luz é a velocidade máxima de propagação de um sinal contribuíram para uma nova compreensão da estrutura da matéria, para o surgimento de uma nova ordem, uma nova medida, o que mudou completamente a visão da natureza" (MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente.* 13ed. Campinas: Editora Papirus, 2007).

[163]"Com dinheiro, pode-se comprar uma casa, mas não um lar; com dinheiro, pode-se comprar uma cama, mas não o sono; com dinheiro, pode-se comprar um relógio, mas não o tempo; com dinheiro, pode-se comprar um livro, mas não o conhecimento; Com dinheiro, pode-se comprar comida, mas não o apetite; Com dinheiro, pode-se comprar posição, mas não respeito; Com dinheiro, pode-se comprar sangue, mas não a vida; Com dinheiro, pode-se comprar remédios, mas não a saúde; Com dinheiro, pode-se comprar sexo, mas não o amor; Com dinheiro, pode- se

dinheiro é algo extremamente material e necessário ao ser humano. Dinheiro aqui não deve ser entendido apenas como aquilo que serve como moeda de troca, mas como algo capaz de satisfazer as necessidades básicas do ser humano. Quando o assunto é a posse de bens materiais, o crente deve buscar um viver equilibrado (Pv 30.8; 1 Tm 6.8). A teologia da prosperidade peca por induzir o cristão a viver numa vida de total riqueza e saúde; por outro lado, a teologia da miséria nega a possibilidade de uma vida feliz ao lado de bens materiais (At 17.12). Uma empurra o crente para o materialismo enquanto a outra para um espiritualismo sem fundamento bíblico.

Vimos que as seitas da mente negam a realidade da matéria ou a consideram como um empecilho ao desenvolvimento humano. Não devemos negar a realidade da matéria nem tampouco que o dinheiro não seja importante para o nosso viver (Gn 33.19). Há méritos em possuir dinheiro como também existem deméritos. Jesus usava dinheiro com o propósito de ajudar o próximo, mas Judas da mesma forma o usava com propósitos egoístas (Lc 8.3; Jo 12.6). Uma postura correta é buscar um viver equilibrado tomando por base aquilo que a Escritura ensina sobre o viver próspero. Todavia, a prática tem mostrado que quando se trata da busca por orientação financeira, muitos cristãos não têm tido o cuidado de verificar as fontes dessas instruções.[164] Napoleão Hill (2009, p. 72, 73), por exemplo, ensina como influenciar o subconsciente em direção à riqueza:

---

comprar pessoas, mas não amigos; Dinheiro não é tudo, aliás, não é quase nada" *(As Sete Chaves do Dízimo — Segredo a Ser Descoberto,* de Jerônimo Casques).

164 Nos últimos anos multiplicou-se o número de literatura ensinando como prosperar financeiramente. No livro *Pai Rico, Pai Pobre — O que os Ricos Ensinam a seus Filhos sobre Dinheiro,* o autor Robert T. Kiyosaki procura ensinar o leitor como despertar o seu gênio financeiro. O livro de Kiyosaki é recheado de máximas bem interessantes, que foram tiradas dos contrastes existentes sobre os conceitos de riqueza e pobreza. O Pai Rico é aquele que aprendeu a pensar financeiramente; possui um QI financeiro. Esse enriquece! Por outro lado, o Pai Pobre reflete o senso comum sobre o processo de aquisição de riquezas; representa a mente tradicional e acomodada. Morre pobre! Todavia, ainda nas primeiras palavras de Kiyosaki percebe-se que a sua tese apresenta problemas. Ele coloca na boca do Pai Pobre as palavras: "O amor ao dinheiro é a raiz de todo mal" e na boca do Pai Rico a frase contrastante: "A falta de dinheiro é a raiz de todo mal" (p. 21). Há muitos outros exemplos contrastando o que pensa o Pai Rico e o que Pensa o Pai Pobre. O problema com a tese do autor está no fato de que quem afirma que "o amor ao dinheiro é a raiz de todo mal" não é o Pai Pobre, mas a Bíblia Sagrada (1 Tm 6.10).

> Nenhum pensamento consegue penetrar o subconsciente sem a ajuda do princípio da autossugestáo, exceto aqueles captados do éter. Em outras palavras: todas as impressões percebidas através dos cinco sentidos são in- terceptadas pela mente pensante CONSCIENTE, podendo ser passadas ao subconsciente ou rejeitadas. A faculdade consciente serve, portanto, como anteparo ao subconsciente.
>
> A natureza fez o ser humano de modo que tivesse ABSOLUTO CONTROLE sobre o material que atinge o subconsciente através dos cinco sentidos. Nem sempre, porém, ele consegue EXERCER esse controle. Na maioria das ocasiões, de fato NÃO o exerce, o que explica por que tanta gente atravessa a vida na pobreza [...]
>
> [...] No último dos seis passos descritos nos capítulos sobre o desejo, você recebeu a instrução de ler em VOZ ALTA, duas vezes por dia, diariamente, a descrição feita POR ESCRITO do seu DESEJO POR DINHEIRO, VENDO-SE E SENTINDO-SE JÁ em posse do dinheiro. Ao seguir essas instruções, você comunica o objetivo do seu DESEJO diretamente ao SUBCONSCIENTE, em um espírito de FE absoluta. Com a repetição desse procedimento, criam-se voluntariamente hábitos de pensamentos favoráveis aos seus esforços de transformar o desejo em equivalente monetário.[165]

Hill é um dos gurus mais lidos quando o assunto tratado é a prosperidade financeira. Seu livro *Think and Grow Rich,* traduzido em português com o título *Quem Pensa Enriquece,* já vendeu mais de 30 milhões de exemplares em todo o mundo. Muitos autores protestantes já fizeram uso do material de Napoleon Hill para fundamentar teses sobre o poder da mente sobre o mundo material.[166] Mas de onde Hill foi buscar as informações que prometem tirar as pessoas do estado de pobreza nas quais se encontram? Ele mesmo responde:

> Com freqüência tenho tido provas de que amigos invisíveis pairam sobre mim, impossíveis de perceber pelos sentidos normais. Em meus

---

165 HILL, Napoleon. *Quem. Pensa Enriquece [Think and Grow Rich],* São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2009.

166 No livro *A Lei do Triunfo,* de Napoleon Hill, na décima sexta lição, intitulada de "A Regra de Ouro", encontramos a citação que subordina a própria Bíblia às leis do pensamento: "Ora é precisamente na concepção do poder criador do nosso pensamento que se baseia toda a Bíblia. Se náo fosse isso, o que significaria *ser salvo pela fé? A.* fé é essencialmente o pensamento; e assim sendo, toda prece para alcançar a fé em Deus é uma súplica para confiarmos no poder do nosso próprio pensamento acerca de Deus. A Bíblia inteira nada mais é do que uma glori- ficação do poder criador do pensamento" (HILL, Napoleon. *A Lei do Triunfo.* 32 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, p. 703).

> estudos descobri que há um grupo de estranhos seres que dirigem uma escola de sabedoria...
>
> A Escola tem Mestres que podem desencarnar e viajar instantaneamente a qualquer lugar que escolham... para transmitir conhecimento diretamente, por voz...
>
> Eu sabia que um desses Mestres tinha viajado milhares de milhas, durante a noite, até o meu escritório...
>
> Não vou registrar cada palavra que ele disse... muito disso já lhe foi apresentado nos capítulos deste livro e ainda será em capítulos subsequentes.
>
> "Você conquistou o direito de revelar a outras pessoas um Segredo Supremo", disse uma voz vibrante. "Você esteve sob a direção da Grande Escola... Agora deve dar ao mundo um plano.[167]

Fica evidente que os demônios estão por trás de todo esse ensino que fomenta o desejo por "sucesso" e "prosperidade". Essa mesma proposta de tornar o homem mais "sábio', rico e famoso já havia sido feita por Satanás ao primeiro casal (Gn 3).

A matéria superestimada

Não podemos negar a realidade da matéria, mas tampouco podemos superestimá-la. O século XX foi marcado pelo progresso da ideologia comunista, que superestimou a realidade material. Mesmo tendo caído o muro de Berlim no final dos anos 80, o que sinalizou o fim da ideologia marxista, ainda existem hoje países cuja ideologia superestima a realidade material. Na verdade, o marxismo, que foi uma ideologia difundida pelo teórico Karl Marx, pregava a realidade das coisas materiais e a supressão das coisas espirituais. Marx dizia que a única realidade existente era a material. E por isso que nos países de ideologia comunista como, por exemplo, China e Cuba, ainda hoje o fator religioso é considerado algo perigoso e subversivo. Karl Marx chegou até mesmo a dizer que a religião era o ópio (droga) do povo. Os filósofos materialistas acreditam que toda religião serve somente como aparelho ideológico do Estado e está a serviço dos seus governantes, que a usam para manipular as massas. Assim sendo, todo fator religioso deve ser combatido e até mesmo suprimido.

---

[167] HILL, Napoleon. *Grow Rich With Peace of Mind,* conforme citado por Dave Hunt em *A Sedução do Cristianismo* (Porto Alegre: Editora Chamada da Meia Noite).

De acordo com Marx, o capitalismo por sua própria natureza econômica causará a exploração dos trabalhadores. Marx argumentava que o capitalista sempre lucra com a venda de um determinado produto porque o vende com um valor superior àquele que de fato merece. Assim ele obtém com o resultado da sua produção um valor muito superior àquele que de fato investiu. Marx chamava esse processo de *mais-valia,* isto é, um ganho maior do que aquele que se obteria caso o produto fosse negociado em uma troca normal.

Leo Huberman (2010, p. 126) exemplifica esse processo da seguinte forma:

> Dois homens esperam na fila para comprar entradas para o espetáculo. Cada um paga $ 9,90 por três poltronas. Ao se afastar da bilheteria, um deles se reúne a seus dois amigos. Entram no teatro, sentam-se e esperam que o pano se levante. O outro homem deixa a bilheteria, coloca-se na calçada em frente ao teatro, e com as entradas na mão, aborda os transeuntes: "Quer um lugar no centro para hoje?" — pergunta. Pode ser que acabe vendendo as entradas (por $ 4,40 cada) ou pode ser que não venda. Não importa.
>
> Há alguma diferença entre os seus $ 9,90 e os do outro homem? Há, sim. O dinheiro do Sr. Cambista é capital, o dinheiro do Sr. Frequentador de Teatro, não. Onde está a diferença?
>
> O dinheiro só se torna capital quando é usado para adquirir mercadorias ou trabalho com a finalidade de vendê-los novamente, com lucro. O Cambista não queria ver o espetáculo. Pagou $ 9,90 com a esperança de tê-los de volta — com acréscimo. Portanto, seu dinheiro tinha a função de capital.
>
> Da mesma forma, quando o pastor vendia sua lã a dinheiro, a fim de comprar pão para comer, não estava usando esse dinheiro como capital. Mas quando o negociante pagava o dinheiro da compra de lã com a esperança de vendê-la novamente a um preço mais elevado, usava o dinheiro como capital. Quando o dinheiro é empregado num empreendimento ou transação que dá (ou promete dar) lucro, esse dinheiro se transforma em capital. É a diferença entre comprar para uso (fase pré-capitaista) e comprar para vender com o objetivo de ganhar (fase capitalista).[168]

De acordo com a teoria de Karl Marx, essa busca desenfreada que os capitalistas promovem em busca dos lucros, acaba gerando um processo de competição entre si, e a consequência natural é o aumento

---

[168] *HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem — Do Feudalismo ao Século XXI. 22 ed.*

da produção além daquela que o mercado pode suportar. Esse aumento da produção, muito além da demanda, faz com que a diferença da produção não seja vendida. Isso geraria, no entender de Marx, as grandes crises econômicas, que teriam como efeito colateral o fechamento de fábricas e o aumento do desemprego. A riqueza estaria concentrada na mão de poucos enquanto o número do proletariado aumentaria cada vez mais.

Essa crise levaria os trabalhadores a se conscientizar de que o real direito à produção pertence a eles e descobririam que estariam sendo injustiçados. Essa conscientização levaria inevitavelmente a uma revolução do proletariado contra a classe dominante ou burguesa, gerando uma nova sociedade — a comunista. Essa sociedade comunista teria como características:

1. Abolição da propriedade privada;

2. Igualdade entre classes sociais;

3. Justiça social.[169]

Com essa teoria, Karl Marx superestimou a realidade material e acabou por suprimir a espiritual. Todavia, é um erro superestimar a matéria e suprimir as coisas espirituais como faz a ideologia materialista e o ateísmo (2 Rs 6.17). Na verdade, a pós-modernidade surgiu também como uma reação a essa forma de ver as coisas. A história da humanidade mostrou que a realidade material sozinha não foi capaz de garantir o bem-estar do ser humano. O homem não é apenas razão; também é emoção (1 Ts 5.23; 1 Co 14.13,14). Ele não é apenas material; é também espiritual (1 Co 15.44,46). Como ser espiritual, necessita de Deus. A prosperidade bíblica leva em conta tanto a realidade material como espiritual (3 Jo 2).[170]

Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora, 2010.

[170] A teoria marxista sofreu um duro golpe com a queda do regime comunista no leste europeu em 1989. Desde o ano de 1917, a antiga União Soviética era tida como o exemplo máximo do êxito do socialismo comunista no mundo. Com a queda do muro de Berlim e consequentemente o esfacelamento do regime comunista nas Repúblicas Socialistas Soviéticas, a teoria marxista entrou em colapso total. Alguns teóricos, numa demonstração erótica e saudosista do regime comunista, tentaram salvar as teorias de Karl Marx justificando que a ex-União Soviética, quando da implantação do regime era mais industrial do que rural. Na verdade, a teoria marxista fracassou por achar que o homem não regenerado, egoísta e pecador fosse capaz de construir um céu aqui na terra. O egoísmo e a fome pelo poder foram a causa da implosão do regime comunista. Os países

A pobreza como um ideal

Uma análise sobre o tema *pobres-pobreza*, feita por M. G. Mara leva à conclusão de que

> diante das exigências fundamentais da existência, o ponto de vista bíblico é o mais realista possível: não há aí nenhum elogio da pobreza em si mesma; a legislação não admite o pauperismo, aquela pobreza absoluta, que comportando uma condição de dependência, lembra a vida de escravidão no Egito, da qual Israel foi liberto. E significativo, sob este aspecto, o modelo do Êxodo: durante a peregrinação no deserto era impossível a divisão em classes sociais, já que todos eram virtualmente pobres e iguais. A legislação mosaica relativa ao tema da pobreza é composta de extratos diversos e talvez em alguns pontos (como o regaste dos escravos ao termo dos sete anos e a instituição do jubileu: cf. Ex 21.1-11; 23.11; Lv 25.3-9; Dt 15.1-18) é um projeto ideal mais do que uma norma efetiva.[171]

No contexto mais amplo do cristianismo, os teólogos têm visto a pobreza como uma das consequências da Queda. Parte-se do pressuposto de que a pobreza só existe em decorrência da entrada do pecado no mundo. No entanto, isso não quer dizer que se alguém é pobre, então necessariamente ele está em pecado.[172] A pobreza é uma

---

remanescentes do regime comunista, tais como a China e Cuba, tiveram que se abrir ao capital externo para poderem sobreviver. Por outro lado, deve ser destacado que não existe um sistema econômico, quer feudalista, comunista, quer capitalista, que seja divino. Possivelmente o capitalismo tem sobrevivido por mais tempo por se ajustar melhor à natureza humana que se satisfaz mais em "ter" do que em "ser".

[171] MARA, M. G. In: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.* Petrópolis: Editora Vbzes/Paulus, 2002.

[172] Zygmunt Bauman argumenta que "no mundo pós-moderno de estilos de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a "sujeira" da pureza pós-moderna. Uma vez que o critério da pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados fora como um "problema", como a "sujeira" que precisa ser removida, são *consumidores falhos*— pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser "indivíduos livres" conforme o senso de "liberdade" definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos "impuros", que não se ajustam ao novo esquema de pureza. Encarados a partir da nova perspectiva do mercado consumidor, eles são redundantes —

das consequências do pecado, mas não necessariamente dos pecados pessoais dos menos favorecidos (Pv 14.31; 17.5; 19.1; Jo 12.8). Assim é possível percebermos como essa forma de enxergar a pobreza vai se formando dentro da tradição do cristianismo. Os Pais da Igreja, por exemplo, acreditavam que a pobreza estava ligada a uma má distribuição de renda e a concentração do poder. Para eles essa situação poderia ser amenizada por meio da solidariedade dos mais abastados com os menos favorecidos.

É, sobretudo, dentro do monasticismo que se observa uma radicalização acerca da idealização da pobreza (Pv 30.8). Querendo fugir da opulência, a vida mendicante passa a ser vista como uma das mais importantes virtudes cristãs durante o período medieval. Os monges pregavam o abandono total dos bens materiais em prol de uma vida contemplativa. Para eles a riqueza atrapalharia o progresso espiritual. Mas a história revela que esse idealismo monástico sobre a pobreza não pôde manter-se em razão do aumento do prestígio dos próprios monges. Os pobres ficaram ricos!

A transformação da pobreza em estigma

Dentro da tradição cristã, nem sempre encontramos a pobreza sendo idealizada, mas também sendo estigmatizada. Com a Reforma Protestante e o advento posterior do capitalismo, outra forma de enxergar a pobreza se formou no seio do cristianismo. A pobreza passou a ser vista apenas como resultado da preguiça, de escolhas erradas e até mesmo falta de iniciativa e criatividade. Nesse contexto, as riquezas eram enxergadas como o resultado das qualidades pessoais dos ricos que as possuíam graças aos seus próprios méritos.

Essa forma de enxergar a riqueza como sendo um mérito do rico e a pobreza como sendo demérito do pobre, sem levar em conta o seu contexto sócio-histórico, radicalizou-se ainda mais em tempos mais recentes (Is 3.15). O pobre passou a ser acusado de pecado e a não possuir fé por se encontrar numa situação social menos favorável.[173]

---

verdadeiramente "objetos fora do lugar" (BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Moternidade.* Rio de Janeiro: Editora Zahar).

[173] Roland de Vaux observa que "o termo "rico" e "pobre" não implicam em si mesmo nenhuma qualificação religiosa". Entretanto, carregam-se de tal qualificação ao entrar em duas linhas con-

Essa é a visão prevalecente nas igrejas neopentecostais. Para elas, no entanto, essa situação pode ser resolvida facilmente, pois entendem que o crente só vive em pobreza se quiser. Acreditam que o crente é único responsável por sua situação, independentemente do contexto sócio-histórico em que vive (Tg 2.6; 5-4). Para mudar de vida, ele é convidado a entrar em uma das muitas campanhas de prosperidade. Nessas campanhas o crente é orientado que deve exercitar sua fé para mudar sua vida. Sendo a pobreza do Diabo, a ideia é fazer com que Deus tome do Diabo para dar novamente ao crente (1 Sm 2.7; Pv 14.31; Ag 2.8). Se algo der errado e o crente não receber nada, o culpado é ele que não tem fé ou até mesmo pode estar em pecado.

M. G. Mara (2002. p. 1.173) comenta que essa é a conclusão produzida por uma leitura superficial do Antigo Testamento:

> Se as bênçãos temporais são o sinal concreto da fidelidade de Israel a Deus, a pobreza é vista como maldição que cai sobre quem é infiel ou preguiçoso. A experiência, porém, mostra como a pobreza nem sempre é um castigo, mas muitas vezes acompanha a virtude: sobretudo nos Salmos os pobres são assimilados aos justos. Encontram-se assim muitos textos que, de uma parte, mostram como a sabedoria deve tender a realizar uma situação de "justo meio" (Pv 30.8,9), e, de outra, que desenvolvem ideias diferentes: muitos pobres sãos tais por serem vítimas da injustiça dos homens.[174]

Assumindo a nossa corporeidade

A cosmovisão pós-moderna provocou uma verdadeira reviravolta na forma de pensar da nossa cultura. O sagrado deu lugar ao profano e o eterno foi substituído pelo efêmero. Dentro desse contexto, o desejo de permanecer jovem ou parecer jovem favoreceu o aparecimento do culto ao corpo. O ancião de ontem é chamado de idoso hoje; e a velhice deu lugar à terceira idade. Isso parece estranho,

---

traditórias de pensamento. Segundo a tese da retribuição temporal, a riqueza é uma recompensa da virtude e a pobreza é castigo [...] outra linha de pensamento parte de uma experiência muito frequente e de fatos estigmatizados pelos profetas: há ricos malvados, ímpios, que oprimem os pobres, mas estes são amados por Deus, e seu Messias lhes fará justiça" (VAUX, Roland de. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2004).

[174] MARA, M. G. In: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.* Petrópolis: Editora Vozes/ Paulus, 2002.

pois dentro do contexto bíblico a velhice era vista como um símbolo de experiência e favor divino, e não algo a ser negado (Pv 20.29).

A busca pelo bem-estar físico passou a ser a principal obsessão dessa geração. Tudo agora passou a girar em torno do corpo. E mais importante queimar as toxinas do corpo do que expurgar os pecados da alma. Na verdade, a alma passou a ser algo extremamente estranho dentro dessa cultura. Dentro desse contexto, a alma passou a significar "bem- estar emocional", assim como o cuidado com o corpo passou a significar o "bem-estar físico". Nada de uma realidade que sobrevive a morte ou transcende as coisas materiais.

O cristão não acha necessário negar a realidade do espírito para reconhecer o valor do corpo. Nosso corpo é importante para Deus, pois a Bíblia revela que ele é o santuário do Espírito Santo (1 Co 3.16). Esse fato por si só já é uma razão mais do que suficiente para termos cuidado com nosso corpo. Paulo, por exemplo, reconhece o valor dos exercícios físicos (1 Tm 4.7). Devemos sim cuidar do nosso corpo, mas sem fazer dele o centro da nossa existência. Se estamos doentes, devemos buscar a cura divina ou socorro médico que objetiva o mesmo fim.

Essa inversão de valores, na verdade, é uma das principais características da cultura pós-moderna — a busca pelo sensível e corpóreo. O corpo passa a ser, quase que unicamente, a realidade existente.

Assumindo a nossa espiritualidade

A teologia da prosperidade conseguiu implantar na cultura evangélica a ideia de que o verdadeiro bem-estar espiritual não pode ser conciliado com qualquer forma de sofrimento. Se o crente está sofrendo, então não está sendo próspero. Talvez o único sofrimento ainda possível dentro dessa ótica seja aquele que ocorre em decorrência de uma perseguição religiosa. Sofrer, por exemplo, em consequência de uma enfermidade ou em decorrência de um revés financeiro demonstra decadência e falta de fé.

Todavia, a Bíblia mostrará que o sofrimento também tem seu lado pedagógico na vida do crente (SI 119.67). Em outras palavras, Deus também nos ensina por meio das adversidades, o que inclui também o sofrimento em determinadas circunstâncias da vida. Jó, por

exemplo, sofreu não em decorrência de um pecado pessoal ou por possuir uma fé fraca (Jó 1.1-3). R. C. Sproul (1998, p. 51) comenta:

> Jó implorou para que Deus respondesse a suas perguntas. Desesperadamente ele queria saber por que tinha sido chamado para suportar tanto sofrimento. Finalmente Deus lhe respondeu do meio do redemoinho. Mas a resposta náo foi a que Jó esperava. Deus se recusou a apresentar a Jó uma explicação detalhada das suas razões para o sofrimento. O conselho secreto de Deus não foi revelado a Jó. Em última análise, a única resposta que Deus deu a Jó foi uma revelação de si mesmo. E como se Deus tivesse dito: "Jó, Eu sou a sua resposta". Jó não foi chamado a confiar num plano, mas numa Pessoa, num Deus pessoal que é soberano, sábio e bom. E como se Deus tivesse dito a Jó: Aprenda que eu sou. Quando você me conhecer, saberá o suficiente para enfrentar qualquer coisa.[175]

Da mesma forma Paulo tinha o sofrimento como um dos instrumentos do Senhor para lapidar a sua vida espiritual. Para ele o sofrimento que passou era uma garantia de não se deixar possuir pelo orgulho (2 Co 12.7-10).

A prosperidade bíblica vai além da vida em total saúde ou riqueza, por reconhecer que o cristão passa por adversidades, doenças e reveses financeiros. Por outro lado, a prosperidade bíblica não possui apenas o lado espiritual; ela é também material. Não nega o valor dos bens espirituais por meio de uma idealização da pobreza, mas reconhece o direito às posses como bênçãos do Senhor sem, contudo, colocá-las como primazia em sua vida (Mt 6.33; 6.19.20)

---

[175] *SPROUL, R. C. Surpreendido pelo Sofrimento — Ouça o Chamado de seu Pai Amoroso para Suportar o Sofrimento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.*